

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2018 - SEM CORTES (CRÓNICAS 188 A 227 -2018)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)

Ficha técnica – Outras obras do autor:

LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS
2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas ISBN: 9781388351083
2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas
2018. Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf
2018. Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores-uma-circum-navegacao-vol-1--3%C2%AA-ed-2018.pdf
2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2'17, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL
2017. Poema "Maria Nobody" IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED.
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016, compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/
2015. Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015
2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016
2013. Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais
2012. Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0
2012, Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf
2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf
2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.
2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol-2-Historia-de-Timor.pdf https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992 http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf
2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, Crónicas Açores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-cores/oclc/357576846&referer=brief_results
2009, Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009
2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá, Ed. VerAçor.
2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dóres, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho" de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf - http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf
2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de "La familia: el desafío de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) (1ª ed.) http://www.ebooksbrasil.org/microrader/cronicasCA.lit http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor0.pdf
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&referer=brief_results http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-
1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&fq=&dblist=638&fc=ap:25&at=show_more_ap%3A&cookie
1991-2011 Yawuji Barra e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baia, ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf
1985 crónica X Aborígenes na Austrália https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf
1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidiano inutil.pdf http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-caj-Volume-3-4#scribd
1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Dili, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidiano inutil.pdf

Contacto do autor: (+351) 919287816 drchryschrystello@yahoo.com.au / chryschrystello@journalist.com

Crónica 0

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram "dois sistemas opostos diante da mente do mundo". E disse mais: "Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira". Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de "mágica". Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cétrica e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser "politicamente incorreto" já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um "idiota".

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da "civitas". Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

De facto, dali do topo da sua "falsa" (o nome micaelense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu "castelo" e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grosa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil.

Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumble título de *Crônicas: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma mãe, um lar.

E é sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência. Tal como George Steiner em "Os livros que não escrevi" não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queria ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crônicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma clareza e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quiçá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no "castelo" aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros

que li, sobretudo na infância e juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado de elitista. Nauseavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu "castelo" era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele. Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela "sorte", os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se "lixo é sempre o mexilhão", pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum "rapaz da sua idade". Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente. Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha. Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a nesga de mar que vislumbrava pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tomara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclar.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu "castelo" a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil] "

-- 11 h.

A correr do café com leite para o elétrico torrado.

Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

-- Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.

O pó é grátis

por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...".

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preterir a companhia deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, ainda que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram pautadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação. Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjeturarem toda uma conversa que se queria privada. Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fechasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369.

Dizia a lenda que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol, que é um Palácio de Verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de Verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruía por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.

Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento da filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal). Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas”, SporPress, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV. D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Cela Nova, filho do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbosa», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Morais Silva, 2.ª edição).

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos diretos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia. Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra.

A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal

agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o Verão já não as conheci. Consta que alguns membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores duma multinacional norte-americana¹. Entretanto, de tenra idade o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria uns 7 ou 8 anos, por volta de 1918) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul. Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me cético em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cônego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.

Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras. Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expectativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados – por exemplo – Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes.

Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto. A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto absteve-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada.

As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um "mono" demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.

Na casa do Amial havia uma criada ou "sopeira" como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.

¹ (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

Em 2005 numa conferência no ISAG Porto quase enfureci a assistência de catedráticos ao dizer que não gostava que a maior parte dos professores que a minha mulher estava a formar na ESSE IPB em Bragança viessem a ser professores do meu filho mais novo. Salvo poucas e honrosas exceções (e a culpa nem era deles) estavam tão incultos e impreparados que seriam uma desgraça como professores. Isso foi em 2005, hoje, aquela premonição peca por otimista. Em 2005 o meu filho mais novo chegou a S Miguel para acabar a antiga 4ª classe (4º ano de escolaridade) e no primeiro ano regredira já em tudo à medida que se integrava neste meio escolar. Desde há muitos anos (décadas) que venho propugnando para que aos maus professores, incompetentes, impreparados sejam facultadas ações de formação obrigatórias e caso não se adaptem que sejam expurgados da classe.

Defendo a meritocracia que vivi na Austrália que premeia os resultados e os esforços (mesmo que seja fora da caixa = *outside the box*) em vez de termos umas avaliações de professores, tipo faz-de-conta, que ninguém quer e para nada servem. Lamento, mas nem todos nasceram para ensinar.... Também, ao contrário do que vem sendo anunciado desde 1974, nem todos nasceram para aprender.

Nesta fase de rápida mudança, assistimos a um ensino que se assemelha ao do século XIX, mas sem os castigos corporais, as orelhas de burro, as palmatoadas, etc. Assiste-se a um total desrespeito pela Escola e pelos professores, quer por alunos, por pais e pela sociedade em geral. De ano para ano assiste-se a um menor rendimento e preparação dos alunos, e creio que tal se deve ao desaparecimento da velha guarda de professores primários da Escola do Magistério.

Depois, há a necessidade e a obrigatoriedade passar os alunos, custe o que custar. Recentemente, surgem, cada vez mais, casos de alunos com necessidades especiais que servem para justificar a integração nos quadros de pessoal docente com curtos cursos de "necessidades especiais".

Os professores são tradicionalmente avessos à mudança, não se cultivam nem fazem formação pessoal e profissional capaz (e a culpa nem é só deles), gostam de engranar a sua rotina de ensinar e repetem modelos exaustos, anualmente modificados, alterados, atualizados...por outro lado, cada vez tem menos tempo para ensinar e preparar aulas, gastam enormidades de tempo em reuniões improfícuas sobre tudo e mais alguma coisa além das constantes alterações da tutela. Os alunos de meios desfavorecidos (rurais ou urbanos) não têm ao seu alcance alternativas de ensino, andam contrariados, desmotivados e muitas vezes não querem mesmo aprender....

O resto direi noutra altura...

CRÓNICA 189 1º DE MAIO 2018

Dizem os noticiários que hoje é dia 1 de maio – importante data que celebra o dia do trabalhador nalguns países.

O Dia do Trabalhador, Dia do Trabalho ou Dia Internacional dos Trabalhadores é uma festa internacional cuja origem é a campanha dos trabalhadores pela redução do tempo de trabalho a uma jornada de oito horas, no fim do século XIX. É celebrado anualmente no dia **1º de maio** em quase todos os países do mundo.

No período entre-guerras, a duração máxima da jornada de trabalho foi afinal fixada em oito horas na maior parte dos países industrializados. Por essa razão, o Primeiro de Maio tornou-se um dia de celebração dos trabalhadores e trabalhadoras em quase todo o mundo, tornando-se também uma data de importantes manifestações do movimento operário.

Em Portugal, só a partir de maio de 1974, após a Revolução dos Cravos, é que se voltou a comemorar livremente o *Primeiro de Maio*, e este passou a ser feriado. Durante a ditadura do *Estado Novo*, a comemoração deste dia era reprimida pela polícia. O Dia Mundial dos Trabalhadores é comemorado em todo o país, com manifestações, comícios e festas de carácter reivindicativo, promovidos pela central sindical CGTP-IN (Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical) nas principais cidades de Lisboa e Porto, assim como pela central sindical UGT (União Geral dos Trabalhadores).

Diz a Wikipédia (vá-se lá acreditar no que se lê na internet) que no Algarve, assim como na Madeira e nos Açores, é costume a população fazer piqueniques, e são organizadas algumas festas alusivas à data.

Aqui na costa norte da ilha de São Miguel Arcanjo, Açores, pelas oito horas da manhã já os padeiros distribuíam pão, os vaqueiros há várias horas que estavam na ordenha das vacas, o pessoal da NOS batia-me á porta para pedir autorização para passarem um cabo na parede, o minimercado estava aberto (só fecha em feriados que são dias santos), o pessoal continuava todo na sua labuta como se de um dia normal se tratasse, e se não tivéssemos recusado até a empregada doméstica teria vindo trabalhar. Conteí isto apenas para dizer que há coisas nesta aldeia (senhor, por favor chame-lhe freguesia) que me fazem lembrar Trás-os-Montes no mais retrógrado dos anos 1950 a 1970. Seria de esperar 44 anos depois do golpe de estado de abril 1974 (a dita revolução dos cravos) que algo tivesse evoluído, aliás, a empregada doméstica usa o Facebook e outras tecnologias no seu smartphone última geração. Mas pelo que vi, neste dia sagrado para os que trabalham, este feriado de nada serve.

Já na vizinha Maia, um pouco mais evoluída, fizeram desfiles da velha tradição dos "maios" em homenagem à sua fundadora Inês da Maia.

Diz a agência Lusa:

A Casa do Povo da Maia construiu um "Maio" gigante, uma tradição associada nos Açores ao Dia do Trabalhador, para homenagear a "primeira aldeã e fundadora" da freguesia. Os "Maios" são figuras² que representam pessoas, em tamanho natural, vestidos com trajes rurais, mas também urbanos, surgindo em grupo ou isoladamente e representando cenas do quotidiano, sendo colocados nas portas e janelas das habitações, bem como em espaços públicos, como jardins, e em instituições diversas.

Cada vez mais os "Maios" têm sido usados para a sátira social e política através de cartazes que são colocados junto das figuras, tendo a tradição, segundo os historiadores, origem em antigos ritos e cultos agrários, praticados pelos açorianos, visando assinalar o final do inverno e a chegada da primavera. A Casa do Povo da Maia, no concelho da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel, pretende "não só perpetuar a tradição dos Maios, como também homenagear o seu povo e a fundadora da freguesia, Inês Maia, simbolicamente representada num Maio Gigante "amigo do ambiente".

Integrada no Plano Estratégico de Literacia Turística da Maia, a iniciativa contempla também uma visita aos Maios da freguesia, na companhia da sua fundadora, pretendendo-se "reforçar a sua herança cultural coletiva". A entidade promotora do evento quer "dar a conhecer às populações a sua história" e homenagear os locais, "cuja capacidade de trabalho é de todos conhecida, colocando a Maia nos roteiros culturais e turísticos" dos Açores, continente e diáspora portuguesa".

O evento contemplava um desfile com a participação de 14 instituições e dois particulares, sendo que as mulheres surgirão de preto, com lenços coloridos, enquanto os homens usarão trajes alusivos aos trabalhos agrícolas ou da pesca, como camisas, calças, barretes ou chapéu de palha. A par da carrinha com o "Maio" Gigante de Inês Maia, terão lugar as atuações do Grupo de Cantares da Casa do Povo da Maia, da Banda Lira Do Divino Espírito Santo da Maia e do grupo Stomp, constituído por 19 alunos e duas professoras da Escola Básica Integrada da Maia, colaboradores da Casa do Povo da Maia, grupo de jovens e grupo de teatro. Houve ainda uma exposição sobre as profissões tradicionais da Maia, e durante o evento foi servido com os tradicionais biscoitos da Maia um chá da fábrica da Gorreana. (Lusa)

Tem sido um ano para esquecer no campo da saúde. A Helena em finais de janeiro adoeceu, ficou mal, esteve hospitalizada uma semana com uma infeção pulmonar, quase sem se mover e com enormes dificuldades respiratórias e outras. Recuperou ao ponto de no fim das férias da Páscoa regressar às aulas, e à fisioterapia respiratória, para um mês depois ter nova recaída e estar em casa profusamente medicada e á espera que venham trazer O₂ para ter em casa... um tormento que a todos preocupa e ia pondo em risco a presença da direção no 29º colóquio em Belmonte, não fosse o nosso filho João ter ficado com ela enquanto me ausentei. Recusa reformar-se e quer continuar a perseverar. A ver vamos como acaba este problema que nos consome a todos, psíquica e fisicamente.

O mundo continua louco como já nos vamos habituando, quer a nível climático quer a outros níveis, com a promessa do fim da guerra das Coreias que durava desde a década de 1950. Entretanto morreram inúmeras personalidades de todos os quadrantes literários, artísticos e outros, sendo o mais recente (maio 2018) no Pico do decano (102 anos) do jornalismo açoriano, o Ermelindo Ávila que em 2011 fez questão de esperar na fila por um livro meu autografado (CrónicaAçores vol. 2) e no Natal vira publicado o seu último volume de Histórias.

Manter a mente sã neste conluio doentio que me circunda só foi possível por me ter afincadamente dedicado a organizar o terceiro volume de CrónicaAçores, fazer um livro de poemas com fotografias do porto pela Fátima Salcedo, compilar o sexto volume de poesia (Crónica do quotidiano inútil vol. 6), rever e reorganizar o novo livro de D. Ximenes Belo Missionários açorianos em Timor (vol. 2) para que consegui o patrocínio da Câmara Municipal de Ponta Delgada, entre as habituais diligências organizativas do colóquio 29º na Páscoa em Belmonte e o 30º em outubro na Madalena do Pico.

Desabafados estes escolhos que o dia a dia nos proporciona assinala-se que a minha mãe completou em março 95 primaveras, com a memória, imensamente debilitada, mas sem se descompor e fingindo nada ser...

O João que tão contente andava na segunda parte do seu estágio numa empresa canadiana aqui sedeada na Lagoa, foi dispensado três meses antes de acabar o estágio por não terem trabalho de programação para lhe darem, ao abrigo do programa estagiar-T subsidiado pelo governo regional. Isto em simultâneo com um namoro estragado a que pôs fim abalou-o, restando a compensação de ter conseguido pagar o seu Smart com que se pode deslocar agora.

Gostava de ter coisas mais importantes ou mais alegres para narrar, além do começo da vinda da Delta Airlines em maio 2018 com 5 voos semanais Nova Iorque - Ponta Delgada ou seja quase mil americanos por semana...mas perdemos os apoios da SATA para os colóquios (era um desconto de seis bilhetinhos a 90% a que cresciam todas as taxas), pois como é do conhecimento público, os políticos locais mesmo sem viajarem da Assembleia da República para os Açores recebem 500 euros de ajudas de custo semanais.

Se se deslocarem uma vez descontam 134 € aos dois mil mensais recebidos...bela negócio, quando for grande quero ser político! Houve frenesim, mas o esquema que vem de 1989 é infelizmente legal apesar de imoral e escandaloso... e de esquemas andamos todos fartos... por isso, o preço dos combustíveis continua a subir sem ter nada a ver com o preço do crude oil...em Portugal a cada 90€ pagos de combustível 56€ são de impostos...isto leva-me sempre a questionar como é que num país tão pequeno cabem tantos ladrões...

Nem comento: um português tem de trabalhar quatro meses para auferir o mesmo que um seu homólogo dinamarquês...

Com rendimentos mais reduzidos estiveram os estados bálticos Estónia, Letónia e Lituânia, ou países como Polónia, Hungria e República Checa. Lituânia, Roménia e Bulgária.

As maiores remunerações europeias são a Dinamarca – com 3 807 euros, quase duas vezes mais a média europeia -, e o Luxemburgo, país onde vive uma grande comunidade de portugueses e onde o salário médio é de 3 228€. Irlanda, Holanda, Finlândia, Alemanha e Suécia tiveram salários a rondar os 2 700€.

Numa nota menos sóbria, a múmia ex-presidente Cavaco e Silva apela ao voto contra a eutanásia pois não quer que o matem já... como escreveu Charles Bukowski "algumas pessoas nunca fazem loucuras, que vidas horrorosas devem levar!" Eu já fiz uma loucura certas vezes, mas o meu médico aconselhou-me a evitar essa perversidade de desdizer a minha mulher. nunca se deve contrariar a mulher, exceto se for a mulher do próximo e não a do próprio.

Neste mundo onde todos usam máscaras é um privilégio ver uma alma...

Para o bem da saúde, existem exemplos do reino animal que urge copiar, um coelho salta e só vive 8 anos, um cão corre e vive 15 anos, mas as tartarugas não saltam nem correm e vivem 150 anos...vou repensar a minha vida, embora tenha de me preocupar mais com a notícia de que a polícia argentina alega que os ratos comeram meia tonelada de droga apreendida. Ou os ratos seriam outros?

Sempre que se corrige um idiota ele fica fútil. Não adianta discutir com idiotas, eles ganham sempre pois têm mais experiência e para discutir devemos escolher sempre alguém que saiba ouvir, caso contrário será um solilóquio e não um diálogo.

E nesta vida como dizia Jack Kerouac "... está tudo em desordem. Os cabelos, o leito, as palavras, a vida, o coração."

Apetece imaginar que nos biliões de galáxias e de planetas que há por esse universo infindo um dia se encontrará um homem humano em vez dos desumanos que nos rodeiam, roubam, enganam, vigarizam, exploram e oprimem, o pior é que depois acordo sempre. Tudo o que é diferente incomoda sempre quem sempre é igual.

Embora a doença da Helena tenha sido a maior preocupação destes meses, o mundo tresloucado em volta não tem dado tréguas, o país sem dinheiro, os Açores sem dinheiro, a gasolina a subir pela décima semana consecutiva com o preço do crude a baixar, os professores sem terem a reposição de carreiras há anos congeladas, a TV a vomitar ódio misturado com futebol e intriga, horas, semanas, meses a fio, as pessoas a olharem para os seus smartphones sem se preocuparem com o mundo que as cerca absortas que estão... e a colocarem notícias no Facebook de todas as inutilidades das vidas delas... isto sem esquecer que as imagens que colocam delas, as "selfies" são reconhecidas como uma forma de transtorno mental por psiquiatras...

Quando alguém em tempos idos me perguntou porque razão Portugal era tão irrelevante hoje em dia depois das grandes conquistas dos séculos XV e XVI, eu comecei a fala da antiga China Imperial, da Grécia clássica, do Império Romano, Otomano e outros para dizer que a saída dos judeus foi a mais forte golpada intelectual dos portugueses, solidamente seguida pela Santa Inquisição, por 48 anos de censura ditatorial, e nestes últimos anos pela saída dos mais válidos e aptos que insistem em emigrar para países onde o seu valor e criatividade são reconhecidos.

É como dizer que ficamos com o refúgio e com esses não se conseguem fazer boas omeletes... enquanto a base genética não for enriquecida, e rejuvenescida (o país está extremamente envelhecido) continuaremos a ser assim. E como é verão chegou a altura de abandonarmos animais domésticos e velhos, uns nas estradas outros em hospitais e asilos...

Antigamente, muito antigamente, quando os velhos estavam no fim da vida, os filhos pegavam neles e iam deixá-los a um local distante e ermo, a fim dos pais ali morrerem.

Era a forma de se libertarem dos que, uma vez inválidos, já não podiam contribuir para o sustento da casa, tornando-se, pois, um fardo para todos. Uma vez, um velho estava para morrer. Nada mais havendo a fazer, o filho pegou nele e foi levar o pai ao tal local, para que ali morresse. Quando lá chegaram, o filho pousou o pai sobre um colchão de junco e despediu-se do velho. Então, para não se sentir tão mal, pegou numa manta de lã e disse-lhe:

"Pai, vou cobri-lo com esta manta, para que não tenha tanto frio."

Ao que o pai respondeu:

"Não! Corta a manta ao meio e deixa-me só metade. A outra metade, leva-a para casa e guarda-a, para o dia em que o teu filho vier trazer-te aqui".

Mal terminara o velho de dizer aquelas palavras, o filho, sentindo um baque no peito, tornou a agasalhar o seu pai, pegou nele ao colo e trouxe-o de volta a casa, cuidando dele até ao fim.

Daí em diante, nunca mais ninguém foi levar nenhum velho ao tal local distante e ermo e todos passaram a morrer assistidos, com os filhos e as famílias ao redor.

P.S. Foi o meu Avô quem me contou esta e muitas outras histórias. [no Facebook por [Ricardo Alves Gomes](#)]

45 postos de trabalho por 7,4 milhões e 2 campos de golfe para 150 mil habitantes jogarem golfe?...será cada posto de trabalho 164444€... não era mais barato pagarem o desemprego ou formação aos trabalhadores?

Numa terra onde a cultura recebe tostões, o que se não poderia fazer com aquele dinheiro? Nós nos colóquios da lusofonia precisamos anualmente de vinte mil euros para dois colóquios, um cá nas ilhas e outro fora...como nós há recitais, há concertos, há outros simpósios, outras atividades culturais que sobrevivem com uma pequena e sempre esticada manta de retalhos de poucos milhares de euros para ações bem meritórias no campo da cultura e que poderiam beneficiar daquele apoio bem dividido.

Claro que provavelmente estou a falar de cultura de elites para elites..., mas, alto lá, golfe? Nem é cultura nem é bem desporto e quanto a elites estamos falados, numa terra com uma mão cheia de praticantes normais de golfe... E que eu saiba com tanto campo de golfe por esse mundo fora, quem vem aos Açores (São Miguel) jogar golfe? Os que recebem apoios e mordomias para virem cá...

Claro que temos inveja desses milhões, que nem sei se são desbaratados ou mal gastos, mas digamos, que seriam uma prioridade muito pouco prioritária...

Se me dessem esses milhões para dividir pelas instituições culturais que descrevi poderíamos criar mais do que 45 empregos e poderíamos trazer outros escritores, artistas, músicos ao arquipélago.

E se depois deste desabafo não me derem mais nada já sei a que se deve a penúria de apoios. Como dizia a este respeito, há dias, essa excecional voz açoriana que é a Helena Castro Ferreira

"Os 13 milhões do centro de artes contemporânea mais o que gasta por ano só para se manter aberto, também ainda me doem..."

A mim dói-me isto e tudo o mais, ao ver o que se gasta na contratação de artistas de música "pimba" (claro que têm todo o direito à existência e a terem a sua larga audiência) mas que pouco contribuem para a educação musical do povo.

A diferença é que a cultura elitista a que pertencem intelectuais e artistas dá poucos votos e a cultura d'emaças, como o próprio nome indica, atrai sempre votos, salvo no caso de agosto 2013 na Lomba da Maia em que se gastaram 17 mil euros para trazer o Quim Barreiros e isso não chegou para dar votos suficientes à Junta de Freguesia para reeleição...

Espero agora que seja incluída uma cláusula curricular para que no ensino obrigatório passe a constar a modalidade de golfe, a fim de todos os micalenses terem oportunidade desfrutar dos campos de golfe que o Estado (governo regional) pretende adquirir na Achada das Furnas e na Batalha (ilha de São Miguel, Açores).

Será que vão distribuir tacos de golfe e empregar "caddies" para nós praticarmos?

CRÓNICA 192. SÃO MIGUEL, AÇORES, DIA 1 JUNHO 2025 DOMINGO -31 MAIO 2018

Acordei para mais um magnifico dia de sol sobre a baía de Ponta Delgada. Em frente à marina as pessoas aguardavam a vez de embarcarem no metro de superfície para as praias da costa sul ou para norte e oeste. O investimento em infraestruturas ferroviárias fora desencadeado no fim da década anterior quando os Açores começaram a receber cerca de 3 milhões de turistas ao ano.

Ao contrário do que sempre fora feito, não investiram em estradas para um trânsito, cada vez mais congestionado, e introduziram várias linhas de metro de superfície que se alargavam já a vastas áreas da ilha. Faltava ainda acabar a ligação Ribeira Grande - Nordeste e Nordeste - Povoação. Aqui, fora já instalado o primeiro de uma série de teleféricos turísticos para quem queria ir ao Pico da Vara observar o habitat natural do priolo essa ave que se extinguiu com o aumento do influxo turístico em 2020.

Havia projetos para mais teleféricos nas Sete Cidades, Furnas, Povoação, Lagoa do Fogo, mas com os cortes de fundos europeus era incerta a data da sua concretização.

Na marginal de Ponta Delgada, perto da Calheta de Teive um moderno heliporto servia de base aos táxis aéreos de drones sem condutor que faziam viagens curtas até Vila Franca e ao ilhéu na nova marina, enquanto mais adiante os táxis marítimos sem condutor aguardavam os turistas que queriam observar a vida marinha ou ir até Santa Maria visitar a Central Espacial da Malbusca.

Na costa norte da ilha, como sempre aconteceu ao longo dos séculos, as coisas estavam ainda muito mais atrasadas e apenas se disponibilizavam passeios de barco pela costa, usando os antigos barcos de pesca de Rabo de Peixe, Porto Formoso e da Maia com os pescadores reformados a servirem de guia às grutas e praias escondas da ilha.

A grande estrada marginal entre os Arrifes e a Achada ia prosseguindo com grandes atrasos, que a costa era escarpada e não era fácil construir uma estrada panorâmica na inclemente costa nortenha.

A grande atração da capital da costa norte continuava a ser, desde há muitos anos, a das viagens de balão entre a cordilheira central e a Ribeira Grande, o roteiro das igrejas, os campeonatos de surf e as mariscadas ao pôr-do-sol.

Os planos para recuperar os moinhos da costa norte nunca avançaram, dadas as necessidades de apoio social à sempre crescente população da cidade satélite de Rabo de Peixe e suas inúmeras necessidades de apoio social.

A cidade crescera em todas as direções sendo agora uma linha contínua de habitações entre as Capelas e a Maia, que se haviam tornado meros subúrbios dormitório da Ribeira Grande.

O pequeno submergível que iria explorar os navios afundados junto à costa oeste e norte, fora desviado para a Lagoa e Vila Franca onde estava sempre ocupado em viagens contínuas de exploração do fundo subaquático.

Pequenos hotéis de charme ao lado de grandes resorts polvilhavam agora as pequenas faixas de praia entre Água de Pau e Ponta Delgada riscando a paisagem em altura e desafiando as leis da gravidade.

Diariamente navios faziam percursos entre as ilhas, transportando massas de gente e viaturas e colocando enorme pressão nos recursos, há muito esgotados, das redes viárias das outras ilhas que nunca beneficiaram do afluxo turístico sempre centrado em São Miguel, uma ilha que tinha agora mais de um milhão de habitantes.

As pessoas faziam passeios até às outras ilhas que tinham mantido os encantos urbanos do século XX e eram agora Património da Humanidade.

O Aeroporto da Nordela vira a sua extensão duplicada sobre o mar e era já um dos mais congestionados do país, mas continuava a não ter transporte urbano entre o aeroporto e a cidade devido ao lóbi dos táxis que sempre se opusera às carreiras de minibus.

O novo cais de cruzeiros em Santa Clara fora uma aposta ganha dado que o velho Porto e as instalações das Portas do Mar há muito se tinham mostrado insuficientes para as dezenas de cruzeiros que todos os dias aportavam a Ponta Delgada.

A ilha fervilhava de atividade embora o custo do metro quadrado fosse quase tão caro como em Malibu, Los Angeles, com a cidade estendendo-se agora até às Capelas e chegando aos limites urbanos da Ribeira Grande. A pequena cidade da Lagoa, que durante anos fora o dormitório de Ponta Delgada, já não tinha mais por onde crescer entalada entre a expansão de Vila Franca e de Ponta Delgada.

Os domos de antigos vulcões que dantes pintalgavam a paisagem de Ponta Delgada tinham sido substituídos por enormes construções em altura pagas a preço de ouro.

Os Açores eram a nova moda dos milionários de todo o mundo que aqui construíam casas de férias, jogavam golfe ou iam aos doze casinos espalhados pela ilha e que se haviam instalado, em muitos casos, nos museus vazios que foram construídos no início do século XXI.

Nas velhinhas Portas da Cidade um pequeno grupo de octogenários juntava-se anunciando a grande manifestação de 6 de junho para espanto dos turistas que sempre traduziam RAA como República Autónoma dos Açores desconhecendo o seu verdadeiro nome.

Uma recente visita conjunta do primeiro-ministro da Escócia e do ministro dos estrangeiros das Canárias tinha resultado numa declaração de apoio às reivindicações independentistas açorianas, muito a contragosto do Representante da República, que fora um influente presidente regional durante muitos anos.



CRÓNICA 193 PRÉMIO DE EMPREENDEDORISMO 2.6.2018

O concurso regional de empreendedorismo irá decorrer em três fases, permitindo que as ideias de negócio apresentadas na primeira fase, e que passem às fases posteriores, entrem num processo de desenvolvimento e consolidação, com o objetivo de garantir a transposição dos projetos vencedores para iniciativas empresariais. Nesta nova versão do concurso, é obrigatório a entrega de um vídeo, com a duração máxima de 2 minutos, expondo a ideia de negócio a concurso, sendo selecionadas as cinco melhores ideias. Segue-se depois um período de desenvolvimento daquelas ideias, com vista à obtenção de planos de negócio devidamente estruturados que serão submetidos a uma terceira e última fase, havendo ainda lugar, nesta última fase, a um pitch por parte de cada equipa, via internet e com a duração máxima de 5 minutos. Serão, então, selecionados os três projetos vencedores, hierarquizados entre primeiro, segundo e terceiro lugares.

Haverá lugar a prémios, num valor pecuniário de, respetivamente, €25.000, €20.000 e €15.000, para o primeiro, segundo e terceiro lugares, que apenas serão atribuídos na condição de passarem a integrar o capital das empresas a criar.

Proponho já que passe à final a família de São Miguel, injustamente detida, há dias, pelas autoridades policiais por estarem na posse, manufatura, distribuição e comercialização de marijuana para fins de tratamento medicinal a quem dele carecia. A família em questão, recipiente do rendimento de inserção social, vivendo com inúmeras dificuldades económicas, por ser um grande agregado familiar, numa casa da câmara destinada a famílias mais pequenas, conseguiu contra tudo e todos, colocar em pleno emprego todos os seus 10 membros, avós, pais, filhos e filhas e netos servindo-se de terrenos baldios, pertença do estado, e os quais estavam abandonados para fins agrícolas há vários anos.

Dado que os terrenos eram férteis com boa exposição solar e bem regados, a família começou a introduzir aí plantas de cannabis sativa, que graças a condições favoráveis, exposição solar e cuidados intensivos dos vários membros da família atingia já uma produção considerável de 400 pés em estado de maturação no valor de dezenas de milhar de euros ao valor corrente de mercado.

Apesar da falta de instalações adequadas na sua casa, a família recuperou um antigo edifício abandonado pela edilidade local para aí fazer o tratamento e empacotamento das plantas destinadas ao mercado, mostrando um grau de empreendedorismo como há muito se não via naquela localidade. Com os proventos a auferir desta proveitosa exploração agrícola, a família pensava adquirir uma habitação mais condigna, deixando de necessitar dos apoios sociais do estado, e contribuir assim para a total integração dos seus membros numa sociedade civil onde as pessoas são, normalmente, desincentivadas de se tornarem economicamente autónomas ou de serem produtivas, preferindo continuar a auferir o rendimento de inserção social em vez de buscarem soluções efetivas para as suas carências económicas.

Por outro lado, numa clara antevisão do fim do monopólio de venda daquele produto agrícola com a liberalização do seu consumo para fins medicinais, a família demonstrou uma visão de futuro inigualável. Verifica-se ainda que cumpriram todos os requisitos do concurso supracitado, motivo que nos leva a sugerir que o primeiro prémio lhes seja atribuído.

Começo pela sentença de morte ditada pelas autoridades da Bulgária à vaca grávida que atravessou uma fronteira europeia para a Sérvia antes de ser devolvida ao seu legítimo dono. Mas como as leis europeias são muito exigentes e ela atravessou ilegalmente a fronteira terá de ser abatida antes de dar à luz daqui a três semanas. É o que dá deixarem vacas à solta sem documentos...

Há dias a dívida pública atingiu não sei quantos milhões (250 mil milhões!), o valor mais alto de sempre, mas ninguém se importou, pois, as notícias dos telejornais andam há um mês obcecadas com um burro de carvalho qualquer dum clube da bola. O ministro da educação anunciou que o tempo de serviço congelado aos profes não vai contar, mas ninguém deu conta com as convocações de assembleias gerais divergentes naquele clube de futebol.

Os combustíveis continuam a somar e a seguir numa ascendente espiral a que ninguém quer pôr cobro, e daí eu dizer que o meu carro passara a híbrido: anda a 62% de impostos e 38% de gasóleo, mas os tugas estavam muito ocupados a pensar nas férias no estrangeiro e nos Algarves do meu descontentamento.

Faltam 500 anestesistas no país e 13 nos Açores, mas o povo não se manifesta pois já anda naturalmente anestesiado.

O Brasil que enxotou a Dilma e prendeu o Lula continua a vender a sua riqueza do petróleo pré-sal aos americanos que engendraram os golpes, os camionistas fazem greve, tudo sobe, mas agora não há paineleiros (os que batem painelas) nem patos amarelos nas ruas.... E, entretanto, atingiu a taxa de 30 assassinatos por cada cem mil habitantes numa escalada imparável. Enquanto isso o racismo está descontrolado, a PM também (alguma vez deixou de estar mesmo depois do fim da ditadura?) mas o brasileiro prepara-se é para vibrar com a Copa (Taça) do mundo de futebol.

Na Tailândia uma baleia morreu na praia com 80 kg de plástico no buxo, as praias de Bali têm toneladas de lixo, há ilhas no Pacífico maiores que a França cheias de lixo e de plástico, outras surgem no Mar do Arte e continuamos a ter plástico em tudo o que nos rodeia, mas o que importa são os resultados da seleção de futebol.

Morreu Frank Carlucci o ex-embaixador norte-americano enviado por Henry Kissinger para salvar o mundo dos comunistas, e que muitos dizem ter evitado o triunfo do comunismo em Portugal. Em bom português esse amigo do Mário Soares sempre disse que a CIA não interferiria em Portugal nos anos quentes de 1974 e 1975. Claro que não, até convenceu os açorianos de que podiam ser independentes.... e a CIA nunca teve intervenção nas 151 invasões de países, nem é responsável pelos mais de 200 anos de guerra que os norte-americanos levam na sua História, pelas centenas de golpes de estado criados espontaneamente, pelas primaveras políticas falhadas, pela propagação da democracia americana sempre tão indisposta com os países que têm recursos como petróleo, e a quem os governos locais incomodam, claro que nada disto é exclusivo dos EUA mas é um campeonato em que eles lideram há muito seguidos de perto pela ex-URSS e por tantos outros pequenos poderes que nascem como cogumelos em todos os cantos do mundo. Enquanto isto no QATAR, o CEO da companhia aérea diz que uma mulher não pode liderar uma companhia aérea "só um homem pode dirigir a empresa, por ser um cargo "com muitos desafios".

Simultaneamente em Portugal "Roupa de homem muda a cabeça da mulher: Católicos ultraconservadores repescam sermão antigo. É verdade que o texto, intitulado *Notificação concernente às mulheres que vestem roupas de homem*, tem 58 anos. Foi escrito em 1960 pelo cardeal Giuseppe Siri, à época arcebispo de Génova. Mas a Fraternidade Sacerdotal de São Pio X, sociedade de vida apostólica da Igreja Católica, considerou-o de absoluta atualidade. Tanto assim que preencheu na íntegra com o sermão do cardeal Siri a última edição do boletim que distribui aos fiéis, chamado *O Farol*. Ponto de partida: "A roupa masculina muda a psicologia da mulher."

A preleção agarra-se às calças num corpo feminino, como exemplo paradigmático da "imodéstia". Consequências do "uso de vestes masculinas por parte das mulheres"? Além da mencionada "mudança da psicologia feminina própria da mulher", afeta-a também "como esposa do seu marido, por tender a viciar a relação entre os sexos". E ainda "como mãe das suas crianças, ferindo a sua dignidade ante os seus olhos".

O sermão apenas visa o "decoro" da mulher, dando passos em volta para chegar sempre à prédica de partida, sublinhando que o importante "é preservar a modéstia, e o eterno sentido de feminilidade, aquela feminilidade que, mais do que qualquer outra coisa, todas as crianças continuarão a associar à face da sua mãe".

Depois, torna-se feroz. Assim: "(...) Fazemos bem em recordar as demandas severas que as crianças instintivamente fazem à sua mãe, e as profundas e até terríveis reações que nelas se afloram pela observação dos seus maus comportamentos."

Para logo acrescentar, ainda mais ferino, que "a criança pode não saber a definição de exposição [de partes do corpo], de frivolidade ou infidelidade, mas possui um sentido instintivo que reconhece quando essas coisas acontecem, sofre com elas, e é amargamente ferida por elas (...)".

A conclusão encontra-se a meio da prédica: "(...) Quando uma mulher veste roupas de homem", isso "deve ser considerado um fator, a longo prazo, da desintegração da ordem humana".

Abordado o porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), padre Manuel Barbosa, para um comentário sobre este texto, distribuído a fiéis católicos, a resposta chegou seca, por e-mail. "Não faço comentários sobre o conteúdo do jornal da Fraternidade S. Pio X, é a eles que devem ser pedidos esclarecimentos".

Felizmente soube-se que as pragas aumentam em toda a arte e só em Lisboa já há seis milhões de ratos, ratinhos e ratazanas, mas em Espanha Mariano Rajoy finalmente abandonou o poder sem ser necessário recorrer a raticidas. A Catalunha suspirou de alívio.

Já mais animadoras eram as novidades de que 45% dos alunos portugueses não conseguiam colocar Portugal num mapa da Europa, Saramago sorriu finalmente tranquilo pois era sinal de que a jangada de pedra ia finalmente longe no mar alto, longe da Europa. Nos Açores a maioria dos alunos nem sequer sabe onde ficam as ilhas de baixo ou de cima... e ainda por cima disso 50% eram incapazes de saltar à corda, perícia indispensável para progredir na vida...

O ministro das Finanças autorizou que os salários dos novos membros do Banco de Portugal sejam aumentados em 50%, mas o mesmo governo, pelo seu iluminado ministro da educação, chantageando os professores ameaçava cortar 6 anos e meio de contagem de serviço.

E o primeiro-ministro reiterava: "não ser possível acordo com "posição intransigente" de sindicatos de professores, frisou, reiterando que a proposta do Governo permitiria contar dois anos, nove meses e 18 dias."

Quanto a isto resolvi propor: ATT PROFESSORES ...DESFAÇAM-SE DOS 23 SINDICATOS E CRIEM UMA ORDEM DE PROFESSORES....ou continuem mais desunidos que nunca e sem conseguirem nada do que é justo. Infelizmente não auguro sucesso algum a esta minha proposta, que desagradaria ao governo, aos sindicatos e aos seus líderes (que apenas cuidam de manter as suas mordomias e já nada entendem de ensino pois não o praticam há décadas) e permitiria que os professores falassem a uma só voz na defesa dos seus legítimos interesses.

No arquipélago, em especial na sua capital ponta-delgadense, os ânimos andam quentes com a importância da celebração do dia 10 de junho nacional, a vinda de SMH (Sua Majestade Hiperativa) Dom Marcelo III e esquece-se que a celebrar seria o 6 de junho, verdadeira data da autonomia açoriana.

3 (Dom Marcelo I foi o padrinho deste, o Marcello Caetano da primavera política que ninguém viu)

Ponta Delgada será a capital da nação, proclamava ufanamente um editorial de um jornal local. Os pobres, drogados e bêbedos do Campo de São Francisco vão ter uns dias difíceis, mas ignora-se o destino que lhes reserva a organização do acontecimento.

Não está prevista a participação de alunos das escolas na preparação do evento, mas como escrevia Terry Costa há dias "O melhor TPC são visitas a locais de interesse como museus, parques naturais, centros de arte, e ainda, crianças que passam horas extracurriculares em programas artísticos conseguem melhor no seu dia-a-dia escolar. Então porque não se muda o sistema? Mais artes, mais sucesso!"

E termino com a bela capa de **fotoemas**, o meu novíssimo livro de que recebi esta semana o primeiro exemplar e sobre o qual apenas há a dizer:

Quando surgiu a ideia de concretizar o sonho de criar estes FOTOEMAS (juntar imagens e poesia) nunca imaginei que seria fácil. A magia das fotografias da Fátima Salcedo é dedicada ao Porto, e os meus poemas são uma ode aos Açores. Este livro é, assim, fruto de amores distintos de dois autores, que atravessaram o Grande Mar Oceano, na década de 1970, um rumo à Norte América outro a Timor e Austrália. Dessas navegações peregrinas nasceram os fotoemas que aqui se reproduzem."



O Citar

fotoemas

Fátima Salcedo e
Chrys Chrystello

fotografias do Porto e poemas dos Açores



edição AICL  Colóquios da Lusofonia 2018

CRÓNICA 195 10 DE JUNHO NA COLÓNIA AÇORIANA 9.6.18

Dantes, ao descobrirem terras a colonizar, os navegantes portugueses levavam padrões de descobrimentos assinalando a posse e futura conquista e missionação das terras, ora bem nas celebrações do dia 10 de junho de 2018, trouxeram de Portugal uma bandeira enorme que vão hastear no único mastro existente no local. Isso não dará a oportunidade se hastear a bandeira deste arquipélago, símbolo dos Açores e do povo açoriano, que se diz ser da Região Autónoma dos Açores.

Um jornal local comentava o alheamento da população face ao 10 de junho, mais um feriado, que se celebra como o 5 de outubro ou o 1º de dezembro datas importantes para Portugal para sem grande ligação a este povo açoriano, para quem os feriados importantes são a segunda feira do Senhor Santo Cristo, Pentecostes, as datas dos padroeiros das freguesias quando se realizam as comunhões dos filhos da terra, e as festas anuais de cada freguesia. Aí está a alma do açoriano em qualquer ilha.

D. Pedro IV também cá esteve, veio arrecadar dinheiro e pessoas para a sua causa, já que ninguém em Portugal estava na disposição de lhe dar um tostão. Quando D. Carlos veio aos Açores, o povo foi ver um homem que só existia no seu imaginário. Quando Óscar Carmona visitou o arquipélago dos Açores agosto de 1941 e Craveiro Lopes em 1957 a sensação que deixou nas populações foi a da vinda de um forasteiro que veio lembrar aos locais que isto são terras de Portugal, mas "isto é Açores antes de ser Portugal". Marcelo Caetano também por aqui andou, mas por razões diferentes, que não vale a pena recordar. Hoje veio o Presidente que tira selfies com o povo, os senhores da terra, como noutras ocasiões vão ao beija-

mão que fica bem nas fotos oficiais do evento e nas imagens televisivas, sempre sabujamente agradecidos pelas esmolas que Lisboa oferece aos insulares. Teremos teatro de nos próximos dias. E há entre nós personagens dispostos a renegar a sua essência para assim poderem tirar proveitos. Como hoje escrevia Rui M Medeiros: "A História está cheia de Brutus e Judas. Estes tiveram proveitos imediatos, mas o tempo encarregou-se de os colocar no seu devido lugar."

Ou como escreveu ontem Roberto Y. Carreiro "Segundo um vizinho meu, antigo operacional dum movimento independentista e testemunha desses tempos conturbados do PREC, o aparato militar, securitário e de espionagem, que está montado na cidade de Ponta Delgada, faz-lhe lembrar os tempos áureos das campanhas de «dinamização cultural» a cargo da 5ª divisão. Tal como no passado, os forasteiros, trazem orquestras, bandas, palhaços, muita propaganda e orador convidado. Como nesse outro tempo as «autoridades locais» abrem a cancela para entrar essas aves de arribação..."

Por outro lado, o belicismo de mais de mil militares e armamento dos três ramos das FA (Forças Armadas) deve ser para esquecer que depois do 25 de abril, essas FA apenas servem para defenderem interesses estrangeiros em países distantes a mando da NATO. Cito o colega jornalista Tomás Quental:

"Mas eu pergunto: para essa celebração era mesmo necessário "encher" a cidade com viaturas dos três ramos das Forças Armadas, desde meios aéreos a meios terrestres de combate? Se é para afirmar a soberania portuguesa nos Açores, era desnecessário, porque os açorianos, na sua maioria, gostam de ser portugueses. Diria até que existem muitos açorianos que se sentem mais portugueses do que muitos continentais, a quem ouço dizer com frequência "entreguem isto a Espanha"... Se é para "embelezar" a cidade, também era desnecessário, porque a urbe tem beleza quanto basta, bem patente, nomeadamente, em monumentos, praças, avenidas e ruas repletas de edifícios de arquitetura bela e única, com uma frente de mar que lhe confere uma panorâmica invejável. Se é para mostrar aos açorianos o que são meios militares, também me parece objetivo obviamente desnecessário. Quando o Estado português assume não ter verbas para construir uma nova cadeia na maior ilha açoriana, São Miguel, em que o estabelecimento prisional existente com 150 anos é uma vergonha em qualquer parte do mundo, proporcionando condições infra-humanas, é claramente uma falta de bom senso essa ostentação de meios militares, só possível com muito dinheiro. Não aprecio e critico."


Um país de desigualdades, injustiça e corrupção descontrolada que rouba dez anos de serviço aos professores e diz não ter dinheiro para lhes pagar, desperdiça milhões em fogos-fátuos de antigo Império à deriva como escreveu Patrick Wilken. Claro que para a maioria dos portugueses e dos açorianos quaisquer noções de uma total autonomia (leia-se independência) é anátema, mais fruto da ignorância das situações do que por meras razões políticas. Sempre se cumpriu a profecia – sabiamente preparada - de que quanto mais dependentes de subsídios melhor acarneirados estariam os açorianos. De todos os habitantes são eles os mais subsidiados, totalmente dependentes de subsídios que servem para perpetuar o voto nos que os governam, qualquer que seja o partido ou a cor política. Para os portugueses nem sequer se põe a hipótese de abdicar das "ilhas adjacentes", muito menos agora que estão prestes a acrescentar milhares de km² à plataforma portuguesa marítima com todas as riquezas que a profundidade destes mares encerra.


Nesta data a Fundação Francisco Manuel dos Santos, através do seu Projeto "Pordata" fez um estudo intitulado "Retrato dos Açores", no qual deu a conhecer dados preocupantes sobre a nossa realidade insular. No que diz respeito, por exemplo, à Educação, ficamos a conhecer que a taxa de abandono escolar dos jovens com idade fixada entre os 18 e os 24 anos é mais do dobro da média nacional. Em relação aos jovens com mais de 15 anos, verificamos que 7 jovens em cada 10 não completa o ensino secundário, valores muito piores do que em qualquer outra região de Portugal. O ensino que temos atualmente é o fruto de muitas "experiências" anuais infelizes, desde os alunos transitarem sem sequer saberem ler a outras, e agora os resultados estão à vista. Acrescente-se o facto de muitos pais não terem instrução (a velha 3ª classe era a norma e agora será o 6º ano das "Novas Oportunidades") nem interesse em acompanhar os filhos, o resultado será sempre o de insucesso escolar e total fracasso das políticas educativas, por melhores professores que possa haver (também os há, mesmo que sejam uma minoria). Infelizmente, trabalhamos para a estatística. Os bons alunos sempre o serão, mas os restantes são a maioria.

Este o país em que vivemos, onde há um mês se discutem os problemas do futebol e de um clube autofágico rumo à fossa de Mindanau, e raramente se discutem os verdadeiros problemas do país: educação, saúde e justiça. Sempre longe da corte hoje os açorianos vão ter as imagens televisivas em que serão retratados e irão usar e abusar do seu voyeurismo, já totalmente acostumados a novos paradigmas de vida em que deixaram de ser escravos pela via física para o serem pela via da mente. Quando hoje um colega e amigo, professor continental, que até cá esteve uns anos a lecionar em mais do que numa ilha, me diz que somos todos portugueses de regiões diferentes, tive uma visão passadista que me fez lembrar um país uno e indivisível do Minho a Timor! E deu-me um arrepio pois esse é o argumento mais comum dos continentais quando confrontados com a minha sede de uma verdadeira autonomia açoriana (aqui não falei de independência, mas de verdadeira autonomia, em federação ou outra espécie de união entre iguais e não pactos leoninos).

A minha guerra não é esta, mas a da defesa e expansão da língua portuguesa e apenas me manifesto como cidadão residente do arquipélago. E é por tudo isto que este 10 de junho me diz ainda menos do que noutros anos em que se chamava "dia da raça". Não irei ao beija-mão, nem verei as belezas que os açorianos vão mostrar ao corpo diplomático estrangeiro acreditado na capital do Império, continuarei a amar os Açores e a sonhar com o dia em que serão autónomos e pares inter pares com a "metrópole", o continente", donos do seu destino e quiçá orgulhosos da sua herança ou origem portuguesa. Claro que sei, e nisso concordam alguns nativos, que há provincianismo e falta massa crítica e intelectual, e muitos temem a verdadeira autonomia e mais ainda a independência.⁴

Um Governo Regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira autonomia sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrios e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arristas com iniciativas pequenas e isoladas. Limitadas como as ilhas e o país. A autonomia vive-se em círculos muito restritos, e em escritores e "expatriados" em Portugal e nas Américas. Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da "elite esclarecida" (à falta de melhor adjetivação) qualquer movimentação nesse sentido. Haverá elites pensantes açorianas para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos. Apenas ufanos por preencherem as revistas

⁴ Já depois disto escrito. Ps - [andré couto](#) ehehehe ... Se foram povoadores não se podem colonizar a si próprios  [chrys chrystello](#) podem podem....basta estudar ciência política...noções elementares meu caro...é como os pobres a agradecerem as migalhas que os senhores lhes atiram das ameias do castelo...

[andré couto](#) meu caro sou formado em ciência política e relações internacionais, e gostaria que me indicasse qualquer tese científica que defenda esse absurdo! Cumprimentos  [chrys chrystello](#) disseram-me que os açores foram povoados e não colonizados...para o caso de ser ignorante e não saber..., na wikipedia podemos ler e eu concordo https://pt.wikipedia.org/wiki/Coloniza%C3%A7%C3%A3o_de_povoame

Colonização de povoamento ou colonialismo de povoamento, também referido como colonialismo de ocupação, refere-se a uma modalidade de formação colonial centrada na ocupação da terra ou do território. Historicamente, é promovida por um estado nacional, que envia seus naturais (homens, mulheres e crianças) a um determinado território situado no exterior a fim de lá estabelecer uma presença perene e autónoma e construir uma sociedade economicamente viável, geralmente baseada na agricultura e no comércio. Esse tipo de colonização opõe-se à forma feitoria, bem como à forma colonização de exploração.

Desde o início da idade moderna, vários estados europeus adotaram políticas coloniais, competindo uns com os outros para estabelecer colónias fora da Europa - inicialmente nas Américas e depois na Ásia, África e Oceânia. Esse colonialismo moderno resultou na conquista do novo mundo e na formação das primeiras colónias de povoamento europeu, que estão na origem dos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, bem como da América do Sul, África do Sul e Namíbia (correspondentes à antiga colónia do Cabo). Nesse processo, a população autóctone é submetida, deslocada ou fisicamente destruída (genocídio). O mesmo modelo de colonização seria aplicado nas cidades de Hong Kong e Macau, em Singapura e no sudeste asiático. Segundo Ilan Pappé, o colonialismo de povoamento é essencialmente um projeto de substituição e deslocamento; de assentamento e expulsão [de populações]. Baseia-se na desumanização e na eliminação [de populações autóctones]. Trata-se, enfim, de ajudar um grupo de pessoas a se livrar de outro grupo de pessoas. [Colonização de povoamento - wikipédia, a enciclopédia livre](#). COLONIZAÇÃO DE POVOAMENTO OU COLONIALISMO DE POVOAMENTO, TAMBÉM...

nota do autor: é triste quando os povoadores que foram e são colonizados nem se apercebem de serem e estarem ainda a ser colonizados....

Agora, compete aos mestres da palavra fácil indoutrinarem e mostrarem o caminho da Atlântida perdida a que chamam autonomia. Só então cortarão os cordões umbilicais, alcançando a independência dos que escrevem e partilham a açorianidade. Com a sagesa dos seus conhecimentos sonharão o momento de libertação tal como inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo não os deixasse para trás na sua voragem.

CRÓNICA 196 AINDA O 10 DE JUNHO EM PDL5

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, assinalou hoje que as celebrações do 10 de junho são nos Açores por uma "questão de justiça", como no futuro serão, garantiu, na Madeira. "Tem uma vantagem adicional, que é aqueles portugueses que andam distraídos perceberem o que existe nos Açores, o que se está a fazer nos Açores", venceu o chefe de Estado, no primeiro de três dias na ilha de São Miguel a propósito das comemorações do 10 de Junho.

"Ninguém gosta do que não conhece", prosseguiu Marcelo Rebelo de Sousa, antes de sublinhar que "há de haver um 10 de Junho na Madeira", e "evidente que há uma tradição" de levar as festividades para fora do país, o que no caso madeirense pode passar, exemplificou o chefe de Estado, pela África do Sul.

As ruas engalanadas com bandeiras de Portugal para celebrar o dia 10 de junho, de Portugal e das comunidades, o sol radiante e a água tépida dos nossos mares e a presença de 1400 tropas dos três ramos das forças armadas para partilharem com este religioso povo os êxitos das heroicas missões de séculos pelos quatro cantos do mundo.

As ruas peçadas de gentes da bela ilha e com muitos turistas, admirados com tão esplendoroso registo de celebração de um dia tão importante, com a presença do primeiro-ministro e do presidente da república.

Cerimónias várias focavam essa essência do ser açoriano nascido português, tantas vezes esquecido pelos poderes centrais, mas que desta vez seria o centro das celebrações, para que o mundo e os altos dignatários estrangeiros pudessem ver o que a capital do arquipélago tinha para oferecer.

Muitos nativos se pronunciaram e declararam que, apesar de nascidos nos Açores, eram Portugueses com esse orgulho infindo em pertencerem a uma centenária nação que deu novos mundos ao mundo.

A única nota discordante, e que ficou longe das imagens televisivas, foi a tentativa de um pequeno grupo de idosos empunhando bandeiras não-oficiais dos Açores que foram prontamente impedidos pelas autoridades policiais e de segurança de se acercarem das Portas da Cidade para mostrarem o seu descontentamento, em memória do conflito independentista de 6 de junho de 1975, hoje ilegal e sem qualquer representatividade. Se não tivessem sido parados a tempo iriam ensombrar, sem necessidade, um dia glorioso na história do arquipélago.

O Presidente da República, homem de afetos e de contacto fácil com a população, disse ainda que seria uma ofensa vir aos Açores e não saborear as suas águas, lançando-se ao mar no pesqueiro e dando algumas braçadas para gáudio dos populares que se enfileiravam para poderem esperar o momento de tirar uma *selfie* com o mais alto representante da nação. Esta era a terceira vez que os Açores tinham a subida honra de serem anfitriões de tão importante data, depois de Ponta Delgada em 1989 e Angra do Heroísmo em 2004.

O Presidente da República considerou hoje que a autonomia dos Açores "fez a diferença" na vivência açoriana, mas também portuguesa, manifestando orgulho por ter votado como deputado da Assembleia Constituinte este regime de governação do arquipélago. "Conheço os Açores há muitas décadas. Sou testemunha não de um momento, mas de um longuíssimo processo histórico só possível devido à autonomia que, tal como consagrada na Constituição, fez a diferença na vivência açoriana e, por isso, também na vivência portuguesa", declarou Marcelo Rebelo de Sousa. referiu que todos os constituintes "perceberam o alcance do que estavam a votar, e eu certamente percebi".

E Marcelo Rebelo de Sousa percebeu que este era um "processo imparável, irreversível, de virtualidades crescentes e que, longe de ser contraditório com o todo nacional em que nos integrávamos, só valorizava e enriquecia". As décadas que disse ter privado com os Açores e os açorianos "vieram confirmar o acerto desta visão".

As comemorações do 10 de Junho, que se prolongam até segunda-feira entre os Açores e os Estados Unidos da América, começaram sábado de manhã em Ponta Delgada, com o Presidente da República a presidir à cerimónia do içar da bandeira nacional, nas Portas da Cidade. Em Ponta Delgada, desde sexta-feira, o chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa, cumpriu a meio da manhã o primeiro ponto da agenda das comemorações oficiais do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, com a cerimónia do içar da enorme bandeira nacional, nas Portas da Cidade. Depois de passar pela zona onde está instalada uma área com "atividades militares complementares", Marcelo Rebelo de Sousa seguiu para os Paços do Concelho para receber do presidente da autarquia de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, a "chave de honra do município". O mais alto magistrado do país declarou que mesmo antes de receber esta distinção da edilidade, que o honra e à nação, já se considerava um ponta-delgadense e "beneficiário do direito" de ser visto pelos locais como um deles, porque é um "aliado, sempre incondicional".

Para Marcelo esta "aliança que vem das afinidades afetivas, ou espirituais, não passa, uma vez criada dura até ao fim da vida". O Presidente da República considerou que o facto de Ponta Delgada ser a "capital de Portugal" por estes dias, uma expressão do presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, José Manuel Bolieiro, é uma homenagem prestada à cidade e, através, desta, à Região Autónoma dos Açores e a "todas e todos os açorianos".

O Presidente da República referiu que os Açores estão "permanentemente no coração de todas e todos os portugueses", e Ponta Delgada "de um modo muito especial", sendo que o entrosamento vivido nestes dias "só peca por ser escasso pelo tanto que haveria a agradecer" em homenagem a "estas terras e estas gentes".

Já ao final da tarde, o Presidente da República esteve no Palácio de Sant'Ana para a apresentação de cumprimentos pelo corpo diplomático acreditado em Portugal, seguindo-se uma receção comemorativa do 10 de Junho, oferecida pelo presidente do Governo Regional, Vasco Cordeiro, e onde já estará presente o primeiro-ministro, António Costa.

Juntos, Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa assistiram na noite de ontem, a um concerto na igreja paroquial de São José e a um memorável espetáculo de fogo de artifício, os dois últimos pontos da agenda das comemorações oficiais do 10 de Junho, que só vão terminar na segunda-feira, nos Estados Unidos, com passagens por Boston e Providence.

Em 2016, ano em que tomou posse como chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa lançou um modelo inédito de comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, acertado com o primeiro-ministro em que as celebrações começam

5 Winston Smith esteve em Ponta Delgada a convite de várias organizações não-governamentais, sendo funcionário do Miniver (Ministério da Verdade, Secção de Registos) em Eric Arthur Blair "1984"

em território nacional e se estendam a um país estrangeiro com comunidades emigrantes portuguesas. Nesse ano, o Dia de Portugal foi celebrado em Lisboa e Paris e, em 2017, no Porto e nas cidades brasileiras do Rio de Janeiro e São Paulo.

Este ano cabe aos Açores, mais concretamente a Ponta Delgada, receber a primeira parte das comemorações, viajando depois o Presidente da República e o chefe do executivo para os Estados Unidos, país onde vivem cerca de 1,4 milhões de portugueses e lusodescendentes, estimando-se que 70% sejam de origem açoriana. Contudo, foi ainda em Ponta Delgada, no domingo, que se fez a tradicional Cerimónia Militar Comemorativa do Dia de Portugal, que contou com a participação de 1400 militares dos três ramos das Forças Armadas. Ausentes desta cerimónia estiveram este ano os líderes partidários, à exceção do presidente do PS, o açoriano Carlos César. O presidente do PSD, Rui Rio, estará na Guiné-Bissau, a líder do CDS-PP, Assunção Cristas, em Paris (França), a coordenadora do BE, Catarina Martins, em Lisboa, e o secretário-geral comunista, Jerónimo de Sousa, passará o dia no Alentejo. Presentes em representação do PSD, Paulo Mota Pinto, presidente do Conselho Nacional do partido, pelo CDS-PP o deputado Telmo Correia, enquanto os comunistas escolheram Vítor Silva, coordenador regional do PCP Açores. O BE não esteve representado nas cerimónias oficiais do 10 de Junho, como é habitual.

Vai ser a celebração do 10 de junho mais americana de sempre: aproveitando o mês de Portugal nos Estados Unidos (iniciativa diplomática e económica que inclui mais de 130 ações em 12 estados e 60 cidades), o primeiro-ministro vai tentar dar visibilidade ao país num roteiro intenso que começa em Boston, na costa Leste, segue para a Califórnia, na Costa Oeste, e dá uma volta de 180 graus rumo a Nova Iorque antes de regressar a Portugal. E nos dois primeiros dias (10 e 11 de junho), Marcelo faz-lhe companhia. Costa e Marcelo chegam a Boston (Estado de Massachusetts), vindos dos Açores, no final da tarde de domingo, e seguem diretamente para a primeira cerimónia: são recebidos na praça do município pelo embaixador português em Washington, ouvem os hinos dos dois países e após declarações curtas vão para Providence, a capital e cidade mais populosa do estado de Rhode Island, onde são recebidos pela governadora, e por líderes da comunidade portuguesa local.

No país do espetáculo, Costa e Marcelo participam depois na noite portuguesa do Waterfire, um evento anual de arte pública adotado como celebração cívica e de homenagem às personalidades que mais se destacaram na promoção da comunidade lusa nos EUA. Vão, juntamente com os homenageados, empunhar tochas numa romaria até um arraial luso. Marcelo regressa a Portugal no dia 11, mas Costa permanece nos Estados Unidos até sábado. A viagem do chefe de governo, de cariz fortemente económico, inclui participações em fóruns e eventos de promoção da economia portuguesa, visitas ao MIT, à sede da Google em Silicon Valley, à Cisco, ou a uma fábrica da portuguesa Corticeira Amorim; mas também tem momentos políticos, como os encontros com Condoleezza Rice, antiga secretária de Estado norte-americana, e hoje membro destacada do think-tank Hoover Institution, e com o governador da Califórnia no Capitólio Estadual, e culturais, como a inauguração da Praça de Cascais, em Sausalito, na baía de São Francisco.

No final da semana Costa segue para Nova Iorque, onde multiplica participações em seminários económicos, e inaugura o painel eletrónico "Marca Portugal" na icónica Times Square. E na tarde de sexta-feira, já início da noite em Portugal, assiste à estreia da seleção nacional de futebol no Mundial 2018: assiste ao Portugal-Espanha no Sport Clube Português antes de ser recebido num jantar de gala da Câmara de Comércio Luso-americana no Harvard Club. O regresso a Portugal está previsto para a madrugada de domingo.

Há 1,4 milhões portugueses e lusodescendentes registados nos Estados Unidos (os últimos números disponíveis são de 2016). Destes, 80% chegaram antes do ano 2000. A idade média está nos 40 anos, e 51% da comunidade está entre os 18 e os 54 anos. 27% tem mais de 54 anos e 22% têm menos de 18. Os estados com mais lusodescendentes são a Califórnia (355 mil), Massachusetts (278 mil), Rhode Island (95 mil), Florida (80 mil), New Jersey (79 mil), Nova Iorque (51 mil), e Connecticut e Hawaii (ambos com 50 mil cada).

A comunidade lusa trabalha sobretudo no setor da educação, saúde e assistência social (22%). De seguida seguem-se várias áreas, cada uma delas com valores próximos de 10%: comércio e retalho, finanças, imobiliário, hotelaria e restauração, indústria e construção. Os Estados Unidos são o maior comprador de exportações portuguesas fora da União Europeia, com valores que nos últimos anos têm rondado os 2.500 milhões de euros.

Neste mesmo dia, em 1580, morreu Luís Vaz de Camões, o maior poeta português de sempre e um dos grandes poetas do Ocidente. Imortalizou as descobertas portuguesas na sua obra "Os Lusíadas". Hoje celebra-se, além de Camões, o Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas. No final das celebrações do 10 de junho os açorianos estavam felizes por saberem que podem sempre contar com todo o apoio de Portugal, e que, se ao longo da sua história, foram momentaneamente esquecidos, hoje já não o são, e estão no coração de todos os portugueses que com eles comungam das suas dificuldades, anseios e aspirações, ora integrados nessa grande Europa da qual Portuga andou arredado tanto tempo e que tem permitido aos Açores o salto civilizacional e económico que faz deste arquipélago um motor de sucesso da sua economia pujante. Os Açores de hoje com o seu rápido desenvolvimento económico são um exemplo para as centenas de milhar de turistas que anualmente visitam estas encantadoras ilhas e foi da maior justiça Portugal ter decidido que o dia mais importante do ano celebrando Portugal, Camões e as Comunidades Portuguesas aqui tivesse lugar. Será importante deixar aqui registadas para a posteridade as palavras do presidente do governo regional, Vasco Cordeiro na receção ao Corpo Diplomático, no âmbito das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas:

"Em nome do Povo Açoriano, sejam todos bem-vindos ao Palácio de Sant'Ana, sede da Presidência do Governo da Região Autónoma dos Açores, para celebrarmos Portugal. Há quase 600 anos que aqui estamos e, desde o início, a evidência foi que, aqui, Portugal é diferente. Nuns casos, por nós, noutros, por outros, aqui, Portugal é diferente.

Não esqueçamos de onde viemos, nem ignoramos onde estamos. Mas, sobretudo, sabemos quem somos.

A História e a Geografia deram-nos forma, mas é o "intenso orgulho na palavra Açor", nas palavras de Sophia de Mello Breyner, que dá o sopro de vida a esta identidade que empunhamos.

E esse orgulho não é vão, nem é vazio. É, desde logo, o orgulho que pode ter, é o orgulho que tem quem aqui resiste.

A tempestades e a terramotos;

A vulcões e a piratas;

De quem já resistiu à fome, às pragas, à solidão e, em alguns casos, ao esquecimento;

Resiste e persiste, reconstruindo, reerguendo, refazendo.

Esse é o orgulho de quem tem uma aguda consciência de si próprio. E essa aguda consciência de nós próprios – talvez por estarmos sós na vastidão do Atlântico ou, talvez, simplesmente, por em tantas voltas da vida, termos estado simplesmente sós -, é, no fundo, quase como que a chama eterna, o fogo sagrado que anima o Povo Açoriano.

E neste "intenso orgulho na palavra Açor" está também o orgulho do que demos e do que damos pelo nosso País.

Demos Presidentes da República, cientistas e militares;

Demos embaixadores, ministros e escritores;

Demos pensadores, políticos e poetas;

Demos Homens e Mulheres desconhecidos que, nas Américas e não só, pelo seu suor e pelas suas lágrimas, afirmaram e afirmam Portugal aí;

Demos guarida ao último reduto da nacionalidade e fomos ponto de impulso para as batalhas pela modernidade;

Demos homens e demos jovens que, por Portugal, deixaram a sua vida num qualquer campo de batalha, e que, mesmo quando aí não deixaram a vida, em muitos casos, deixaram partes de si próprios, do corpo ou do espírito.

E tudo isto fizemos sem nunca impormos condições nem moedas de troca.

Tudo isto fizemos "com um intenso orgulho na palavra Açor". E, se tudo isso demos no passado, hoje continuamos a dar.

Os Açores são terra de mar. Damos dimensão estratégica e damos importância pela terra que temos e pelo mar que trazemos.

Nesta nova fronteira, que já suscita a cobiça de muitos, Portugal é o que é, porque os Açores são o que são.

Damos empenho e damos território na construção de pontes e parcerias para a paz, para a ciência e para o conhecimento.

Damos testemunho de uma Autonomia que foi, é e quer mais ser por causa dos desafios que já venceu, mas, sobretudo, por causa dos desafios que quer vencer.

Damos presença em áreas de vanguarda da exploração e do conhecimento espacial, reforçando a importância e a mais valia de Portugal.

E é por tudo isto, e por tanto mais, que não podem restar dúvidas que, aqui, Portugal é diferente.

E não queremos que deixe de ser Portugal, mas também não queremos que deixe de ser diferente.

Porque esta nossa diferença não nos diminui em nada. Porque, no fundo, é esta nossa diferença, do que somos como Povo e como Região, que faz Portugal mais forte! E é por tudo isto que hoje digo, que hoje podemos dizer,

Vivam os Açores, Viva Portugal!"

Foi assim o dez de junho nos Açores.

CRÓNICA 197 O MAR DOS AÇORES É DE QUEM? 12.6.18

Da última vez que vi e consultei a frase em epígrafe foi quando um dirigente supremo do governo da Região Autónoma dos Açores disse qualquer coisa parecida com "o mar dos Açores é nosso" e logo apareceram dias depois 1400 marinheiros, soldados e aviadores, a pretexto do 10 de junho, e ainda ficaram uns fuzileiros mais uns dias para fazerem uns exercícios de exemplificação do desembarque rápido de tropas numa praia ao lado de Ponta Delgada.

A política relativa ao mar também está entre as prioridades açorianas, salientou Vasco Cordeiro⁶, nomeadamente porque "só à conta dos Açores, em termos de área de mar, há cerca de um milhão de quilómetros quadrados atualmente", o que dá a dimensão "da importância que o arquipélago tem para o país". Vasco Cordeiro defendeu a existência do programa POSEI, de apoio específico às regiões ultraperiféricas, também às pescas.

Mar dos Açores é a designação dada ao conjunto formado pelo mar territorial e pela zona económica exclusiva em torno do arquipélago dos Açores, a que o amigo José Soares chama hidrotório. Não dispomos de uma máquina do tempo que nos permita saber tudo sobre a origem da vida⁷. Para animais e plantas, sobretudo para as que têm partes duras, temos o registo fóssil, mas para os primeiros microrganismos, seres unicelulares, não é tão simples obter pistas. Atualmente, são conhecidas nos Açores cinco fontes hidrotermais ('Lucky Strike', descoberta em 1992, 'Menez Gwen', em 1994, 'Rainbow', em 1997, 'Saldanha', em 1998 e 'Ewan', em 2006), todas elas localizadas a sul do arquipélago açoriano, e a serem alvo de estudos científicos. Um dos objetivos da investigação científica nas fontes hidrotermais de profundidade é encontrar respostas para setores como a Medicina e a indústria farmacêutica, que procuram descobrir propriedades anticancerígenas nesses organismos, que sobrevivem em condições extremas (libertação de gases e temperaturas elevadas).

Ora um milhão de km² a crescer á plataforma marítima de Portugal, como atualmente se debate no seio da ONU, é muita riqueza para deixar a sua exploração e negociação aos pobres e malformados quadros técnicos da Universidade do arquipélago e carece de ser devidamente acompanhada e negociada pelos peritos em todas essas áreas do conhecimento científico e comercial existentes na Corte de Lisboa. Não interessa o que está previsto na Constituição nem o que consta no estatuto de Autonomia da Região que, aliás, isso nunca impediu Lisboa de fazer o que muito bem entende. Como os Açores são Portugal deixemos Portugal tratar desses assuntos demasiado sérios e técnicos.

Oito anos depois da entrega da candidatura nas Nações Unidas, Portugal começou em agosto 2017 a defesa da proposta de extensão da plataforma continental para além das 200 milhas marítimas que constituem a Zona Económica Exclusiva (ZEE) do país. Se as pretensões nacionais forem atendidas, Portugal poderá dobrar a extensão do seu território marítimo, dos atuais dois milhões para quase quatro milhões (3,8) de quilómetros quadrados.

O reconhecimento da plataforma continental implica que Portugal fique com a jurisdição do solo e subsolo marítimos (não da coluna de água e respetivos recursos marinhos, como acontece na área da ZEE). As "possibilidades de exploração económica" - por exemplo de minerais ou de vários produtos marítimos usados em medicamentos ou cosmética - foram um dos pontos destacados pela ministra do Mar, para além das potencialidades no campo das energias renováveis. Portugal tem, atualmente, uma ZEE de 1,7 milhões de quilómetros quadrados, a terceira maior da União Europeia e a 11^a do mundo. Atendendo a que Portugal Continental tem pouco mais de 92 mil quilómetros quadrados de área, a extensão do território marítimo em mais 350 milhas significará que a área de mar será 40 vezes superior à terrestre.

A vigilância da ZEE portuguesa é exercida pela Marinha Portuguesa, Força Aérea Portuguesa, pela Autoridade Marítima Nacional, Polícia Marítima e Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, que através de meios próprios executam missões de:

- Fiscalização e controlo das atividades de pesca;
- Detecção e controlo de atividades ilícitas;
- Imigração ilegal;
- Detecção de poluição marítima;
- Controlo do Tráfego Marítimo;
- Operações Militares;
- Busca e Salvamento.



Como os Açores não têm meios próprios, nem marinha, nem aviação, resta concluir que o mar dos Açores só é nosso em sentido literário, bom para poetas e prosadores escreverem, mas na prática será em Lisboa que tudo será decidido, como aliás é norma num estado unitário, uno e indivisível...

⁶ 16.4.2018 <https://observador.pt/2018/04/16/agricultura-e-mar-prioridades-dos-aco-res-para-o-proximo-quadro-comunitario/>

⁷ Ler mais em: <https://www.cmjornal.pt/tecnologia/detalhe/mar-dos-aco-res-o-segredo-da-origem-da-vida>

Por vezes acontecem ideias a meio da noite ou em sonhos de despertares súbitos. Foi isso que sucedeu quando totalmente exsudado despertei e entendi a máquina que move os humanos. Lembrei-me de todas as civilizações existentes na História Moderna desde a Grécia a Roma e mais recentes civilizações.

Entendi agora pontos mais obscuros da teoria dos multiversos, ou universos paralelos e tudo que há de comum em toda a História da Humanidade.

Locke é considerado pelos seus críticos como sendo "o último grande filósofo que procura justificar a escravidão absoluta e perpétua".

Ao mesmo tempo que dizia que todos os homens são iguais, Locke defendia a escravidão a exemplo de Aristóteles, que foi o primeiro a fazer um tratado político defendendo a escravidão. Na época, a escravidão era uma prática comum, e isso classificaria Locke como um homem da época - o que não diminuiria a importância das suas ideias, revolucionárias em relação ao seu tempo.

A **escravidão** não é coisa do passado e de países pobres, e pior: nunca foi tão lucrativa. O alerta vem do advogado, autor e ativista Siddharth Kara, um dos principais especialistas do mundo em tráfico de pessoas e escravidão, temas que estuda e leciona na Universidade de **Harvard**. "Nenhum país é imune e somos todos cúmplices. A escravidão permeia a economia global mais do que em qualquer momento do passado", diz ele. A estimativa é que a indústria da escravidão gere lucros de até 150 bilhões de dólares por ano. Há 21 milhões de escravos no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho.

Nos últimos 17 anos, Kara entrevistou mais de 5 mil pessoas que estão ou estiveram nestas condições em mais de 50 países.

Mas afinal de que escravidão falamos, pois existem tantas formas e variadas manifestações? Há uma forma generalizada e comum a quase todos: "Nunca ninguém foi verdadeiramente livre" por mais aparência de liberdade que existisse, como foi o caso das gerações que viveram entre 1960 e 2000, considerado, por alguns, o período em que mais liberdadinhas tiveram os humanos no mundo ocidental.



Aborígenes ~~australianos~~ em cativo séc. XIX-XX.

Desde sempre sujeitos a normas e convenções, com mais ou menos liberdade de opções, a humanidade esteve sempre sujeita aos desígnios de uma pequeníssima minoria mandante que dita os moldes da escravidão de cada era, desde a fixação do trabalho, à sua remuneração, às recompensas por bom comportamento dos seus súbditos, à existência ou não de tempos de lazer, desde que a engrenagem produtiva não seja afetada, nem mesmo aqueles que, pretensamente, vivem *off-the-grid* (fora da rede).

Estes continuam a necessitar de bens produzidos pelo sistema e o sistema de "barter" ou troca direta nem sempre é possível para aquisição daquilo de que precisam para viverem fora da rede.

Isto é verdade em todas as ocupações e profissões e os desprovidos são os desempregados, os sem-abrigo e outros que fugiram ao ciclo produtivo com toda a liberdade de fazerem o que quiserem desde que seja gratuito, o que os limita a viverem à sombra da bananeira, nalguma ilha deserta e tropical, rica em produtos para a sua alimentação, vestuário e outras necessidades primárias. E todos sabemos que isto só é possível em literatura ou em casos, muito isolados.

Os senhores do mundo, usam os instrumentos ao seu dispor desde a escravatura materialista das sociedades contemporâneas à religião, à contrainformação, aos grandes espetáculos circenses que reproduzem a velha máxima romana de "política do Pão e circo (*panem et circenses*)" que vai dos mundiais de futebol, aos vários outros desportos de massas, *anestesiando as massas e dando fuga a sentimentos reprimidos*.

Basta averiguar o mito das férias. Se estiver numa ocupação produtiva remunerada, provavelmente recebe um montante extra para gastar, caso contrário se viver, como eu, na Lomba da Maia, se não tiver dinheiro extra nem carro próprio, terá de ir a pé os 4 km até à Praia da Viola e chamará a isso férias, ou aproveitará esse tempo livre para cuidar da casa, pintá-la, renová-la com o seu trabalho gratuito e chama a isso de

férias. Se entrou num esquema de crédito ao consumo, nunca mais se libertará do ciclo vicioso de trabalhar para pagar ao banco o que pediu emprestado e os juros exorbitantes dessa invenção a que chamam dinheiro.

Em qualquer outra esfera da vida será o mesmo. Endividou-se para estudar, então trabalhe, seja explorado para poder reembolsar a banca, a mesma que não vai à falência e sobrevive explorando-o a si e aos dinheiros dos demais contribuintes.

Seria uma vida mais livre e menos escrava antes de se ter inventado o dinheiro?

Não temos relatos fidedignos na história... Se depois desta curta resenha ainda pensa que não é um escravo, pense nos seus antepassados e imagine como será o futuro dos seus descendentes e verá como é apto o título desta crónica.

E se pensa que os mandantes e donos disto tudo são livres desengane-se, sem os escravos perpétuos eles nada são e têm de se certificar constantemente de que há escravos suficientes para eles manterem o sistema a funcionar. Por mais oleado que o esquema esteja terão sempre de inventar novas normas e retribuições ou mentiras, fake news, para que a roda dentada da engrenagem continue a funcionar. E os poetas, sonhadores, escritores e outros como eu, enganam-se pensando que ao escreverem isto são livres, mas é só nessa realidade virtual da escrita que eles atingem esse modicum enganoso de liberdade.

CRÓNICA 199, A REDESCOBERTA DA ATLÂNTIDA DE ALMEIDA MAIA E "NO PASA NADA" 23 DE JUNHO 2018

O professor universitário Paolo Benevoli, que lidera uma secreta investigação da localização da Atlântida, é assassinado, tal como o seu assistente, logo após ser encontrada uma lápide com uma mensagem extremista no átrio do Palácio de Sant'Ana. A seita FLA, Free the Landscape of Atlantis ameaça.... Assim se resume Capítulo 41: A Redescoberta da Atlântida de Almeida Maia, autor que desconhecia até há semanas apesar dos extensos encómios a uma sua obra anterior "Bom tempo no Canal, a conspiração da Energia."

Por simpatia o autor veio a minha casa oferecer-me um exemplar que li avidamente em dois ou três dias seguidos tão emocionante era a trama deste romance ficcionalizado. Sem entrar em detalhes quero dizer-vos que as fontes citadas no campo da descoberta dos Açores são ainda mais completas do que as que constam dos meus volumes de CrónicaAçores e bem fundamentadas para darem contexto histórico ao tema. Enquanto a arqueologia e outras ciências não provam de forma inofismável aquilo em que muitos creem, este livro ficcionaliza o que a curto ou longo trecho se provará. Sim, porque este arquipélago já teve outros habitantes, como foi revelado em 2017 por um Estudo internacional dos sedimentos da Lagoa Azul, nas Sete Cidades, que conclui que a maior ilha dos Açores, hoje com 125 mil habitantes, já era povoada em 1287.

O estudo de pólenes e esporos, combinado com a análise do carvão e de fósseis de vários microrganismos, nos sedimentos acumulados no fundo da Lagoa Azul, na caldeira das Sete Cidades, em São Miguel, revelam que esta ilha dos Açores já era habitada por volta de 1287, cerca de 150 anos antes da data oficial do seu povoamento, logo a seguir à última erupção vulcânica conhecida.

A datação foi feita por Carbono 14 e o estudo acaba de ser publicado na revista científica internacional "Quaternary Science Reviews" por uma equipa que reúne investigadores do polo do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO) na Universidade dos Açores; do Instituto Dom Luiz na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa; das universidades da Corunha, Barcelona e Autónoma de Barcelona e de dois institutos de investigação da mesma cidade; e das universidades Edith Cowan (Austrália) e da Austrália Ocidental.

Como recorda o estudo, "a data mais consensual da colonização humana dos Açores é 1432, quando Gonçalo Velho Cabral chegou à ilha de Santa Maria" (grupo oriental).

O mesmo navegador descobriu depois São Miguel, a outra ilha do grupo oriental. A data oficial do início da colonização do arquipélago é 1449, mas há historiadores que defendem que os Açores já eram conhecidos antes, baseados em mapas de 1339 onde as ilhas do Corvo e de São Miguel já estão assinaladas, embora com nomes diferentes (Corvinaris e Caprara, respetivamente).

Reconstruir o desenvolvimento da vegetação.

O objetivo da equipa internacional de investigadores com o estudo agora publicado foi reconstruir a dinâmica da vegetação na região da caldeira das Sete Cidades e no arquipélago dos Açores em geral ao longo dos últimos 1000 anos. E definir os principais fatores de mudança na ecologia das ilhas, "com destaque para as alterações climáticas e para o 'timing' da ocupação humana inicial e das suas consequências posteriores", explica o artigo da revista "Quaternary Science Reviews". No fundo, os cientistas pretendiam compreender como foram modeladas as atuais paisagens e comunidades agrícolas dos Açores.

Os pólenes, esporos, carvões e outros materiais orgânicos analisados pelos investigadores serviram assim para reconstruir o desenvolvimento da vegetação da ilha de S. Miguel antes e depois do povoamento pelos primeiros europeus. Mas adicionalmente, a equipa internacional usou também pólenes de algas e plantas aquáticas da Lagoa Azul. Do ponto de vista ecológico, referem os cientistas, "os Açores podem ser vistos como o lugar de uma experiência não intencional em larga escala, onde plantas introduzidas pelos seres humanos de origens geográficas e ecológicas díspares substituíram a vegetação original e desenvolveram novas comunidades, cuja composição e funcionamento ecológico não tinha precedentes". (extraído de notícia do Expresso). Enquanto esta nota serve apenas para vos alertar para um livro interessante o mundo lá fora e cá dentro continuado obcecado por futebol, uns no Mundial da bola outros na saga autofágica sportinguista, na greve dos professores (que -imaginem! queriam que não lhes fossem descontados quase dez anos de tempo de serviço, que desfaçatez!), no desmaio do senhor Presidente Marcelo II em Braga, no atentado para matar o primeiro-ministro de São Tomé e Príncipe, nas crianças separadas dos pais pelo senhor Trump, os sempre animados festejos das Sanjoaninas e outras bagatelas sem importância nenhuma.

O sempre criticamente lúcido editor do Jornal dos Açores, Osvaldo Cabral, em editorial falava do escândalo das listas de espera nos 3 hospitais da região, que nunca parou de aumentar apesar dos milhões e milhões creditados à saúde e a vários planos de redução das listas de espera....é isto as listas aumentam, as consultas pedidas e tratamentos por privados deixaram de ser atendidos se não forem prescritos pelo SRS... o recurso dos doentes tem de ser feito em muitos casos no privado, para quem pode e quer ter alguma saúde...os internados nos hospitais são, muitas vezes, obrigados a calarem-se quando são corridos pela regra não-escrita, não-admitida nem declarada mas real dos seis dias como limite médio dos internamentos, os doentes das ilhas "menores"sem hospitais têm tratamento de 3ª classe, os médicos do Faial ganham créditos à custa dos colegas do Pico, e sei lá que mais que me apetece contar...

Dito isto admiram-se do absentismo eleitoral, do divórcio total da população e políticos ou vão continuar a assobiar para o lado e a comprar votos com subsídios, festarolas e quejandos? Eu até sei como vou votar, quando me baterem aqui à porta...

Hoje acordei e espreguicei-me toda para o Senhor me fazer uma festa no pescoço e dizer *bom dia menina Leoa*, como faz todas as manhãs, antes de me abrir o portão do quintal para ir correr atrás de gatos, pássaros e tudo o que mexa.

Quando entrei vinda do quintal, a minha patroa começou a chamar-me aqueles nomes esquisitos que me chama sempre chichinha, fofinha, apesar de eu já lhe ter dito que não gosto desses diminutivos ridículos que me apoucam.

Fui-me deitar, no meu pufe privativo, como faço sempre depois de qualquer exercício físico. Ainda é cedo para o almoço em que nunca me dão de comer e se sentam à mesa a alambazarem-se de comida, os ingratos. Lá vou ter de esperar até ao jantar.

Por azar, o filho do Senhor não está em casa e ao almoço, por vezes, dá-me um daqueles biscoitos crocantes de que tanto gosto, fazendo sempre a mesma brincadeira ridícula de esconder o biscoito numa das mãos e esperar que eu descubra... não deve saber que nós – canídeos – temos um olfato apurado.

A minha cama já está no andar de cima e posso deitar-me lá ao pé do Senhor que passa o dia sentado ao computador e nunca me chateia, de vez em quando faz uma festa furtiva no pescoço e se tento agradecer-lhe e lambuzá-lo ele reage logo e começa a fugir de mim como se eu tivesse a lepra.

Disseram-me que nos meus primeiros seis meses nem se aproximava de mim com medo de ser lambuzado.

Os outros não, adoram essas manifestações de ternura, especialmente quando – ingratos – saem de casa e me deixam fechada lá fora sujeita às agruras do clima, na minha casota no pátio, que fica antes do quintal.

Claro que quando voltam mostro-lhes a minha alegria e gratidão. Não sabem eles que nós, cães, quando os donos nos deixam tememos que nos deixem para sempre?

Como daquela vez que foram todos embora uma semana e me deixaram aqui sozinha até que a empregada a dias chegou e tratou de mim. Ainda hoje a recompenso bem com festas e lambuzadelas por me ter ajudado nesses dias difíceis de temporal em que fiquei sozinha. Nem sabia o que era vento nem temporal, era muito nova e tinha vindo para esta casa há poucos meses.

Como não sabia que tinham ido de férias, pus-me a uivar à porta a ver se me abriam a porta, mas eles estavam longe e fiquei toda encharcada. Nunca pensei que a minha casota fosse outra coisa se não aquele sítio onde me põem de castigo quando saem de casa. Sim, porque nas outras ocasiões deixam-me dormir aos pés da cama do menino ou da Senhora, depois de o Senhor se levantar que ele já deixou bem claro que não me quer lá enquanto está na cama. Vá-se lá perceber as manias destes humanos. Cada um tem a sua panca.

Hoje depois de almoço, a Senhora pegou na coleira e levou-me ao habitual passeio diário, rua acima e rua abaixo ou é ao contrário? Rua abaixo e rua acima? Bem podia fazer isto mais vezes para eu não ficar com varizes nas pernas por falta de exercício físico, mas ela é doente anda devagar e sempre a arfar e não posso puxar muito por ela caso contrário lá se vai o passeio.

Quando é o puto a levar-me deve pensar que sou um galgo e desata a correr que nem um maluco, rua abaixo e rua acima, e eu fico meia hora a resfolegar, com a língua de fora, quase sem poder respirar. A Senhora diz sempre para ele não fazer isso, pois posso apanhar um AVC que não sei o que é, mas pela cara dela não deve ser coisa boa.

Quis dar uma lambuzadela ao Senhor, mas ele fugiu a sete pés, abriu a porta do pátio e disse que eram horas de ir passear ao quintal. Lá fui, ladrei aos sons estranhos que chegavam da vizinhança, fiz o que tinha a fazer, e voltei para me deitar e descansar. Foi mais um dia duro na minha vida.

A senhora hoje recomeçou as lides laborais e diz sempre que vai para a escolinha, o que, aliás, diz sempre que sai e não quer que eu me incomode ou agite por ficar sozinha. Todos sabem e sentem muito bem, como eu só me sinto bem quando estão todos cá em casa, os três, e melhor ainda quando vem a senhora que me salvou a vida e a quem chamam a nossa Berta.

Já foi há muito tempo, saíram todos e deixaram-me no pátio na minha casota. Começou a chover, a trovejar, parecia um dilúvio que nunca mais parava, eu bem ladrava á porta das traseiras para ma abrirem, mas, como não estava ninguém em casa nesse dia, nem nessa noite, ninguém abriu a porta e eu, pequenina como era com menos de um ano de idade apanhei uma molha enorme pois nunca descobri que a casota era para me abrigar da chuva. Foi só no dia seguinte que apareceu essa Berta que tomou conta de mim e me secou e veio cá nos dias seguintes dar-me comida e água e tratar de mim. Estiveram para aí duas semanas fora e foi essa Berta quem me salvou. Por isso ainda hoje ando sempre atrás dela nos dias em que ela vem a casa.

Este ano não sei o que aconteceu, pois, começou a vir cá outra Berta que não era simpática nem tratava de mim como a Berta e andei muito triste, muito tempo, sempre a refugiar-me atrás do Senhor, pois esta tinha a mania de usar aquela máquina barulhenta a que sou alérgica e que se chama aspirador. Faz um barulho que me põe maluca e apesar de eu lhe ladrar não tem medo nenhum de mim. Felizmente, parece que a Berta já vai voltar pois já cá estive em casa duas vezes e assim, sempre fico mais descansada se acontecer alguma coisa aos senhores ou se resolverem sair e nunca mais voltar.

Depois do calor de verão veio uma fase muita agitada cá em casa, os senhores começaram a ir para fora uns dias e a deixarem-me aqui sozinha dias inteiros, até à noite quando vinha o Menino André tomar conta de mim. Nesta fase andei muitos dias sempre a comer frango pois ninguém cozinhava nada diferente para eu comer.

Os Senhores passavam a vida a fazer e desfazer malas e lá estive eu de cauda descaída toda triste, sempre à espera que fechassem as malas e fossem, sabe-se lá para onde. Mas para onde iam, o certo é que devia ser sítio ruim pois não me trouxeram prendas como das outras vezes. O menino parece que já não vai para a escolinha, como me diziam sempre, só a Senhora anda na escolinha, o Menino agora vai para o trabalho e até já arranjou um carrinho muito *Smart* para ir mais tarde e vir mais cedo.

A Berta voltou e essa rotina fez-me bem, mas o resto anda tudo muito agitado, e com a chuva que nunca mais parou de cair o quintal anda sempre fechado e acabaram-se os passeios rua acima e rua abaixo, também com a chuva que estive, deixaram-me ficar mais vezes sozinha em casa, apesar de eu ter muito medo. Nunca gostei de ficar de ficar sozinha desde que em pequenina me deixaram uns dias e houve um furacão que me ia levando e a Berta me salvou. Para os castigar quando fico muito tempo sozinha, mesmo dentro de casa, lá lhes vou deixando um presente de cocó na tapete, a ver se da próxima vez demoram menos. Mas quando chegam ralham-me, sem me porem de castigo lá fora, e fica tudo na mesma. Bem lhes faço uma festa enorme ao chegarem, dançando em duas patas lambuzando-os e dizendo-lhes, à minha moda, como é bom estarmos todos juntos sob o mesmo teto. Agora plantaram uma árvore enorme no meio da sala de jantar e dizem que é natal, e que vou comer um bife como prenda. Pena que não seja natal todos os dias...

Era uma vez uma terra de gente feliz, vacas felizes, um paraíso à face da terra. A economia ia de vento em popa, havia muitos hotéis, muitos turistas, e tudo parecia bom. O dinheiro corria a jorros da fonte de Bruxelas para as vacas, com algumas esmolas para os pescadores, a Faixa de Gaza ia de vento em popa com o maior crescimento populacional do país, todos a viverem dos rendimentos sociais para compensar desigualdades e injustiças do passado, e o Estado ia finalmente livrar-se do cancro das empresas públicas onde se tinham albergado os imigrantes ilegais dos partidos no poder ao longo de décadas, enquanto aguardavam a regularização do seu estatuto e uma mudança de dinastia.

Faltava ainda acrescentar alguns toques à mágica receita da ministra *Veronica Skvortsova, ministra da Saúde da Rússia*. A fórmula da eternidade: "O aumento da idade da reforma prolongará a vida".

Embora muitos pais tentem a todo custo evitar que seus filhos tenham frustrações, elas são importantes para o desenvolvimento humano, mas nem assim se evitavam as taxas de suicídio mais elevadas do país na terra das vacas felizes. Os condutores felizes na terra das vacas sorridentes andavam nas estradas sem carta de condução, sem seguro, muitas vezes alcoolizados, a falarem ao telemóvel e a queixarem-se da necessidade de mais subsídios para a lavoura.

Não era gente muito dada aos livros e estudos, pois o abandono escolar prematuro era o mais alto do país, mas isso devia-se sobretudo à felicidade de ir lidar com as vacas que sempre são mais interessantes que os chatos dos professores. No setor dos serviços, em especial na indústria hoteleira e afins, havia um enorme amorismo, má vontade, falta de preparação e desconhecimento de que o cliente é quem paga os salários dos funcionários, e para isso as belezas naturais não chegavam para encobrir o mau funcionamento do setor.

Por outro lado, pretendendo ser um setor virado para o turismo o ano inteiro, fechavam-se os balneários exceto de junho a setembro e não havia pessoal nadador-salvador sempre útil em praias de correntes e contracorrentes ocultas pelo benigno clima durante a maior parte do ano.

Os trilhos, sempre muito procurados pelos amantes da natureza, estavam sem manutenção adequada na maior parte do ano, sujeitos a chuvas, intempéries e derrocadas, além do normal acumular de lixo que se propagava em todos os cantos que nem praga de ratos.

O lixo, ah! O lixo para que algumas vozes clamavam pela co-incineradora que a Europa já não propugnava e nem era solução dada a dimensão das terras. E o povo, como era feliz como as vacas, continuava a mandar tudo para o chão, fosse no dia a dia ou nas inúmeras festas que aconteciam em todas as freguesias e lugarejos, sem entenderem que esse lixo e esses plásticos iriam voltar na comida para as suas mesas, fosse misturado com o sal ou no sistema digestivo de peixes e mariscos.

A educação cívica ainda estava em estudo nos currículos das escolas que eles não frequentavam. Era um povo tão feliz e sorridente que se mantinha colonizado, sem o saber, sempre atento e venerando às migalhas que os senhores atiravam das ameias aos servos da gleba. E, como atentos e venerandos sempre haviam sido, assim se quedavam, pois sabiam que as migalhas dos subsídios e apoios à lavoura, às artes e literatura secariam se deixassem de o ser. Nem sabiam, nem a escola que tinham abandonado lhes ensinara quem dissera...

"... As couzas que padecem os moradores desse afligido reyno, bastarão para vos desenganar que os que estão fora desse pezado jugo, quererão antes morrer livres, que em paz sujeitos. Nem eu darei aos moradores desta ilha outro conselho... porque um morrer bem é viver perpetuamente..."

Fora Ciprião de Figueiredo (Alcochete, 155? – Lagny-sur-Marne, 1606), 1.º e único conde da vila de São Sebastião (por D. António I de Portugal), por vezes designado por Ciprião de Figueiredo Vasconcelos, que se distinguiu como corregedor dos Açores durante a crise de sucessão de 1580, tendo governado o arquipélago durante o período conturbado que se seguiu à aclamação nas ilhas de D. António, Prior do Crato como rei de Portugal. A ele se deve a fortificação e organização da defesa da ilha Terceira que levou à vitória na Batalha da Salga.

Havia coisas ainda a melhorar, como dar vida ao velho burgo quando os milhares de turistas de cruzeiros caíam sobre a cidade quem uma praga de gafanhotos para encontrarem as lojas e museus encerrados, pois cumpriam o horário de repartição pública. Tinham de se abrir os urinóis da cidade fora do horário de expediente, recuperar a velha zona onde estava uma cadeia superlotada, descaracterizada por aterros, obras inacabadas, um monstro de galerias de cimento à espera de serem ajardinadas enquanto os mais afoitos iam ao casino tentar a sua sorte.

Melhor sorte anunciava-se para o fabuloso esqueleto do velho hotel sobranceiro às mais belas lagoas do mundo que – segundo anunciaram – ia finalmente ser restaurado, mas nesta terra de promessas, mais vale ser como S. Tomé, ver para crer...

Havia nessa terra uma companhia de aviação muito complicada, tinha tanto débito que era capaz de afundar o Titanic, mas nunca ninguém me disse quanto é que pagava por cancelamentos de voos, desvios de aviões, acomodação de passageiros em terra, e as mil e uma peripécias de quem prefere voar na transportada aérea lá do sítio.

Conheço picos de gente que te exigido reembolso por cancelamentos, atrasos, e sabe-se lá que mais, mas deixemo-nos de treta, numa época em que viajar é tão banal, essa companhia acrescentou o elemento surpresa a quem viaja e nunca se sabe se vai viajar, já que a horas raramente chega, e aproveita para dar a conhecer aos passageiros outros aeródromos e locais que não constavam do plano original de voo.

E tudo sem nada pagarem, que generosidade. Noutros pontos desta terra de gente feliz clamava-se pela expansão de dois aeródromos vizinhos, mas os interesses tribais e guerrilhas bairristas protelavam qualquer aumento das pistas de aterragem, enquanto os turistas iam ficando a ver navios, que um dia serão construídos, enquanto aquele que se encomendara, e fora recusado, andava feliz por terras da Noruega, mas isso é outra lenda, dessas das histórias mal contadas em que as terras de bruma eram férteis.

Quando em 2006 ou 2007 escrevi, num livro que poucos leram, que se deviam fazer reservatórios das águas pluviais que iam sempre parar ao Grande Mar Oceano houve quem se risse de mim, mas agora clamam que algumas terras sofrem uma seca como não há memória... nada que uns tostões de Bruxelas não resolvam para calar as vozes da seca. Mas claro está que isto são apenas queixumes de quem nunca está satisfeito e quer sempre mais e mais do que estas terras e estas gentes podem dar.

CRÓNICA 202 DOM XIMENES BELO E A RELEVÂNCIA HISTÓRICA DOS MISSIONÁRIOS AÇORIANOS 7.7.18

Ontem foi um dia que ficará na minha memória por ter conseguido congrega vontades e lançar em livro a última obra de pesquisa de Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, o 2º volume da série Missionários Açorianos em Timor em que se percorrem as biografias de vinte clérigos açorianos em terras "que o solem nascendo vê primeiro". Não é muito meu apanágio

vangloriar-me das pequenas conquistas que através dos Colóquios da Lusofonia temos vindo a conseguir ao longo de 17 anos, mas esta, pela dificuldade em ser concretizada teve outro gosto. Já o primeiro volume só foi possível graças ao mecenato do amigo e associado (da AICL – Colóquios da Lusofonia) José Soares, quando ninguém quis entender a pertinência de se estudar quem foram estes verdadeiros heróis (e alguns deles, mártires) açorianos que contra tudo e todos fizeram da missionação em Timor o múnus da sua vida.

Não foi fácil publicar este segundo volume, gorado que foi o apoio regional das entidades da cultura anteriormente prometido. Foi pena que não tivessem tido a visão de alcançar a relevância para a História do arquipélago desta vertente da AÇORIANIDADE na sua faceta espiritual da vida dos missionários açorianos em Timor, que tão relevantes foram para a consolidação da língua e cultura de matriz portuguesa nas martirizadas terras de Timor. Teve a Câmara Municipal de Ponta Delgada, através do seu Presidente José Manuel Bolieiro e do seu Chefe de Gabinete, José Andrade, a visão de serem os mecenas desta obra de quase 200 páginas e associá-la aos eventos da 20ª celebração das Festas do Divino Espírito Santo em Ponta Delgada, além de a disponibilizarem graciosamente na sua rede de bibliotecas escolares. Haja agora pessoas descomprometidas com a religião (como eu mesmo) capazes de cumprirem a sua missão de professores e falarem destes 20 homens açorianos que tão importantes foram para a construção da atual identidade de Timor. Creio que as palavras usadas na minha apresentação, na Igreja Matriz de São Sebastião em Ponta Delgada a 6 de julho 2018, sobre o autor e a obra dirão bem melhor aquilo que ora tento narrar.

NOTA INTRODUTÓRIA

Quando em 11 de setembro de 1989⁸ em Sydney, Austrália, fui o primeiro jornalista a conseguir entrevistar telefonicamente Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, em Díli, Timor-Leste – então sob a ocupação neocolonial indonésia – estava longe de imaginar-me hoje aqui nesta terra e a falar deste projeto. Tornei a entrevistá-lo, algumas vezes, ao longo dos anos negros de ocupação indonésia, mas nem sempre me deixavam falar com ele quando apertavam o cerco à sua voz incómoda e desabrida em defesa dos Timorenses. Foram anos difíceis que culminaram no infamemente 12 de novembro de 1991, aquando da chacina no cemitério de Santa Cruz, quando a sua residência em Lecidere serviu de último abrigo a centenas de refugiados do massacre indonésio.

Vim a conhecê-lo e a entrevistá-lo, pessoalmente, em dezembro 1993, em Melbourne, aquando da sua primeira deslocação à Austrália e só nos tornamos a reencontrar em 2005 em Bragança quando foi convidado de honra no 4º Colóquio da Lusofonia, quando Timor já independente dava os seus primeiros passos, vencida a fase da luta em que ambos estivemos envolvidos durante décadas, em diferentes locais e de formas distintas.

Posteriormente, convidei Dom Ximenes Belo para o 19º Colóquio da Lusofonia em 2013 na Maia (S. Miguel, Açores) e para o 24º Colóquio na Ilha Graciosa em 2015 em que foi proposto pelo nosso amigo e associado José Soares, para Patrono e 1º sócio honorário da AICL - Colóquios da Lusofonia. Dom Carlos Filipe Ximenes Belo (Prémio Nobel da Paz, 1996, conjuntamente com José Ramos Horta) tem dedicado os seus últimos anos a estudar um tema que me fascina por ter vivido em ambos os locais: o da presença maciça de clero açoriano no Oriente (Macau e Timor).

D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa Nunes e D. Paulo José Tavares, têm em comum serem todos açorianos e Bispos de Macau. Esta tradição de o clero açoriano se notabilizar fora do arquipélago vem desde os tempos remotos do povoamento. No século XVI, D. Frei João Estaco, foi bispo de Puebla de Los Angeles, no México. No século XVII, D. Frei Afonso Enes de Benevides, foi bispo de Meliapor⁹; D. Frei Cristóvão da Silveira foi primaz do Oriente. No século XVIII, D. António Taveira Brum da Silveira, foi arcebispo de Goa e primaz do Oriente; D. Frei Bartolomeu do Pilar, foi bispo do Grão-Pará no Brasil; D. Manuel de Sousa Enes foi Prelado de Macau.

No século XX, novos açorianos contribuíram para a evangelização católica, em especial no Oriente, como D. João Paulino de Azevedo e Castro, Bispo de Macau; D. Manuel de Medeiros Guerreiro, Prelado de Meliapor e de Nampula; D. José Vieira Alvernaz, Prelado de Cochim, arcebispo de Goa e Damão, e Patriarca das Índias Orientais; D. Paulo José Tavares, Bispo de Macau; D. Arquimínio Rodrigues da Costa, Bispo de Macau e D. Jaime Garcia Goulart, primeiro Prelado de Díli. Nos Estados Unidos da América, merece ainda alusão a figura de D. Humberto de Sousa Medeiros, cardeal de Boston.

Estes nomes mais destacados inserem-se no contexto mais abrangente de um movimento clerical que se perpetuava dentro das famílias, como é o caso da família Costa Nunes, pois José era sobrinho em segundo grau do Padre António da Glória, cura e vigário da Candelária de 1809 a 1856.

Alguns dos familiares de Dom José da Costa Nunes foram atraídos para o sacerdócio. É o caso dos Padres Áureo da Costa Nunes e Castro; Manuel da Costa Nunes e António Maria Nunes da Costa, sobrinhos de D. José, e do bispo Jaime Garcia Goulart, seu primo. Aliás, D. José da Costa Nunes não se limita somente a influenciar a rede familiar pois no decurso da sua estadia no Oriente leva onze jovens açorianos para o Seminário de Macau (oito terceirenses, dois picoenses e um faialense), nove dos quais seguiram a carreira eclesiástica e que iremos homenagear em outubro no 30º colóquio da lusofonia no Pico.

Assim, este livro nasceu de um projeto que os Colóquios da Lusofonia lançaram em abril 2011 no 15º colóquio em Macau, e que, lentamente, temos vindo a desenvolver, tendo saído em 2016 o primeiro volume (*Um missionário açoriano em Timor, Padre Carlos da Rocha Pereira*) por mecenato de um associado nosso. Quando no ano passado se nos deparou esta obra foi prometido o apoio das entidades que regem a cultura nestas nove ilhas, mas quando fizemos o pedido formal um longo silêncio se seguiu.

Nunca desistimos de publicar esta obra, este segundo volume com vinte religiosos em Timor, e que agora vimos dar à estampa graças ao labor de Dom Carlos Filipe Ximenes Belo e ao patrocínio generoso, que aqui publicamente agradecemos, da Câmara Municipal de Ponta Delgada que com o seu mecenato tornou possível a edição. Trata-se de uma completa biografia de vinte religiosos açorianos que deram o seu melhor por Timor em mais de um século, muitas vezes em situações difíceis como a revolta de Manufahi em 1911, a segunda grande guerra e a invasão japonesa, e – mais tarde – a 7 de dezembro de 1975 a invasão e o genocídio indonésio.

Uma viagem na História que muito enaltece a fibra das gentes açorianas na missionação por longínquas paragens de Timor cujo lema era “a terra em que o sol nascendo vê primeiro”.

Desde sempre os homens da Igreja foram importantes em Timor para missionar e administrar um território esquecido e abandonado pelos governos desde o seu achamento em 1514.

O primeiro capitão-mor foi nomeado em 1602 na dependência da Índia, o primeiro governador em 1695, a partir de 1852 dependente de Macau e dependente de Lisboa a partir de 1896, província ultramarina em 1909, distrito autónomo em 1927, de novo província ultramarina em 1955 e região autónoma a partir de 1972. Durante este tempo a missionação

⁸ [ao serviço da LUSA, jornal EUROPEU, RDP, Rádio Comercial e TDM-RTP Macau]

⁹ São Tomé de Meliapor foi um antigo território de Portugal entre 1523 e 1662, e também entre 1687 e 1749. Está localizado na costa oriental da Índia.

e o ensino estavam quase totalmente nas mãos dos clérigos. A eles se deve, durante a resistência à ocupação neocolonial indonésia, a manutenção cultural e linguística portuguesa numa terra, repito, sempre esquecida e abandonada pelo poder central.

É da história destes notáveis clérigos açorianos ao longo de mais de um século, que este livro trata. Obrigado Dom Carlos Filipe e Câmara Municipal de Ponta Delgada, por nos ajudarem a revelar e divulgar a importância das gentes açorianas nos confins do mundo, e que, decerto, nos encherá de orgulho. Pena é que as novas gerações não o aprendam ainda nos seus livros escolares para melhor entenderem toda a vasta abrangência das várias vertentes da Açorianidade que torna este povo dos Açores tão distinto dos demais.

CRÓNICA 203 A SAGA DA GRUTA NA TAILÂNDIA: HÁ CRIANÇAS E MAIS CRIANÇAS 10.7.18

Graças à tecnologia, solidariedade internacional, à resiliência dos jovens e das instituições, agora que a saga das crianças na Tailândia terminou, de forma feliz, com uma vítima apenas (um mergulhador tailandês) e a sobrevivência das 12 crianças e seu treinador de futebol isolados numa gruta debaixo de água durante mais de duas semanas (foram encontrados ao fim de 9 dias, os últimos a sair completaram 18 dias na gruta) cumpre tirar algumas ilações:

1. Em Portugal (e na maior parte dos países nunca nada deste género ocorreu) mas uma plêiade de *experts* (ou seriam *espertos*?) peritos em tudo volitaram durante dias a fio opiniões, bitaites, falas de cátedra numa clara demonstração de que o mesmo acontecesse aqui teríamos imensos pessoal especializado para poder comentar.
2. A TVI mandou uma patética Judite que fez tristes figuras e foi incapaz de justificar as despesas com a deslocação
3. HÁ MAIS DE 2500 CRIANÇAS DETIDAS ILEGALMENTE EM CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO (perdão de detenção de ilegais) PELO GOVERNO DOS EUA, algumas com 12 meses de idade a irem sozinhas defronte de um juiz..., mas a TV não está lá para seguirmos a par e passo esse crime.
4. Um número bem maior de crianças arrisca a vida em busca da fuga à guerra, à fome, a todo o tipo de violações, para morrer afogada no Mediterrâneo, ou ficar detida em novos campos de concentração de Ceuta a Itália, Grécia e tantos outros países, mas a TV não estava lá.
5. No Congo ex-belga de mil e uma guerras e de um genocídio do Rei da Bélgica (de que poucos falam, teriam sido 10 milhões? Fora os amputados e outros) há milhares de crianças de 4 anos e mais a trabalharem como escravos em minas a céu aberto para produzirem minerais indispensáveis aos telemóveis que todos usamos, mas a TV não estava lá.
6. Na Palestina a vida miserável nas pequenas faixas de terra que Israel ainda anexou não permite que alguma criança tenha infância, apenas existe um caminho o do ódio e da guerra contra os opressores, mas a TV não estava lá nem mandou a Judite.
7. Na Líbia e mitos outros locais longe do alcance das câmaras de televisão há crianças, mulheres e homens a serem vendidos como escravos como acontecia há cinco séculos e esta imagem ilustra (Líbia) mas também não estava lá a TV durante horas a comentar o preço de venda de seres humanos, com a sua corte de comentadores especializados. Desculpem lá, mas apesar da alegria pela libertação dos 13 retidos na gruta tailandesa não posso deixar passar em silêncio esta hipocrisia dos *mass media* mundiais

CRÓNICA 204 FERNANDO SYLVAN, UMA BIOGRAFIA POR JOSÉ BÁRBARA BRANCO

Conheci finalmente o médico José Bárbara Branco em março 2018 quando o convidei a ir apresentar o livro em epígrafe no 9º colóquio da lusofonia em Belmonte. Em comum havia o facto de termos estado em Timor, Bobonaro, com alguns anos de intervalo e de ao fim de tantas décadas continuarmos agarrados a essa droga sem cura que é o nosso amor indefetível por essas terras. Aproveitei para convidar o nosso Comandante de Setor de Bobonaro e do Esquadrão de Cavalaria 5 e mais gente ligada a Timor (no meu tempo o major Gouveia Falcão, hoje coronel na reserva).

Moderei a sessão na qual foi apresentado também o livro infantojuvenil trilingue de Ramos Horta "O mundo perdido de Timor-Leste" e fiquei com imensa vontade de ler a história de Fernando Sylvan, um dos mais célebres autores timorenses, um mestiço aceite no Estado Novo e com uma vastíssima e variada obra literária. Um homem que durante duas décadas (1975-1993) presidiu à reputada Sociedade da Língua Portuguesa (SLP) hoje extinta e a que pertenci desde 1996.

Fernando Sylvan, de seu nome Abílio Leopoldo Mota Ferreira, sai muito jovem de Timor em 1923 após a morte da mãe, barlaqueada com o pai, funcionário da administração colonial e vai viver com a mulher legítima do pai e suas duas meias-irmãs... nunca regressaria a Timor embora tivesse viajado por meio mundo, do Brasil a Moçambique foi defensor do lusotropicalismo de Gilberto Freyre, defensor do Estado Novo, opositor do mesmo e candidato à Assembleia Nacional, monárquico, virou à esquerda com o 25 de abril, membro do Partido Socialista com uma vastíssima obra de temáticas variadas e – por vezes – controversas.

Desde os avós paternos de Fernando Sylvan à sua morte, leva-nos o autor Bárbara Branco ao longo de 200 páginas a episódios vários da sua vida bem ilustrativos da sua sede de enriquecimento cultural, ao reconhecimento do seu valor como mestiço timorense, de cor, sem doutoramento nem licenciatura, numa sociedade como era a sociedade portuguesa da época.

E eu que pensava saber quase tudo sobre Timor tive a oportunidade de aprender imenso sobre este homem que teve uma vida rica de experiências sem nunca abdicar da sua matriz original timorense, da memória dos pais. Um livro que nos dá a conhecer o escritor, nos lembra como eram as sociedades em Timor e em Portugal no decurso da sua vida, nos conta tantos episódios uns de verdadeira lusofonia, outros de portugalidade que preencheram a variedade de ocupações e empregos a que se dedicou, a par da escrita que nunca abandonou, em temas que vão da agricultura à educação nas províncias ultramarinas, sem nunca descurar a sua verdadeira arte poética.

Com uma edição (Crocodilo Azul 2017) cuidada e profusamente ilustrada com reprodução de documentos, de livros, de fotografias, este é um livro que se aconselha a ler devagarosamente (eu devorei-o com avidez sequiosa de quem anda no deserto) para se entender este multifacetado escritor que deveria ser mais lembrado e homenageado. Talvez não seja por se tratar de um escritor que nunca foi politicamente correto e nunca se ter coibido de mudar de ideias à medida que os seus conhecimentos se expandiam e a sua sede de autodidata o levava a novas descobertas. Obrigado José Bárbara Branco por este excepcional trabalho de pesquisa, investigação e compilação demorada e cuidada que bem valeu a pena esperar para conhecer o autor e a sua obra.

Há mais de dez anos (textos de 2006-07) escrevi...

Para não perdermos o comboio da Europa vamos ter um TGV, mas já perdemos os comboios todos que diariamente são arrancados dos carris e substituídos por TIR nas nossas estradas, para que sejamos o país da Europa com mais mortos na estrada que em qualquer guerra civil.

Qual comboio, quando a saúde, a educação, a justiça são o que são?

Quando as famílias portuguesas vivem miseravelmente com um nível de vida e uma qualidade de vida inferior aos dos chamados países de leste e em vez de se investir nessa melhoria vamos investir em mais elefantes brancos e obras faraónicas.

Para quê? Para mostrar aos outros que somos os maiores e os melhores.

Para eles verem da janela do TGV as fachadas degradadas de milhares de prédios onde vive gente sem qualidade de vida ou de casa, e as barracas que ciclicamente as Câmaras anunciam que vão demolir?

Para verem naquilo em que tornaram o Algarve, uma enorme construção LEGO de cimento, rodeada de campos de golfe para os nossos 9 milhões de praticantes da modalidade, que consomem a água do Alqueva que afinal não serviu para a rega?

Para verem os nossos campos agrícolas abandonados como eu os vi no distrito de Bragança?

Para verem as filas de autocarro (as maiores e mais lentas da Europa), as filas para o médico, para isto e para aquilo?

Para verem os nossos estádios de futebol vazios de gente, com jogadores que não recebem salário enquanto os seus presidentes enriquecem?

Para verem os nossos museus fechados quando as pessoas podiam ter disponibilidade para os visitar? (afinal para que servem os museus se temos os melhores Shoppings da Europa e onde todos vão nos dias feriados e fins de semana?)

Será que do TGV se conseguem ver as listas de espera dos hospitais, e as dos tribunais? Um país de falidos em que todos têm dinheiro para ir ao Brasil de férias...

Ainda bem que foram os portugueses quem "descobriu" o Brasil. Imaginem que se fossem os espanhóis ou os ingleses não havia índios como eles fizeram na América do Sul e na Austrália aos aborígenes.

Mas que país é este de fama machista e recheado de pedófilos?

Mas com tanto betão a mexer-se para os lados da Ota e com a velocidade do TGV quase ninguém se apercebeu de que os últimos exemplares do comboio Foguete dos anos 50 e 60 estão a apodrecer de vez em Elvas porque não há dinheiro para os recuperar.

Como as linhas todas para o interior vão desaparecendo, seguindo a lógica racional e pragmática de que os velhos não contam nem votam, o melhor é acabar com todos os serviços no interior do país para que todos tenham a possibilidade de desfrutarem do ótimo clima à beira-mar plantado e se mudem, de vez, para a costa.

Aliás nos últimos anos a Europa já nos ensinou que a agricultura portuguesa não dá nada e o melhor é importar tudo de Espanha pois lá é que eles sabem fazer agricultura a sério.

Como agora vão acabar com as escolas, maternidades, e outros serviços no interior, fica mais barato mudá-los todos (aos habitantes) para a cidade pois aí terão todos um nível económico uma qualidade de vida mais elevada do que se continuassem a viver em aldeias feitas de casas de pedra sem condições, para onde a energia elétrica custa milhares a ser transportada, mais as linhas de telefone fixo, mais o saneamento e o abastecimento de água, pois que tudo isto já existe nas cidades e no litoral, vê-se aqui a pertinência desta lógica.

Na Austrália vi uma reconstrução das cidades (Ballarat e Bendigo, Estado de Vitória) onde havia os garimpeiros, e até as tendas imundas e pobres dos chineses eles reconstruíram.

O ouro foi descoberto em 1851 em Poverty Point (Ponto da Pobreza) no ribeiro Canadian. No ano seguinte havia mais de 20 000 pessoas a escavarem os campos de ouro (Ballarat Goldfields). Em 1855 havia 19 000 Chineses na colónia de Vitória e dois anos mais tarde já existiam 26 000 odiados e perseguidos pelos colonos brancos.

Levei lá a minha filha para aprender um pouco da história australiana, numa das vezes que me fora visitar a Melbourne. Depois de conduzir o carro até perto do local, compramos o bilhete simbólico para sermos transportados numa linha de comboio centenária. Era mantida por um ex-maquinista que orgulhosamente conservava a circular a locomotiva e alguns vagões, sempre cheios de turistas em todas as épocas do ano.

Cobravam uma taxa simbólica suficiente para sustentar a linha desativada. Houvesse em Portugal gente com aquela visão para se manterem algumas das linhas mais belas do mundo como a do Tua, ou a Pocinho a Barca d'Alva...ou as linhas do Vouga, do Tâmega e outras que desapareceram pela estupidez dos governantes em Lisboa.

Claro que na Austrália haviam dado (ao ex-maquinista) uma concessão de 25 anos – sem custos nem impostos - para manter a linha.

Ao longo de duas dezenas de quilómetros haviam-se desenvolvido algumas atividades paralelas, para além do belo parque natural numa das suas extremidades.

Todo o acampamento mineiro fora mantido, nos edifícios que estavam em pé, labutavam (ou fingiam labutar nessa recriação permanente douras eras) pessoas vestidas à época da febre do ouro, cozinhando "scones", fazendo chá, trabalhando no jornal, numa tipografia da época, que ora se limitava a emitir certificados decalcados doutras eras com os nomes dos visitantes atuais.

Havia a prisão e as quintas, carros de bois, o render da guarda e tudo o mais numa constante recriação do que fora a vida na época. A filha e o pai jamais esqueceriam aquele mergulho na história do século XIX no estado australiano de Vitória.

Mas em Portugal, tudo era diferente. Poucos estavam interessados em recriar o passado histórico e as gloriosas máquinas de caminho-de-ferro a vapor. Ignoravam que a ferrovia por entre alcantiladas margens do Douro e seus afluentes percorria algumas das mais belas paisagens do mundo. Isto era um país indiferente, amante do lucro rápido e do cimento, a que chamam progresso, sem respeito pelo valor incomensurável do passado e da sua riqueza histórica e patrimonial. A grandeza da História nada representa. Assim se perdia a paisagem protegida por deus e pela natureza, como se perdiam os castelos, as igrejas, os pelourinhos, e tantos outros monumentos abandonados ou deixados à sua triste sina de decadência forçada aguardando que a natureza tomasse conta deles e os ocultasse. Seria um legado para arqueólogos futuros os descobrirem...

Anda o Estado a gastar dinheiro com estradas, sua manutenção, pontes, viadutos e túneis, para o interior quando toda a gente sabe que lá não vive ninguém (ou quase). Vai-se a qualquer aldeia e são só meia dúzia de velhos, e agora como as crianças são deslocadas para as cidades logo na escola primária, depois de verem o progresso urbano nunca mais querem regressar para aquele atraso e provincianismo da aldeia. Assim, é mesmo o mais lógico trazer os velhos para a cidade, pois, entretanto, eles morrem e nas terras deles ainda se poderá aproveitar para fazer uns campos de golfe que é um desporto de milhões de aficionados portugueses, e sempre dá mais dinheiro do que plantar batatas, pois que como todos sabem há um excesso de produção da batata portuguesa.

Intriga-me, outra vez, imaginar porque é que isto não foi pensado há mais tempo e teríamos evitado todo este atraso, que como devem saber, é causado pelos fundos estruturais que ao longo de décadas se canalizaram para o interior profundo do país tentando romanticamente manter uma agricultura de subsistência à custa do sacrifício dos pobres agricultores iletrados que tinham de se levantar pelas 5 da manhã e trabalhavam até ao pôr-do-sol, quando toda a gente

já sabia que se vivessem na cidade não precisavam de se esforçar tanto pois não vale a pena cultivar uma couve-galega só para se fazer o caldo verde.

Depois, tenha-se em consideração que a matança do porco e doutros animais está condenada pela sociedade e por todas as organizações ambientalistas por se tratar duma prática ancestral aberrante e que fere de morte a suscetibilidade e sensibilidade do animal, pois este deve ser morto nos matadouros devidamente licenciados para o fazerem nos moldes higiénicos e salutareos propugnados pela União Europeia.

O campo é bonito é para se passear nas férias e levar lá os putos para verem como se vivia antigamente, coisa que eles decerto nem vão acreditar, e sempre se aproveita para manter a tradição viva ao ensinarmos um pouco de história dos antepassados, coisa que é muito mais vantajosa do que ir a um museu, que como todos sabem estão sempre fechados nas férias, nos dias santos e aos fins de semana. ~

Em 1906 chegou o comboio a Bragança. O Espaço Museológico de Bragança fica situado no centro da cidade, na área da antiga estação ferroviária e ocupa a antiga cocheira de carruagens da que foi estação terminos da linha do Tua. A exposição inclui diverso material ferroviário da Companhia Nacional e do Porto à Póvoa e Famalicão.

O comboio da Linha do Douro ia do Porto à Régua e ao Tua. Aqui mudava-se para outro comboio da Linha do Tua mais lento ainda ou uma automotora até ao Pocinho.... Os comboios dessa época eram a vapor, abastecidos a carvão, raramente excedendo os 20-40 km/h

Esta linha ferroviária fazia parte dum projeto ambicioso de caminho-de-ferro até Zamora, Espanha, que nunca foi completado. Em setembro 1887 foi inaugurada a Linha do Tua (entre o Tua e a cidade de Mirandela), nove anos depois da apresentação dos projetos para a sua construção.

Em dezembro 1906, concluiu-se a extensão da linha até Bragança, num projeto que previa a ligação até Espanha que nunca se veio a concretizar.

O seu traçado veio a prever depois uma ligação a Vinhais, sendo depois abandonado, seguindo o vale do Tuela ou o planalto entre o Tuela e o Rabaçal, mas a dureza deste traçado superaria o do próprio Baixo Tua onde a linha acabou por avançar.

Em meados de 1940, a Linha do Tua passa da CN - Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro - para a gestão da CP que em 1992 encerra a circulação ferroviária no troço entre Mirandela e Bragança, numa extensão de cerca de 80 quilómetros, para em julho 1995 ser inaugurado o Metro de Mirandela, que possibilita a reabertura da linha entre a cidade e a localidade de Carvalhais.

Em abril 1910, o distinto bragançano Abílio Beça, um dos principais promotores da linha, morre trucidado por um comboio. Da estação do Tua (partilhada com a Linha do Douro) à estação de Bragança, a distância total é de 133,8 km.

A Linha do Douro avançava vinda do Porto com destino à fronteira com a Espanha, em Barca d'Alva. A Linha do Tua registou em 120 anos de exploração um único acidente mortal.

Desde que a construção da Barragem do Tua ganhou o apoio da EDP e do Governo somam-se 4 acidentes, lamentando-se a perda de 4 vidas que ensombram o futuro desta linha paradisíaca.

A linha está ameaçada pelos políticos e também pela construção duma nova barragem. Há quem suspeite de sabotagem, mas ninguém o diz.

A história da linha conta-se assim: em 22 de junho de 1882 a Câmara de Mirandela apresentou à Câmara dos Pares do Reino a aprovação do projeto de lei para a subvenção de 135 contos de réis, para cobrir a garantia de juro de 5% para a empresa que viesse a construir a Linha do Tua.

Em 11 de janeiro de 1883, ano em que a Linha do Douro chegaria à estação do Tua, a Câmara de Mirandela apelou ao Rei D. Luís I para a aprovação da Linha do Tua, ato para o qual veio a contar com o apoio da Associação Comercial do Porto, que pretendia salvaguardar os seus interesses ao dar mais força ao Vale do Douro como via de transporte, em detrimento de vias mais a Sul, como Aveiro a Vilar Formoso.

Em 26 de abril de 1883, é lançado em Carta de Lei o concurso para a construção da Linha do Tua, ficando ao Conde da Foz adjudicada a obra; viria a trespassá-la à Companhia Nacional de Caminhos-de-Ferro (CN - cujo símbolo é ainda visível na estação de Bragança), em dezembro desse ano.

O grupo que construiu a primeira fase da Linha do Tua (até Mirandela) foi o mesmo que veio a construir a Linha do Dão (Santa Comba Dão - Viseu), primeira via-férrea a chegar a Viseu, antes da Linha do Vouga.

Em 26 de maio de 1884 é confirmada a adjudicação da obra à CN, assinando-se o contrato definitivo em 30 de junho do mesmo ano. A 16 de outubro, a Linha do Tua começa a ser construída, a partir de Mirandela, rumo à Foz do Rio Tua. A obra teve nos seus primeiros quilómetros uma tarefa facilitada: inserida num vale aprazível e plano, até chegar ao estreitamento de Abreiro, apenas um túnel foi escavado (Frechas), além de esporádicas trincheiras e pontões, com uma única ponte metálica de pequenas dimensões no Cachão.

No entanto, Abreiro tornou-se o prenúncio de uma das obras mais extraordinárias de sempre da engenharia portuguesa. Fruto das dificuldades do terreno, e de uma força de trabalho altamente conflituosa, o engenheiro responsável deixou o seu lugar vago, dando entrada a um dos mais notáveis engenheiros portugueses do século XIX, o engenheiro açoriano Dinis da Mota, que viria também a deixar a sua assinatura na Linha do Dão.

Com o pequeno prelúdio de Abreiro ultrapassado pelos primeiros grandes paredões de suporte e a maior ponte metálica até então necessária (destruída e substituída após cheias no Rio Tua no início do século XX), o Vale do Tua volta a dar tréguas, com algumas dificuldades que começam a ser cada vez mais contínuas. A partir da Brunheda, entra-se no Baixo Tua, e começa a fase mais épica da construção da Linha do Tua.

Em apenas 10 km, a partir da estação do Tua, foram necessários dois viadutos e uma ponte (Presas, Fragas Más e Paradela), e cinco túneis (Presas, Tralhariz, Fragas Más I e II, e Falcoeira) que totalizam uma distância de 456 metros. Estes, particularmente na zona das Fragas Más - garganta do vale formada por rochedos titânicos, foram conquistados à Natureza com métodos e homens tão temerários como os que ficavam presos por uma corda a uma plataforma elevada nas escarpas, baixados até à plataforma da via, onde acendiam o rastilho da dinamite e eram rapidamente subidos para a plataforma, antes de a encosta vomitar pedaços de rocha na explosão.

A 27 de setembro de 1887 a Linha do Tua era inaugurada, com a locomotiva E81 batizada Trás-os-Montes, e conduzida pelo próprio Dinis da Mota. Em Mirandela, a grande estação (a maior estação de via estreita portuguesa) acolhia entre muitas figuras ilustres, El-Rei D. Luís I. A 29 desse mês a linha era aberta à exploração.

O troço Carvalhais - Bragança encontra-se encerrado a todo o tráfego ferroviário desde 1992. Esta data está envolta em controvérsia, uma vez que em dezembro de 1991 se encerrou o troço Mirandela - Macedo de Cavaleiros, deixando o troço até Bragança isolado da rede ferroviária nacional.

Poucos dias depois, um descarrilamento em Sortes veio ditar o encerramento do troço Macedo de Cavaleiros - Bragança, de forma indeterminada, finalmente confirmada em 1992.

A operação de encerramento definitivo do troço Mirandela - Bragança ocorreu durante a noite, sem aviso prévio, e simultaneamente em Bragança e Macedo de Cavaleiros. Foi registada a presença de forças policiais, tanto para evitar ao máximo o registo de imagens, como para afastar a população, que ao saber da operação ocorreu às estações destas localidades.

Para evitar a possível recuperação desta via, todo o material circulante estacionado nestas foi retirado não por via ferroviária, mas via rodoviária. Foi relatado nessa noite um súbito corte nas telecomunicações. Devido a estes acontecimentos, o evento é recordado como A Noite do Roubo. Parte do trajeto da Linha do Tua encontra-se neste momento ameaçado de submersão pela albufeira prevista para a barragem do Tua. Se for concretizada a construção, será submersa parte da linha, deixando-a isolada da restante rede nacional ferroviária. Doutra coisa estava, porém, certo: jamais esqueceria o cheiro a carvão e as fagulhas que saltavam da locomotiva nas muitas viagens que fez de comboio do Porto a Trás-os-Montes. Do Porto ao Tua e depois no ramal da Linha do Tua em direção a Bragança tinham de sair creio que na base da Serra de Bornes em Grijó (terra do Professor Adriano Moreira) antes de chegar a Macedo de Cavaleiros. O troço entre Mirandela e Bragança foi encerrado definitivamente no dia 15 de dezembro de 1991.

É esse passado mítico que os modernos governantes estão a querer roubar-me, estão a violar a minha juventude e as minhas memórias perdidas e isso, isso jamais lhes perdoarei.

Cambada de novos-ricos, ignorantes e alarves. Juntemo-nos todos para salvar a linha do Tua que é minha e de todos os que amam esta região, única no mundo. É o nosso património que eles querem dilapidar. (nota posterior: de nada serviram os milhares de abaixo-assinados e petições, filmes, idas à Assembleia da República). A voragem capitalista da EDP e dos interesses das barragens tudo soterraram.)

Continuarei a pugnar por Trás-os-Montes e por Bragança como sempre tenho feito, serei sempre um filho emigrado da terra, mas o amor mátrio não se discute nem se define. É nessas terras a que ainda chamo minhas que pertenço e não é a idade nem a distância que vai fazer estremecer esses laços., mesmo no dia de hoje, bem triste pelo começo do enchimento da barragem do Tua, crime ambiental injustificado que sepultará mais uma obra-prima da natureza e centenas de anos de história.

Se um dia, o futuro vier, haverá quem julgue esses criminosos que autorizaram e levaram avante essa monstruosidade, mas para mim ficarão sempre retidas na memória as imagens das fagulhas do comboio a vapor que usava quando há sessenta e tais anos me deslocava a férias à terra de meus avós e minha mãe.

Guardarei para sempre as imagens bucolicamente belas do Douro nesse percurso que é património imaterial e que hoje afogam para uma barragem inútil, no que não passará nunca de mais um crime ambiental impune.

CRÓNICA 206 MAIS UMA SILLY SEASON 28.7.18

Numa época designada no mundo anglófono como "silly season" aparecem as notícias mais incríveis a fim de entreterem a turbamulta. Foi assim que ontem surgiu um eclipse lunar avermelhado que só se repete daqui a muitas décadas.

E Lisboa anda um alvoroço porque um vereador da Câmara comprou em saldo um prédio, fez obras e depois colocou à venda para ganhar milhões, enquanto o fisco lhe avaliava o edifício como sendo sexagenário ao valor do custo de compra antes das obras... a esquerda caviar provava o seu fel já que o vereador em causa era dos que mais se insurgia contra a exploração e especulação em Lisboa (olha para o que digo! Não olhes para o que faço!) onde milhares de pessoas foram desalojadas de zonas históricas pela bolha imobiliária.

Já em Ponta Delgada, dois anos depois de terem surgido alegações de maus-tratos a idosos na Santa Casa da Misericórdia, nos jornais locais e na RTP Açores, veio a TVI fazer uma reportagem e todos ficaram chocados, até o governo regional que (quase) não sabia de nada...nestes casos o melhor é mesmo matar o mensageiro e a Santa Casa tentou uma ação contra a malvada TVI.

Na ilha de Santa Maria dos Açores o governo regional e a autarquia não se entendem quanto ao património imobiliário herdado da ANA na zona do aeroporto e vão resolver o caso nos tribunais (vou pedir aos meus netos para vos contarem o desfecho deste caso).

Na zona da Calheta de Teive em Ponta Delgada há muitos anos atrás começou um projeto que faliu, ficou parado e uns mamarrachos meio construídos que desfeiam uma área destinada a jardim e lazer serviam de cartão de visita a hotel mais luxuoso e ao casino, que, entretanto, abriram ao lado.

Quer o governo quer a Câmara fizeram promessas e os herdeiros do projeto também, mas a zona parece perdida para sempre quaisquer que sejam os resultados da última versão do projeto apresentada em 2018 e que prometem estar concluída em 2020.

Outra obra amaldiçoada por Santa Engrácia parece ser a nova prisão, que há anos se espera substitua a sobrelotada cadeia de Ponta Delgada, um pouco mais adiante, onde a sobrelotação obriga a enviar presos para outras ilhas e para Portugal, com sucessivas promessas e adiamentos idênticos nos orçamentos. Se alguém visse as condições da cadeia atual pensaria estar num país de quarto mundo, pois as do terceiro mundo são melhores... ainda não é como Carandiru (São Paulo no Brasil e local de massacre em 1992), mas quase....

O dirigente do PSD Açores, que ainda só sofrera cinco derrotas eleitorais, resolveu atirar a toalha, cansado da pouca oposição que fazia ao governo socialista nas ilhas há mais de vinte anos e regressar à terrinha natal no Pico. Logo se perfilaram dois candidatos u advogado de renome na praça e o jovem autarca da Ribeira Grande que vai no seu segundo mandato e representa a geração de jovens turcos do partido, embora haja muito quem diga que está "verde demais" para esses voos além de se ter metido em avultados projetos na capital da costa norte da ilha de São Miguel (só não entendo como vai conciliar a chefia da oposição e a atividade autárquica, mas ele diz que consegue).

Veremos se são só estes dois candidatos ou se acontece como no Sporting Club de Portugal, que aparentemente falido atraiu mais de meia dúzia de potenciais presidentes...~

À exceção do eclipse creio que estas notícias da silly season são programadas pelos governos para nos distraírem dos verdadeiros problemas e nos entreterem quando estamos mais recetivos a não prestar muita atenção, como é o caso do mês que aí vem, agosto, em que a maioria das pessoas está em modo de férias.

Os que têm cérebro e o usam parece que o costuma desligar nesse mês, os outros têm-no desligado no ano inteiro.

E foi assim que nos EUA (de que nem quero falar, a conselho médico) um entrevistado, obviamente agastado pela insistência da entrevistadora lhe perguntou "a senhora antes de ser jornalista, era um ser humano?" e eu, perguntei aos que conhecem o que pensavam da interrogação, mas a melhor resposta veio da minha amiga Joana Mota "O jornalista faz-se jornalista porque tem um interesse pelo seu semelhante.....o ser humano----Investiga A ponto de ter necessidade de conhecer situações e de defender opiniões. O jornalista é uma pessoa que defende com sua ideia, sua palavra, sua escrita--- Defende Aponta o que está errado ---Aponta o que está bom, elogiando -----pode-se enganar e iludir porque é um Ser Humano O Jornalista é o primeiro defensor dum povo..."

Depois disto sei que consigo ser jornalista e ser humano, mas nem sempre é fácil. E enquanto a educação, de que me abstive de falar (outra vez, por conselho médico) for uma arma de instrução maciça estaremos salvos. Deixo-vos com um retrato da democracia em corpo inteiro.

CRÓNICA 207 DE FOGOS QUE NINGUÉM APAGARÁ, GOVERNAÇÃO E OUTRAS INSIGNIFICÂNCIAS, 9.8.18

Hoje não falarei de fogos, de maus-tratos, de abusos da saúde, da greve dos professores e da sua contagem de tempo, nem da falta de médicos ou outras questões quotidianas...

A minha cor política é o país onde vivo, nem direita, nem esquerda, nem centro. Claro que tenho as minhas preferências e já as afirmei em devido tempo.

(Desmistifiquemos: apesar de hoje em dia não ser já relevante, tenho de me definir, como sendo de "esquerda" querendo significar simpatizar com a noção de uma social-democracia à sueca do tempo do malogrado Olof Palme.

Sou multicultural e não aceito xenofobia nem extremismos de qualquer formato).

Quando durante mais de 24 anos da minha vida de jornalista critiquei igualmente a Austrália e Portugal em relação ao caso de Timor, no qual estive envolvido, chamaram-me muita coisa, em especial antipatriota... Ao longo dos últimos anos, desde que adotei Portugal e os Açores como residência nunca me coibi de exigir o melhor para o país. Sim, eu sei que continuo (apesar da idade avançada) a ser um poeta, um utópico que acredita em mundos mais perfeitos do que este em que vivemos, um sonhador que imagina justiça, equidade e transparência, e – como todos sabemos – nos dias que correm é difícil encontrá-las. Tal como no desporto em que tenho simpatias clubísticas, na política nunca serei membro partidário pois o meu individualismo e despreendimento nunca pactuariam com disciplinas partidárias.

Nunca me inibi de fazer sugestões de preservação linguística e cultural, mesmo quando me apodavam (como se fosse um crime de lesa majestade) de ser elitista e não respeitar as massas (e sempre respondi que, por mais que respeite as massas e suas vontades, elas sempre foram orientadas...seria preferível serem orientadas por elitistas culturais do que por populistas, demagogos e outros "istas").



Sei que muitas vezes, amigos e inimigos discordam de mim, por ser muito assertivo e intolerante quanto ao nepotismo e corrupção que permeiam a sociedade atual. Sou exigente quando digo que a solução da sociedade é uma comunidade educada, extremamente culta e capaz de discernir pela sua própria cabeça. Enquanto essa sociedade não existir continuaremos no reino da desresponsabilização, impunidade, e da culpa morrendo sempre solteira. Enquanto não houver uma sociedade com líderes capazes de dizer, a culpa é minha pois sou eu que lidero e demito-me porque os meus subalternos erraram, enquanto os dirigentes não forem capazes de o fazer continuarão a ser manipulados por lóbis e interesses que não os "da res publica".

Não tenho soluções mais democráticas do que a própria democracia que, apesar de todas as suas falhas é melhor do que uma qualquer ditadura, mas tem de haver uma balança que equilibre os dois pratos. Enquanto não investirmos na educação, na justiça e na saúde não há sociedade que sobreviva aos jogos de interesses contraditórios, a lóbis, a máfias de toda a espécie que só buscam o lucro. Sei que são utopias, mas foram sempre as utopias que fizeram avançar a sociedade.



Cito Jack Kérouac

"Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os criadores de casos. Os pinos redondos em buracos quadrados. Os que fogem ao padrão. Aqueles que veem as coisas de um modo diferente. Não se adaptam às regras, nem respeitam o status quo. Pode citá-los, discordar, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Empurram a raça humana para a frente. E enquanto alguns os veem como loucos, nós vemos-os como geniais. Porque as pessoas suficientemente loucas para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam."

Como simples artesão da palavra, poeta e sonhador de utopias mantereirei a minha saudável loucura ao serviço da língua e da cultura portuguesa, disposto a trabalhar com todos para o avanço e progresso da massa amorfa que se desligou da "res publica" e vive amolecida pela constante indoutrinação e lavagem ao cérebro que fazem deles "carneiros contentes cantarolando rumo ao matadouro".

CRONICA 208 CHATICE DE SILLY SEASON 23.8.18

Isto é uma chatice, o fogo de Monchique acabou e os outros não deram grande luta, ainda não foi desta que se acabou com o Costa, não morreu ninguém e nem o ministro se demitiu.

Que chatice sem nada a ameaçar o fim do mundo.

Descobriu-se o esquema de compadrio nos fogos de Pedrógão em que alegadamente gente da Câmara mandou mudar moradas fiscais para renovarem 2ª casa, 3ª casa, etc. e recuperar as mesmas enquanto as casas de primeira habitação ainda nem todas estão prontas. O chico-espertismo habitual dos tugas quando veem dinheiro.

Entretanto não se virão a revelar as mordomias que os políticos auferem porque isso podia comprometer a estabilidade governamental...

Pelos Açores a calma é ainda maior, atrasos da SATA e cancelamentos habituais, já ninguém fala dos maus tratos na Misericórdia, do desvio do helicóptero e nem deu para surgirem novos escândalos, pelo que o nosso primeiro Vasco se mantém em regime de férias.

Para não falarem mais dos maus tratos na Misericórdia convidaram familiares de alguns asilados para dizerem bem da instituição e os que diziam mal nem sequer foram ouvidos. Depois o senhor secretário da saúde, já anteriormente desautorizado pelo presidente do governo regional mandou instaurar um inquérito aos cuidados continuados e a quem denunciou os maus tratos na Misericórdia. Uma guerra interna a ver se se salva o tacho...

Aqui, como é costume, as manchetes de jornal estão esquecidas ao fim de 3 dias que a atenção das pessoas não dura mais do que isso.

Depois houve a cena escabrosa do presidente da câmara das lajes do pico com comentários homofóbicos e exclusão de participação de uma associação que muito tem feito com cultura alternativa para dinamizar o Pico e outra cilhas nestes últimos seis ou sete anos. Mas o que fica da cena é o silêncio generalizado, exceção feita ao PAN e a um deputado do PS e depois, tardiamente, veio o PSD criticar..., mas demitirem o autarca, credo, isso nunca... somos apenas uma meia dúzia de pessoas nas redes sociais a mostrarem-se indignadas com o ataque homofóbico e a pedir a demissão do autarca...

Tudo isto para concluir que este país e esta região autónoma me causam um certo asco, ou náusea, repugnância, repulsa, pesar, tristeza, pela forma como tratam os seus concidadãos, como se de mentecaptos se tratasse. Continua a imperar o medo, de falar, de denunciar, de criticar porque quem o faz arrisca-se a perder benesses, apoios, subsídios e outras mordomias que os senhores feudais atiram como dantes se atiravam migalhas aos servos da gleba, do alto das ameias.

CRÓNICA 209 PICO REVISITADO 5.9.18

Já o disse e repito aqui: há um magnetismo que o Pico exerce sobre seres fracos e vulneráveis que me atinge desproporcionalmente. Sinto um vórtice irrecusável a atrair-me e a sugar-me para o olho do furacão. Não sei descrever exatamente onde se localiza nem para onde me leva mas acabo sempre por rodopiar por todos os cantos da ilha sem jamais me alcandorar no topo da ilha-montanha por não ter idade nem pernas para tamanha façanha e – além do mais – o local onde se rececionam os candidatos à subida está tão mal organizado e caótico que eu desisti logo ao entrar e fui tomar um café (mau) ao bar no canto oposto.

Mas por que carga de água vim outra vez ao Pico, se já aqui estive as vezes suficientes para fazer a maioria das estradas asfaltadas da ilha e muitas das estradas de terra que atravessam a montanha em vários sentidos e direções?

Pela mesma razão que há vários anos me impele a sair do meu castelo sem ameias na Lomba da Maia na última semana de agosto, as festas da padroeira Nossa Senhora do Rosário com o seu rosário de música pimba e "atrações" que vistas depois de dois ou três anos, nada de novo acrescentam à minha cultura... mas mal sabia eu que ia escapar de uma para me meter na semana dos baleeiros nas lajes do Pico, terra que nessa semana ficaria tristemente célebre pelas patacoadas discriminatórias e homofóbicas do seu Presidente da Câmara, que, além do mais viu uma nesga de terreno junto ao mar como local ideal para poluir com uma desproporcionada tenda eletrónica que se via a kms de qualquer ponto da costa sul, e que era em área protegida, mas como estava degradada não fazia mal.... Estes palhaços com o rei na barriga vêm de todos os partidos e cores políticas e depois, o partido no poder e o governo, deixam passar em branco a ver se escapam por entre os pingos da chuva... coitado do homem já está a findar o último mandato e não lhe vamos estragar a reforma...

Para azar do dito (ou seria por prepotência?) quando veio a público explicar-se dos dois casos em que se viu envolvido fazia lembrar a frase "cada escavadela uma minhoca" ...

Aterrou-se no Pico quase a horas (20 minutos de atraso não é nada na SATA) com bastante calor, levantou-se o carro de aluguer incluído no pacote total de férias para a Aldeia da Fonte e rumou-se a sul. Deparamos com a descoberta das Festas dos Baleeiros, mas conseguimos estacionar a 200 metros do restaurante Lagoa nas Lajes onde é nosso costume ir tomar um café e, ocasionalmente, comer. Vimos alguns carros alegóricos que se preparavam para o desfile e regressamos aos aposentos para jantar (como de costume bem no restaurante Fonte do complexo da Aldeia da Fonte. Apenas duas funcionárias na sala de jantar eram as mesmas da visita anterior e fomos reconhecidos pelo rececionista Paulo que até do meu nome se recordava.

Como escrevi depois no Trip Advisor

...

*De regresso a este resort rústico com um quarto de século, mas ecológico. A contrário de algumas opiniões aqui expressas sobre este local ...eu gosto dele como está, embora concedo que o ar condicionado traria benefícios no verão e no inverno. Mais cuidado é necessário na manutenção de equipamentos (o da ferrugem nas banheiras é fácil de resolver, e sugiro que se utilize um carro elétrico como das limpezas para transporte da bagagem que é um problema desde sempre para os mais idosos e pessoas com dificuldades de mobilidade como é o nosso caso. Apesar disso, continuarei a vir para cá e ficar aqui sempre que puder. O pessoal é sempre de topo, o da receção sempre amável, atento e gentil (obrigado Paulo, memória fantástica 5 ***** e com atenção aos detalhes), o pessoal da sala de jantar (todos os 6 ou 7 envolvidos nestes cinco dias) a lembrar-se de que o meu Nespresso é uma italiana supercurta, mais curta que o habitual Ristretto e nem uma vez se esqueceram ao longo da estadia qualquer que fosse a hora do dia.... Infelizmente (exceção feita à cubana de voleibol que pediu asilo) que a maior parte era constituída por licenciadas que não encontram trabalho e ganham algum dinheiro aqui no verão ...a comida continua boa, os meus bifos eram de topo em todos os cinco jantares em que tentei quase todo o menu. O meu filho João foi para os menus chineses e a minha mulher deliciou-se todas as noites com peixe fresco e saboroso. Comida sem queixas. Pena não poder ficar aqui todo o ano, que é como que a melhor forma de descrever esta 3 ou 4ª estada... "*

O patrão, Dr Simas Santos sempre presente, de forma discreta e não-intrusiva, assegurando-se do bom funcionamento desta visionária ideia que teve há décadas antes de se pensar em turismo nos Açores e companhias aéreas de baixo custo...

Muito mais poderia ser dito, mas resume-se a fotos aqui disponíveis <https://www.lusofonias.net/a%C3%A7ores/pico/2469-pico-2018-era-uma-vez-o-pico-em-agosto.html>

...enquanto esperava pela resposta a um convite para jantar do Manuel da Costa Jnr, o amigo, diretor do Museu dos Baleeiros e baladeiro extraordinário, ele acabou por jantar lá numa das noites e guardamos o resto para a sua intervenção durante o 30º colóquio da lusofonia na Madalena de 4 a 7 de outubro...

Deceção foi o restaurante Ponta da Ilha para os lados da Piedade e Manhénha, com comida e serviço execrável e onde já fui feliz a comer em anos anteriores.

Outro desapontamento foi o Ancoradouro na Madalena, muito bonito na sua renovação de há seis anos e bem modernizado, e embora o meu bife estivesse excelente, o meu filho e mulher muito se queixaram da comida (a sopa estava fria, o peixe seco era filho de congelados) mas eu queixo-me é do custo de 5 euros por uma garrafa de água... O local ficou mais moderno, funcional e mais bonito, mas abusam nos preços... Já a Parisiana do Jaime, na Madalena, onde

faremos refeições no 30º colóquio, continua a ter um bom buffet e não sendo muito barato come-se bem quanto se queira, com pessoal de mesa sempre atento e solícito. Não fui ao meu favorito na Prainha, O Canto do Paço, pois em dezembro fechara de vez, mas vim a descobrir depois de sair do Pico que já reabriu e com boas impressões dos visitantes.

Continuo a não entender o comércio local na Madalena (restauração) quase todo fechado aos domingos no pico do verão como já víramos no pico do inverno), não dá para entender... um que estava aberto nesse domingo era o VIA com esplanada com vista para a baía mas não servia almoços, apenas sanduíches (muito boas embora a demora fosse inacreditável...50 minutos para 3). Havia outra tasca aberta nesse domingo, o Arruda mas só deu para tomar café.

Entretanto aproveitou-se a ida para conhecer pessoalmente o presidente da edilidade e o chefe de gabinete, visitar o Auditório onde faremos o 30º colóquio e definir os detalhes que faltavam...No turismo feito a revisitar as lagoas nota depressiva para a eutrofização quase total delas, para a presença de vacas no seu solo quase seco, e o desespero que é para turistas amantes da natureza, como nós, vemos que só se pensa na montanha e não se preservam nem se mantêm as lagoas. A desilusão maior foi na do Paul. As fotos mostram que tinham água em 2007, muitas estavam secas em 2009 e 2011, mas não totalmente como agora em 2018. As estradas de montanha ainda relativamente boas para passear no verão, as principais em bom estado. (espelho de água na foto abaixo em 2007 e agora seca)



2007



2018

Uma última nota para as Lajes que parece terem parado no tempo e no espaço (tal como a Horta) e mais positiva a nova vitalidade da Madalena sempre em expansão, modernização e crescimento, se bem que possamos criticar a estética de algumas obras como a rampa betonada do cais velho...

Aguardamos a conclusão no Lajido da expansão do Museu do Vinho com uma recomendação aos agentes de turismo...todos pediam viaturas de caixa automática (norte-americanos não sabem guiar carros manuais) que ninguém tinha, à exceção de um ou outro emigrado que nisso descobriram uma maneira de fazer uns tostões... no regresso assistimos à debandada em autocarros de quase 200 passageiros que viram o avião passar por cima e ir aterrar na Horta devido ao vento suão, aumentando as estatísticas de movimento de turistas na Horta roubados ao Pico, tal como acontece aos doentes deslocados do Pico que são obrigados a ir à Horta aumentar as estatísticas do hospital local... o nosso Dash Q400 atrasado 50 minutos aterrou e levantou com o mesmo vento mas sem problemas...SATA, compadrios, estatísticas...

CRÓNICA 210 HAVERÁ FUTURO? 13.9.18

O dia está belo sem nuvens e estão a caminho dois furacões, a Hélène e Joyce que talvez cheguem no fim de semana como tempestade tropical. Há mais meia dúzia deles no Pacífico a ameaçar Hawaii e Macau, e outros nos EUA num total de 8 ou 9 em simultâneo, o que só vem servir de arma de arremesso aos que acreditam na manipulação do clima.

Martins Goulart¹⁰, o engenheiro e homem do PS nos primeiros anos da autonomia veio a público falar da ausência e deturpação da mesma nestas 9 ilhas (creio que há 20 anos se mantinha silenciosa politicamente) e não é só ele, muitos se interrogam (mas são ainda poucos) sobre o rumo que as políticas dos dois partidos no poder imprimiram aos Açores em 43 anos de autonomia. A economia a crescer artificialmente inflacionada por um turismo que já começa a escalavrar as belezas naturais das ilhas veio dar otimismo desenfreado, em especial na ilha de S Miguel, privilegiada com a maioria dos turistas. A crescer também o número de beneficiários do RIS rendimento de inserção social, ou qualquer que seja o nome atual dessa bela ideia que atualmente é usada e abusada até ao limite. O desemprego a baixar, artificialmente

¹⁰ é um engenheiro eletrotécnico e professor da Universidade dos Açores (aposentado), doutorado em Matemática pela Universidade da Califórnia, e político açoriano. Entre outras funções, foi membro da Junta Regional dos Açores (1975-1976), deputado e líder do Partido Socialista nos Açores (1987-1993).

alimentado por milhares de jovens em programas Estagiar qualquer coisa que poucas garantias de emprego estável darão...acabam uns estagiários e outros virão...

Na agropecuária os subsídios sucedem-se, uns atrás de outros na pedinçice a Bruxelas para manter artificialmente as ilhas das vacas felizes sem se saber por que razão a associação do setor não usa os milhões que tem a render na banca e que bem podiam ajudar o setor e os associados, mas eles lá saberão ... A maioria das pessoas demasiado ocupadas com os seus umbigos nem pensa em política nem autonomia, desde que o prato de lentilhas lhe seja servido todos os dias, com mais umas migalhas atiradas de 4 em 4 anos aquando dos atos eleitorais de promessas mil. Há, alguns que se queixam da autocensura a que se obrigam para não perderem os míseros tostões que a administração distribui por mil e uma entidades e poucos são os que dão voz ao descontentamento. Até poderíamos ser levados a pensar que tudo corria bem neste reino da Dinamarca, não fossem as sistemáticas teimosias de empresas públicas, semipúblicas ou coisa que o valha, que diariamente são notícia nos jornais pelo acumular de prejuízos de milhões e dentre elas, a SATA do nosso descontentamento em gestão autofágica dividida por executivo, sindicatos e outros interessados no bolo, sem privilegiar os milhões de passageiros que a sustentam e penam para receberem indemnizações pelos atrasos, cancelamentos e outros desvarios aqui levados ao extremo na cauda da avaliação de pontualidade de voos e outros critérios semelhantes. O pior é que eu, que até prefiro voar na SATA do que na concorrência, sei que a alternativa é ainda pior. Mas algo terá de ser feito, desfazer a companhia e começar de novo com o serviço público deficitário interilhas, alugar o serviço de outras companhias numa fase de transição e acabar com este aumento diário da sua dívida pública.

Em Santa Maria os ânimos andam excitados com a ida ou não, de um *spaceport*, que ninguém sabe ainda bem o que será, para o lançamento de foguetes na Malbusca.

Uns a favor em nome do "progresso" sempre prometido àquela esquecida ilha, mas nunca concretizado, outros mais ambientalistas defendem a preservação da pureza natural pois os *quos* superam os *prós*, mas pouco se sabe de concreto ainda para ser possível definir posições.

No PSD local os dois candidatos a líder esgrimem argumentos após 5 derrotas eleitorais consecutivas sem fama nem proveito, mas como dizia, há dias, o colega Tomás Quental, sem garantir apoios à agropecuária e a continuação dos rendimentos mínimos a vastos setores da população o novo líder não ganha. Um tem a máquina partidária, o outro busca as massas. Pode ser que daqui nasça uma verdadeira oposição que bem necessária é para o equilíbrio democrático, e que tem sido mais apanágio dos pequenos partidos BE, PCP E CDS do que do PSD.

Dito isto, quando falo com jovens a auferirem pouco mais de 500 euros e vejo estampado no rosto o desânimo por nunca mais poderem constituir família ou se tornarem independentes economicamente pergunto "Haverá futuro?", trabalho escravo na restauração haverá sempre e os sonhos ficarão adiados até um dia mas será isto que queremos para os açorianos?

CRÓNICA 211 ERA UMA VEZ UMA FÁBULA RICA 18.9.18

Era uma vez uma terra muito rica, muito rica, sempre e cada vez mais, mais e mais rica. Era tão rica que muitos dos melhores saíam para outros países e nem voltavam. Os mais pobres voltavam todos os anos em procissões várias numa companhia de caravelas das Índias Ocidentais que andava sempre às turras com ventos e marés e jamais cumpria horários de monção.

Aquela terra que era tão rica foi vivendo pacatamente esquecida do mundo, em mares de bruma e nevoeiros de são João, com ventos de mata vacas, alguns tremores e vulcões quase silenciosos até que dia os pobres de outras partes do mundo descobriam aquele povo de gente feliz com vacas e desatou a querer ir visitar e conhecer, talvez para aprenderem os seus segredos que se escondiam por uma governança alternada de duas décadas em duas décadas, em que ora uns ora outros dividiam entre si e os seus as riquezas infindas que a terra lhes proporcionava, sempre com novas riquezas a serem anunciadas.

Escondida sob tanta riqueza havia a pedofilia, a violência doméstica, o mau aproveitamento escolar e outras maleitas como os maus tratos a idosos e a cientistas, que aparentemente não eram muito apreciados por aquelas bandas. Lá surgia de vez em quando um ou escândalo, mas como sempre a indignação das gentes nunca durava mais do que três dias bem contados que aquele povo temente a deus, amante da bola e da música dolente não tinha capacidade de se concentrar muito tempo sobre um só tema.

Quando uma vez alguém mandou desviar um helicóptero por mero nepotismo familiar algumas vozes se ergueram a exigir a saída do capataz, mas quem saiu foi o chefe do pessoal menor.

Quando as coisas não corriam bem na educação nunca era culpa de quem mandava, mas sim um dos seus subordinados imediatos que era prontamente removido como quem afasta uma mosca irritante como aquelas que vi lá na Austrália Ocidental, quando as pessoas abanavam as mãos naquilo que se chamava o *Australian salute* e abanavam o chapéu cheio de rolhas de cortiça penduradas.

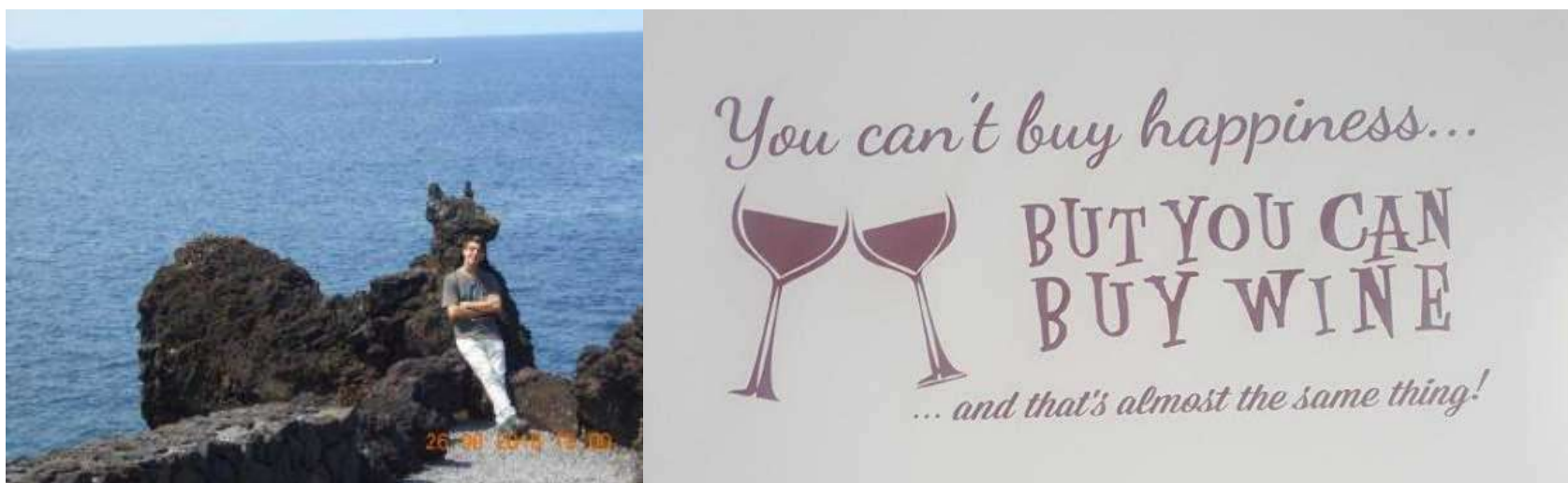
Tenho de admitir imodestamente que gostei desta analogia. As gentes, felizes, nem se apercebiam dessa mudança de moscas e perpetuavam a abúlica apatia de séculos de costas vergadas e chapéu na mão, sem se aperceberem de que a terra muito rica era comandada à distância or uns senhores que a tinha arrendado com a condição de não fazerem obras nem benfeitorias na terra para que ela não perdesse o seu valor.

De tantos em tantos anos, os senhores visitavam as terrinhas todas acenando, distribuindo beijos e abraços e a promessa de dias sempre melhores e mais ricos, ouviam um ou outro queixume das gentes ingratas e prometiam satisfazer esse descontentamento na primeira oportunidade.

E assim, ano após ano, as pessoas iam sendo promovidas ou demitidas para calar esses descontentes. Felizmente havia milhares e milhares de interessados em substituir os infelizes demitidos e tudo podia continuar na mesma desde que todos o fizessem a uma única voz sempre com a força de aquela ser a mais rica terra e de mais gente feliz na terra. E quando chegasse o dia de mudar de arrendatários, os que tinham ficado sem estradas, sem escolas, sem polidesportivos, e sem grandes festivais teriam a sua vez enquanto os outros que já tinham tudo isso esperavam que a roda da fortuna mudasse.

E eu aqui neste canto da ilha do Arcanjo espero que chegue o dia de ver uma nova estrada entre a Lomba da Maia e a Maia sem andar nela com o credo na boca à espera que a estrada desabe de vez, mas olhando em volta só vejo gente rica, feliz como as vacas que a rodeiam....

Estive há dias com a família num dos meus recantos favoritos do Pico, o Cabrito, e qual não foi o espanto quando o meu filho (na imagem) bateu a uma porta a pedir água e lhe disseram que a água ainda não chegara lá.... Foi então que entendi um letreiro que vira num restaurante, nessa manhã,



Longe vão os tempos em que o Pico era um quintal da rica fidalguia faialense com seus solares, como escreveu Victor Rui Dóres

"Durante séculos imperou, nos Açores, nomeadamente nas ilhas do Faial e Pico, o patriarcalismo: criados e criadas no âmbito do serviço doméstico; reideiros e capatazes no âmbito da propriedade rural. Autores como Nunes da Rosa, Florêncio Terra, Manuel Zerbone, Rodrigo Guerra, Manuel Greaves e Tomás da Rosa dão conta dessa relação/oposição entre "os senhores do Faial" e "os feitores do Pico"; "os morgados do Faial" e "os vinhateiros do Pico"; os "barões do Faial" e "os quinteiros do Pico"; "os fidalgos do Faial" e "os caseiros do Pico". Mas nos inícios do século XX houve uma mudança nas relações entre classes: a emancipação dos feitores do Pico em relação aos "senhores do Faial". Vejamos como e porquê.

O feitor era quem cuidava das vinhas bem como da casa de Verão e da adega do proprietário faialense. Além disso, superintendia o recrutamento do pessoal para as vindimas e outras tarefas relacionadas com o tratamento das cepas: poda, enxofragem, sulfatagem. A decadência dos "senhores do Faial" levou à compra, por parte dos feitores do Pico, de lotes de terreno. Surgiu, assim, na fronteira da ilha montanha uma teia de minifúndios. Pequenas propriedades, solares, adegas, armazéns, casas conventuais, ermidas e outras estruturas passaram para mãos picarotas.

Resquícios desse tempo mantiveram-se nos nossos dias como é visível ainda em situações diversas e em atos de governação. Ali bem perto o Cais do Mourato esteve à espera de luz elétrica até há pouco tempo...

Só que nos dias que correm no século XXI é a água canalizada que não chega ao Cabrito e não há poços de maré disponíveis para a população como era costume de antanho.

Houve um senhor do Pico que contava que

"no fim do verão vieram homens de São Jorge ao Pico para comprarem aguardente, e o mar embraveceu, então os homens desesperados andavam em cima da rocha a olhar para o mar na esperança que o tempo mudasse. Lá em cima da rocha também andava um homem de Santa Luzia a dizer, " não se preocupem o mar vai amansar " ...os homens de São Jorge, pensando que o homem de Santa Luzia tinha poderes de adivinhar, ficaram muito excitados e disseram," Quando senhor, quando???" " O homem de Santa Luzia que tinha o apelido de Quebranto, deitou a mão à cabeça e disse, "O mar vai amansar, mas quando não se sabe "...

Parece-me que assim dizem os políticos do Conselho de São Roque, que tomaram o título de Capital do turismo rural, " A água vai vir para o ano que vem...qual o ano não se sabe "

Como é zona de fartura de vinho devem pensar que a água não é precisa...E termino com as palavras de uma residente, devidamente identificada

Infeliz e desgraçadamente esta linda zona de adegas é a única no Pico no Conselho de São Roque que ainda não tem água canalizada e potável própria para o consumo humano...por favor ajudem a propagar esta injustiça...promessas já feitas por 10 anos...uma necessidade urgente quer moral, social e higiénica!

CRÓNICA 213 A LUSOFONIA NA ILHA-MONTANHA, OUTUBRO 2018

O 30º colóquio da lusofonia teve lugar no Auditório da vila da Madalena do Pico, com sessões extraordinárias na Escola Cardeal Costa Nunes e na Galeria Costa da MiratecArts, de 4 a 7 de outubro, um roteiro cultural da ilha (rota do vinho) e uma degustação de produtos locais. Foram parceiros deste evento a Câmara local, o Governo Regional (Direção Regional do Turismo, da Cultura, das Comunidades) além da MiratecArts.

Dentre os temas salientam-se

Homenagem a autores locais.

Naturais do Pico que se distinguiram em qualquer ramo do saber.

Madalena do Pico: o concelho, sua história, etnografia, geografia, tradições e cultura.

Homenagem a Dom Jaime Goulart e ao Padre Áureo da Costa Nunes e Castro

Com cinquenta pessoas inscritas (25 eram autores açorianos) e tempo bastante razoável, decorreu o excelente 30º colóquio que registou ainda a presença de alguns locais a assistirem aos trabalhos em muitas sessões. O autor homenageado era a compositora e maestrina ANA PAULA ANDRADE com mais de uma dezena de convidados de Honra, como Álamo Oliveira, Bruno Rosa (cantautor, Pico), Dom Carlos Filipe Ximenes Belo, Prémio Nobel da Paz 1996, Eduardo Bettencourt Pinto, escritor, Angola, Açores, Canadá, Francisco Rosas, realizador cinema, Palco de Ilusões, Frederico Cardigos, biólogo, coordenador do Gabinete dos Açores em Bruxelas, Joaquim Feliciano da Costa, EMPDS Belmonte, Joel Neto, escritor, Terceira, José Andrade, Chefe de Gabinete da Câmara M de Ponta Delgada, Manuel da Costa Jnr, Diretor Museu dos Baleeiros, Pico, Manoel Tomaz, escritor, Pico, Sérgio Ávila, biólogo, Universidade dos Açores, Pico, Sérgio Rezendes, historiador, IHC – Instituto de História Contemporânea, S Miguel, Terry Costa, diretor artístico, MiratecArts, Pico, Urbano Bettencourt, escritor, Pico, Victor Rui Dóres, escritor, Graciosa, além de outros autores açorianos ou açorianizados como Carolina Cordeiro, Chrys Chrystello, Eduíno De Jesus (Decano dos autores açorianos), Helena Chrystello, Katharine Baker (Tradutora), Luciano Pereira, Maria João Ruivo, Norberto Ávila, Pedro Paulo Câmara, Raul Leal Gaião, Rolf Kemmler, E Vilca M Merízio

O colóquio teve o seu início, dia 4, com uma visita à Escola Cardeal Costa Nunes (encontro de 15 escritores) secundária com a sala cheia de 150 alunos, professores e demais pessoal. O colóquio iniciou-se sendo visionados vídeos da Madalena, AICL e das 9 ilhas dos Açores (que aliás preencheram todos os intervalos das sessões)

Seguiu-se depois a sessão de abertura com a presença do presidente da edilidade e de 9 convidados de honra, além da Diretora Regional da Cultura, Professora Susana Goulart.

Após os discursos oficiais – teve lugar a apresentação do livro *Meridiano 28* pelo consagrado autor açoriano Joel Neto, na sessão da tarde houve lugar à Homenagem a Dom Jaime Garcia Goulart e outros missionários açorianos na Igreja da Candelária, visita à Casa do Missionário e Casa de Dom José da Costa Nunes.

Passamos depois a uma demorada visita guiada por Terry Costa à Galeria Costa da MiratecArts.

Dia 5 o Prémio Nobel Dom Carlos Ximenes Belo apresentou com José Andrade da Câmara Municipal de Ponta Delgada (mecenas da edição) o segundo volume de *Missionários Açorianos em Timor* editado pela AICL. Durante o colóquio houve ainda apresentação de outros livros como a *Bibliografia Geral da Açorianidade* por Manoel Tomaz e Chrys Chrystello, *Um punhado de areia nas mãos* por Maria João Ruivo e Eduíno de Jesus e a apresentação do CD de autores açorianos musicados de Ana Paula Andrade.

Dia 5 tivemos dois recitais de Ana Paula Andrade (acompanhada pela soprano Carina Andrade), sendo um deles dedicado a obras do missionário e compositor picaroto Padre Áureo da Costa Nunes de Castro. Neste recital noturno, o conhecido compositor e interprete local e diretor do Museu dos Baleeiros, Manuel da Costa Jnr, apresentou alguns dos trabalhos do seu recente CD.

Dia 5 visionou-se na íntegra em estreia nos Açores o Docufilme *Timor: O Avô Crocodilo* de Francisco Rosas e Ricardo Lacerda Dias.

Dia 7 houve uma rota turística e cultural na Rota do Vinho, da Criação Velha ao Lajido e Cabrito, com degustação de produtos locais no Cella Bar na Barca ofertado pela edilidade. Um jovem cantautor local (Bruno da Rosa) apresentou-se ao público, bem como na sessão de encerramento, Laurindo Cardoso e José Fontes da Casa da Música da Candelária com temas de folclore regional.

Não vamos mencionar as 34 apresentações e palestras que decorreram ao longo de quatro dias e algumas das quais mereceram animado debate por parte dos presentes e que constam das Atas do colóquio (<https://www.lusofonias.net/arquivos/425/Atas-dos-Coloquios/1059/atas-2018-MADALENA-DO-PICO-2018.pdf>).

Apesar da participação local ter sido inferior ao que seria expetável, ainda houve momentos com forte presença local. Resta-nos apresentar algumas das conclusões deste evento

1. Congratulamo-nos pelo acordo com a Câmara de Ponta Delgada para ali realizarmos o 34º colóquio de 1 a 5 outº 2020 cujo tema principal será *EDUCAÇÃO: uma ciência transversal que todos os governos deviam privilegiar*, com os Convidados de honra António Dias de Figueiredo catedrático UC (<https://www.facebook.com/adfigueiredo>); Alexandre Quintanilha (Presidente da Comissão Parlamentar de Educação e Ciência <https://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?ID=5930>); José António Salcedo (cientista <https://www.facebook.com/jose.a.salcedo.988>) e ainda o escritor Richard Zimler como escritor não-açoriano convidado. Os autores homenageados pela AICL em 2019 e 2020 serão, respetivamente, Eduíno de Jesus e Onésimo T Almeida
2. Congratulamo-nos com os reforços dos laços com a autarquia de Belmonte que vai instalar o nosso núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos com abertura prevista para abril 2019 e com o resultado das diligências da AICL que irão permitir a geminação entre a Madalena do Pico e Belmonte, e conta-se com a presença lá do Sr. Presidente da Câmara, José António Soares em abril 2019. Congratulamo-nos, que graças à ação da AICL, Ponta Delgada possa vir a ser incluída na Rede das Judiarias e que esse acordo seja já celebrado no próximo colóquio em abril 2019
3. Depois de propormos à C M Madalena o regresso dos Colóquios a esta vila ficou o mesmo mutuamente acordado para as datas de 23 a 27 de setº de 2021
4. Por proposta de Frederico Cardigos do Gabinete dos Açores em Bruxelas, vamos estudar a possibilidade de levar um grupo restrito de autores açorianos a Bruxelas para numa sessão de 1 a 2 dias, para divulgar a literatura de matriz açoriana e alguma da sua obra (livros ou excertos já traduzidos noutras línguas)
5. Foi feita a proposta da AICL de acolher como sócio Sérgio Rezendes e promovermos a sua deslocação a escolas secundárias para promover o conhecimento da História dos Açores
6. Vamos prosseguir com o projeto de finalizar o projeto do busto de Dom Carlos Ximenes Belo com um custo entre os 6 e os 8 mil euros cujo molde inicial foi feito pelo artista plástico picoense Rui Goulart (ver em <http://coloquios.lusofonias.net/XXX/ximenes%20um%20busto.mp4>). Pensamos que uma autarquia ou outra entidade que financie esta obra possa ficar com ela para expor em local apropriado.
7. Damos publicamente um voto de congratulação à MIRATECARTS por colocar ao longo destes últimos sete anos, o Pico no mapa cultural internacional através das suas atividades diversificadas

Como habitualmente as imagens e sons do 30º colóquio estão no nosso portal www.lusofonias.net em <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios.html>

E termino com esta nota elegíaca à bela ilha

Tivesse eu fôlego e ficaria no mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a bela capa colorida terrena e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos picos vocês habitam.

Ali, na Gruta das Torres senti-me um salteador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasma e arrebatava. Sinto o sortilégio. O mágico cume tem um íman que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo. É esta vila da Madalena, feita de gente que ao longo dos séculos sempre soube arcar com as dificuldades e domar a lava com ferros e marões, amontoando pedra em “maroiços”, monumentos num rendilhado de jarões, traveses e bocainas. tarefa hercúlea como tantas outras que as gentes do Pico empreenderam ao longo de cinco séculos de colonização da agreste ilha, sem esquecer a luta titânica que nos seus pequenos botes travaram durante um século contra a baleia e ora descobrem novas formas de vida.

Em 2009, em pleno São Miguel Arcanjo, junto à casa do amigo, mentor e escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho. Ali me ocorreu a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de “pedir emprestada” a carripana, começar a percorrer as freguesias e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não se cobriam bilhetes. Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos. Assim me despedi da ilha e voltei sempre para aqui passar mais tempo.

Termino dizendo que esta é a magia da ilha que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar.

Assim me despedi da ilha e continuo a voltei sempre para aqui passar mais tempo, nesta terra de *autores picarotos que tentaremos homenagear ao longo dos próximos dias como Adélia Goulart, Almeida Firmino, Avelino Rosa, Cesaltina Martins, Ermelindo Ávila, Fernando Melo, José Carlos Costa, José Dias De Melo, José Enes, José Martins Garcia, Judite Jorge, Manuel Da Costa Jnr, Manuel Ferreira Duarte, Manuel Tomás, Maria Norberta Amorim, Padre Nunes Da Rosa, Rodrigo Guerra, Rui Goulart Escultor, Rui Goulart Jornalista, Sidónio Bettencourt, Urbano Bettencourt, e no campo eclesiástico Missionários no Oriente como o Cardeal Dom José Da Costa Nunes Dom Jaime Goulart, Dom João Paulino De Azevedo E Castro, Padre Áureo Da Costa Nunes De Castro, Padre Isidoro Da Silva Alves, Padre João Homem Machado, Padre José Carlos Vieira Simplicio, Padre José Pereira Da Silva Brum.*



Anda meio mundo preocupado com a provável eleição do populista – quase nacional-socialista – Bolsonaro para liderar o Brasil. Não vejo qual é o problema, ele quer eliminar os negros, os indígenas, os homossexuais, e mais de metade da população, resolvendo desta forma os prementes problemas de ordem social que afetam o Brasil, reservando assim o vasto país para uma enorme coutada de poucos alicerçados uma classe média, arrogante, cheia de privilégios, profundamente racista e discriminadora. O mesmo foi tentado e realizado com sucesso por outros, como Adolfo H., um austríaco (ou era austro-maníaco?) que desfez a Alemanha na 2ª Guerra.

Na Espanha o ódio racial contra os não-espanholitos, atinge o seu auge em investidas contra os catalães, enquanto na vizinha Galiza se extirpou a língua galega agora quase totalmente convertida a um castrapo foleiro de castelhano. Como se isto não bastasse a história foi reescrita e deturpada retirando todo o brilho e fulgor das enormes qualidades que a nação galega teve ao longo dos séculos. Não entendo o mal-estar de pequenos segmentos da sociedade que contestam isto...bem pior foi o genocídio arménio aí por volta de 1915 e hoje já ninguém se lembra disso nem dos arménios.

Em Portugal, alguns puritanos de um determinado tipo de justiça equitativa e socialmente responsável, insurgem-se contra o julgamento e possível condenação a 5 anos de cadeia de alguém que roubou uns cinco leitões para comer, enquanto outros que roubaram bancos e levaram milhares à bancarrota (com a ajuda do sempre generoso estado que investiu biliões em bancos falidos) continuam impunes, ano após ano, gozando reformas milionárias e o fruto do seu roubo... cremos que isto é inveja dissimulada do Zé-povinho que não tem classe nem categoria para roubar em grande...e francamente, se tinham fome, roubavam só um leitãozinho.

Outros falam ainda do desaparecimento de armas no paiol de Tancos, que depois apareceram numa manobra de encenação, tendo já causado algumas demissões, mas sem quaisquer resultados futuros. Todos os dias desaparecem milhões de coisas, como milhões de euros mal investidos e mal geridos pela banca, pelo estado, pelas autarquias, e por daí em diante...e nunca ninguém se importou pois vota sempre nos mesmos, que insatisfeitos com o produto dos seus roubos se mostra sempre disposto a sacrificar-se pela "res publica" e a concorrer para ser reeleito.

Seguindo sempre na senda dos sagrados valores pátrios de futebol, Fátima e fado que fez da nação essa grande potência imperial de tempos idos, as televisões entretêm-nos com mais futebol, Fátima e pimba enquanto á socapa os governos vão aprovando as leis que mais lhes convêm, a si e aos seus amigos e apoiantes, e o povo ordeiro e calmo aceita sem saber nem se importar e temeroso de males piores vota sempre nos mesmos.

Nos Açores as crises são muitas e acumulam-se, mas tudo continua como se nada se passasse, e a verdade é que pouco se passa, de facto. Incentivam-se as pequenas disputas tribais interilhas enquanto os grandes problemas se escondem sob o tapete para os netos se terem de preocupar com eles e sua fatura.

E, se um ou uma mais afoito, ousar falar, cairá no vale do desterro, marginalizado, sem direito a qualquer apoio ou subvenção que, como alguns sabem, é o conduto de qualquer reeleição, ou pelo assim tem sido desde a autonomia de 1976. Entretanto criam-se expetativas sejam elas a do porto espacial na Malbusca, a construção de um ou outro porto, ou barco, ou outra qualquer coisa que leve as pessoas a falar, discursar, debater, combater até que esses planos sejam cancelados ou substituídos por outros. E sempre haverá novos coelhos prontos a tirar da cartola quando chegar o sagrado dia de São Voto devoto.

E com SATA ou sem SATA, com ou sem barco, seja com o que for, ou sem nada disso, as pessoas continuarão a viver como sempre viveram até agora. Umas, mais inconformadas votarão com os pés, como sempre fizeram e emigrarão, outras mudarão de padrinho ou candidatar-se-ão a novos projetos e compadrios.

A cultura e a educação continuarão a ser apanágio de loucos e utópicos como eu, que ainda me preocupo com essas coisas neste deserto com vozes que habitamos, onde vozes de burro não chegam aos céus e onde touradas, filarmónicas e a santa festinha da freguesia são os valores a preservar...

CRÓNICA 215 SEM LEITORES NÃO HÁ INTELLECTUAIS 16.10.2018

Jürgen Habermas:

"Não pode haver intelectuais se não há leitores" (Para a figura do intelectual, tal como a conhecemos no paradigma francês, de Zola até Sartre e Bourdieu, foi determinante uma esfera pública cujas frágeis estruturas estão experimentando agora um processo acelerado de deterioração. A pergunta nostálgica de por que já não há mais intelectuais está mal formulada. Eles não podem existir se já não há mais leitores aos quais continuar alcançando com seus argumentos.)

Ora até ler isto pensava poder pertencer a essa elite capaz de poder mobilizar massas e ter uma voz que fosse ouvida e seguida por aqueles que acreditam que o mundo ainda pode ser emendado, remendado, reparado, consertado, corrigido retificado, mas agora começo a duvidar. A repetição cíclica da História, corrupção endémica, a injustiça, autonomias e nacionalismos, a imigração, a erosão europeia e a crise da filosofia junto com a degradação global da educação foram sempre temas que me fascinaram e aos quais dediquei páginas sem fim ao longo de décadas...Nenhuma delas chegou a ter força de lei ou teoria que vingasse, por mais inteligentes, lógicos e racionais que pudessem ser. E a razão disse-a Habermas, sem leitores não há intelectuais.

E, se em vida, nada consegui quanto á propagação e difusão dessas ideias, não será, depois de morto e desconhecido que elas se reproduzirão, ao contrário desse outro autor que foi Fernando Pessoa... e ainda há poucos dias alguém dizia o que sempre tenho dito, se nem os meus filhos leram, alguma vez, alguma ora minha, como posso esperar ter leitores?

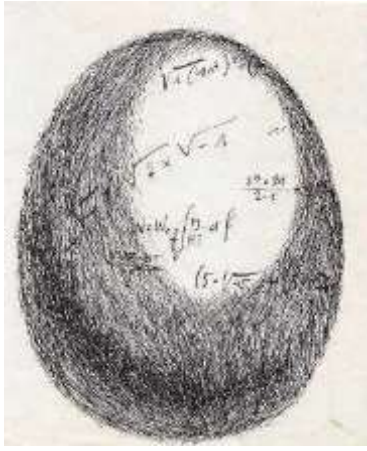
Cito Habermas, de novo:

"a figura histórica do intelectual ganhou importância junto com a esfera pública liberal em sua configuração clássica. No entanto, esta vive de certos pressupostos culturais e sociais inverosímeis, principalmente da existência de um jornalismo desperto, com meios de referência e uma imprensa de massa capaz de despertar o interesse da grande maioria da população para temas relevantes na formação da opinião pública. E também da existência de uma população leitora que se interessa por política e tem um bom nível educacional, acostumada ao processo conflitivo de formação de opinião, que reserva um tempo para ler a imprensa independente de qualidade. Hoje em dia, essa infraestrutura não está mais intacta."

Está assim explicado o grande dilema da minha existência sem leitores, terei agora de ponderar se continuo a escrever para o vazio, dada a falta de valor mercantil da minha escrita para os analfabetos que já não leem.

Claro que posso sempre voltar às origens e escrever poesia pois os canalhas, os poderosos, e os donos disto tudo, se há uma coisa que não toleram é a poesia!!!

Fórmula para sucesso literário e intelectual e capa do meu 1º livro de poesia (1972)



CRÔNICA 216 PARABÉNS AO SR. BOLSONARO PELO REGRESSO DO BRASIL AO PASSADO 19OUT18

Parabéns ao Sr. Bolsonaro por ganhar a segunda volta eleitoral, sem rodeios, agora vai poder levar o Brasil de volta à década de 1960, se os senhores militares não o depuserem, depois de ele tomar posse. Nunca houve grandes dúvidas, pois os americanos quando se esforçam em levar a democracia a países atrasados, fazem-no bem...e esta, a 152ª intervenção ocorreu sem invasões militares nem sanções económicas, usaram métodos mais certos e sofisticados de manipulação, mais adequados ao século XXI

Por outro lado, pensemos positivamente, se tem parentes e antepassados europeus, pode sempre voltar para a velha Europa e torná-la um continente mais aprazível, comecem já a pedir os vossos passaportes. Se é proletário, índio ou de qualquer minoria lamento, mas o futuro é sombrio, sem grandes hipóteses de fuga à morte, ao genocídio, à miséria e a tudo de bom que havia na década de 1960, sem acesso ao ensino superior, elevado grau de iliteracia, fome, assassinatos em massa, esquadrão da morte, serviços sem direitos, horários de trabalho alargado, a omnipresente igreja de vários tons e cores sempre a apoiarem o poder instituído (nele apostando, financiando e votando, arrastando milhões de crentes), a censura nos meios de comunicação, a calma aparência da ordem e do progresso que consta do estandarte.

A Boeing já levou a EMBRAER para outros voos, o petróleo voará da mesma forma, a Amazônia será enfim libertada para ser explorada livremente por garimpeiros, rendeiros e mineiros, os sem-terra ficarão (de novo) sem terra, o crime e a droga serão alvo de grandes operações militares mediatizadas, e a nova elite do país, que se julga culta e sofisticada, embelezará de novo o Palácio de Versailles como em finais do século XIX. Claro que a corrupção voltará a ser o que sempre, a imagem de marca do Brasil independente, nem mais nem menos do que dantes, mas a censura tratará da saúde de quem fale disso. E o mundo continuará, com mais ou menos protestos, como continuou com Pinochet, Pol Pot, Trump e outros, e como diz aquele velho clássico nórdico "nada de novo sob o sol".

217 CRÔNICA 217 PROTESTO DE UM CIDADÃO DA LOMBA DA MAIA - S MIGUEL RETOMADO DE 10.3.2016

Pela premência aqui republico o meu alerta que foi dado à estampa em jornais locais a 10/03/2016



Lomba da Maia, março 2016

Terá de morrer alguém numa derrocada na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel para haver obras?

Terá de haver uma derrocada catastrófica na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel para haver obras?

Terá a cor política da Junta de Freguesia e da Câmara algo a ver com os "estudos" que alegadamente estão a ser feitos para haver obras na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel?

A estrada ficou cortada depois das derrocadas de fevereiro 2013 e dezembro 2015, com enormes inconvenientes para centenas de moradores da costa norte.

Os transportes privados, os públicos, incluindo os transportes escolares, fazem desvios morosos por Calços da Maia, Gorreana e São Brás em estradas que não foram feitas para tal movimento e depois de meses de a estrada ter estado cortada à circulação entre a Lombinha e a Maia, nem um só trabalhador apareceu no horizonte num dos troços mais perigosos das estradas públicas regionais na costa norte.

Está em estudo, ao que dizem, a intervenção camarária e os transportes pesados estão proibidos de acederem aquele ramal (editais n.º 49/2016/T.) enquanto os ligeiros que por ali passam correm riscos enormes e desnecessários. A falta de sedimentação das perigosas arribas após as derrocadas de dezembro pode nem precisar de mais chuvadas para causar novo desmoronamento...

Porque esperam então as entidades responsáveis para fazerem obras que há muito se impunham?

Se houver uma tragédia, do dia para a noite surgirão máquinas, trabalhadores e estudos?

Aqui deixo a pergunta a quem de direito como cidadão residente na costa norte a quem foi coartado o acesso direto entre a Lombinha e a Maia. Ao fim de três meses continuo à espera do início das obras céleres para darem segurança aquele troço bem movimentado da estrada.

PS: atualização em outubro 2018

a erosão da encosta, no troço junto à orla costeira, está a pôr em risco a estabilidade da via, criando um sério risco para todos os que por aí circulam. De igual modo, também a encosta do lado de terra apresenta, em vários locais, evidentes sinais de instabilidade. Existe um claro perigo de derrocada ou mesmo de desabamento de parte do piso, o que coloca em causa de forma extrema a segurança da circulação. Embora se trate de uma via municipal, as obras em causa terão de processar-se na orla costeira, sendo obviamente muito complexas do ponto de vista técnico e de engenharia e implicarão um esforço de investimento elevado, muito para lá das possibilidades do Município da Ribeira Grande. Tendo em conta a importância da via, a gravidade da situação e as responsabilidades do Governo Regional em relação à segurança das vias e à circulação rodoviária, parece claro que terá de existir uma intervenção da Região, em parceria com a Câmara Municipal da Ribeira Grande, por forma a reparar a estrada, intervir nas zonas de risco e garantir a segurança das pessoas e bens que por aí têm de circular.

Nesta data fiz uma pesquisa e exceto as declarações de dois partidos minoritários, em fevereiro e em setembro de 2017, pouco ou nada se encontra escrito sobre o tema...Em finais de outubro 2018 continua tudo exatamente na mesma...e depois das chuvas de 20 a 23 outubro o perigo de derrocada na Estrada Municipal 519, aumentou, mas como os responsáveis raras vezes se deslocam para esta esquecida costa norte dificilmente se apercebem do perigo que correm as crianças e familiares que todos os dias se deslocam para a EBI da Maia, e todos os outros que para ali têm de ir. Se – e quando – uma tragédia acontecer, como já antes ocorreu noutros pontos desta e doutras ilhas, será instaurado um inquérito, a culpa morrerá solteira, e talvez então se disponham a começar os trabalhos. Pessoalmente sou de opinião que deveria ser feito novo acesso à Lombinha da Maia pelo monte sobranceiro à Maia, desviando a seguir ao Museu do Tabaco e indo acabar antes do cemitério da Lombinha. Mesmo com expropriações, e sendo feita de raiz, talvez ficasse mais barato e, era certamente mais segura, do que a variante existente pelas alcantiladas arribas.

Quando vivia na Austrália concordava com o voto obrigatório, complexo, que me obrigava a votar, estivesse onde estivesse, por mais afastado do meu local habitual de voto. Depois nestes últimos anos, vi os votos esbanjados por ignorantes, irresponsáveis. A democracia, apesar das suas falhas, continua a ser o melhor sistema, mesmo quando é autofágica como na Alemanha de Hitler, nos EUA de Trump, no Brasil de Bolsonaro.

Já aqui nos Açores, há uns anos, uma pessoa com diminuídas capacidades cognitivas e outras, perguntou-nos em quem devia votar quando entrávamos juntos na sala de voto, aqui na costa norte de São Miguel. A maioria da população alheada da política já pouco vota. Se tivessem cérebros funcionais podiam pensar e votar diferentemente, assim como já – desde há muito – estão pré-condicionados num estado de torpor intelectual: basta ouvirem palavras mágicas e acreditam no que ouvem. Continuam a votar acreditando que votam... ditaduras transvestidas de laivos de democracia, sem direitos nem voz, como se alguém prestasse atenção a esses resquícios do séc. XX. Estão anestesiados pelo flúor que lhe deitam na água, pelo espetáculo circense do futebol, pelas novelas e pelo voyeurismo da Casa dos Segredos ou dos degredos uma nova versão do Big Brother.

Incapazes de pensar, pois foram educados a não o fazerem e são intelectualmente iletrados ou funcionalmente analfabetos, incapazes de compreenderem ou analisarem qualquer texto mais complexo que um resumo de um jogo de futebol. Há muita gente com influência nos meios de comunicação social, fazedores de opinião, construtores de falsos paradigmas, que optam por repetir que não há alternativa e que, se houver, tudo será pior! E há muita gente que vai na conversa!

É preciso agitar as consciências para que pensem. Um povo de cornos mansos e vacas chocas, sem espinha vertebral que vai continuar a votar nos mesmos que o defraudaram e roubaram ao longo de 44 anos da dita democracia, e se diz saudoso de líderes salazarentos, que eram honestos e mantiveram o país num feudalismo medieval, de analfabetismo, fome, futebol, Fátima e Fado.

Recordemos o que escrevi então:

Era dia de eleições regionais, no largo da Igreja da Lomba da Maia agrupavam-se os habituais homens à porta da Igreja, enquanto as mulheres e crianças assistiam ao culto. Não chovia nem fazia sol, antes pelo contrário. A temperatura era amena e o trânsito era reduzido ao redor da escola primária Amâncio da Câmara Leite, na Rua de N. Sra. da Conceição.

Fui votar e fui ultrapassado, no meu lento passo, por uma impaciente agente da PSP que estacionara em infração, do outro lado da rua, mesmo em cima da curva em plena estrada regional. A descer da escola, vinham duas velhotas, amparando-se mutuamente, para subirem a escadaria de acesso à Igreja de N. Sra. do Rosário. Na porta da escola estava uma jovem, com uma caixa indicando RDP Antena Um, que disse ser da Universidade Católica e querer fazer uma sondagem à boca das urnas. Das 429 pessoas votantes num universo de 1038 estariam ali umas seis e nenhuma era jovem, antes pelo contrário, com uma abstenção a rondar os 60%.

Não vi lá a mulher Einstein nem os seus três geniais filhos, nem as poucas e sóbrias prostitutas que para cá se mudaram em tempos recentes, nem tampouco vi os jovens drogados do coreto da Igreja, que teriam, decerto, mais que fazer do que votar. Também faltava a vizinha do lado, na casa de baixo, que aos 90 anos, partiu a bacia (cócix) há meses, e anda todos os dias num corrupio para o Hospital na ambulância de transporte de doentes, e com enfermeiros a virem a casa tratar dela todos os santos dias.

As vizinhas de frente não foram votar pois devem estar recenseadas na cidade e só aqui vêm passar fins de semana e feriados. O vizinho padeiro e a mulher da casa ao lado, em cima, mal-encarados, como os seus antecessores do continente, estiveram todo o dia fora e não votaram pois, como mudaram há pouco, ainda não devem estar recenseados localmente. Cheira-me a gente de mudanças múltiplas, mas deles nada se sabe que nem a cortesia dos bons-dias aprenderam. Apenas os vizinhos da esquina de cima (vaqueiro premiado), em frente ao café Eurobar, foram dar o seu voto.

Uma das idosas da aldeia (senhor, chame-lhe Freguesia que não temos cá aldeias) que mora no começo (ou será no fim?) da Rua das Casas Telhadas e a quem dei o cognome de palestiniana (por andar sempre com um lenço negro na cabeça que mais parece um jilbab), continua a vestir-se como as viúvas de antigamente, sempre de negro até à morte. A despropósito sabiam que o Icharb palestiano deu lugar ao francesismo écharpe?

Não vi lá o velho agricultor ou vaqueiro, que diariamente aqui passa pelas sete e meia da manhã, na sua carroça puxada por um frágil pónei de melenas acastanhadas e de quem tenho pena (do pónei, não do velho que passa a vida a chicotear o pobre animal).

Não vi lá nenhum dos vaqueiros, que às centenas andam por estas ruas nos sete dias da semana, por entre recolha de leite das suas vacas, que, na maior parte dos casos nem suas são, mas dos donos.

A exploração feudal aliviou-se depois do 25 de abril, mas assumiu novos contornos, nem sempre visíveis a olho nu. Depois do fim das quotas leiteiras da EU, foram muitos forçados a abandonar a prática das vacas, que ora, mais do que nunca, se concentram na mão de meia dúzia de proprietários aqui na Lomba da Maia.

Como não frequento missas não tive oportunidade de ouvir o padre na sua prédica dominical a aconselhar os fiéis a irem votar, mas suponho que o terá feito, como sempre se faz nestas terras (e nem vale a pena duvidar em quem ele aconselhou). Como as missas são frequentadas por gente muito idosa e essa lá ia votar, suponho que o sermão da véspera ou da semana anterior terá tido os seus efeitos. Mera suposição, longe de mim denegrir as qualidades democráticas clericais que, suponho, são inculcadas aos seminaristas em Angra do Heroísmo, nos tempos que correm. Uns dias antes da eleição cá andava o Presidente da câmara, mai-lo o Presidente da Junta de Freguesia e acólitos a percorrerem as ruas, acompanhados da carrinha com o som bem alto, tonitruante, como acontece em todas as campanhas. Creio que ao longo de doze anos raras foram as vezes em que vi aqui (sem ser nas campanhas eleitorais) na aldeia (Freguesia, chamam-lhe os locais) qualquer dos dois presidentes da câmara que já conheci.

Assim, sabemos que, de quatro em quatro anos, eles se lembram de que existimos na ponta norte do Concelho, apesar de caladinhos e não-reivindicativos, ao contrário dos da Faixa de Gaza - como eu chamo aos de Rabo de Peixe, vila piscatória muito conhecida e apreciada na distribuição de benesses municipais.

Não vi votar nenhuma das mulheres, que semanalmente a Junta emprega, na tarefa de limpeza de ruas, pintura de muros e pequeno trabalho de manutenção local (em troca dos benefícios do rendimento mínimo, qualquer que seja o nome que o rendimento de reinserção social atualmente ostenta).

Era de esperar que fossem votar, pela prestação de serviços que bem jeito dá às ruas sempre sujas, pois o povo (e já melhorou em 12 anos) tem a mania de deitar para o chão pacotes de batatas fritas, invólucros de gelados, e todos os papéis (e não papeles como lhes chamam) do que compram no minimercado ou no café da esquina.

Numa era de voto eletrónico, nem o obsoleto voto postal é permitido aos da diáspora, estudantes ou outros, longe dos locais habituais. Entendo que o voto emigrante induza certo temor aos partidos, mas não vou aqui explicar as razões de tal receio. Dizem que devemos contar 20% de abstencionistas, como emigrados ou ausentes, para já não falar dos mortos que, há anos, não são retirados das listas de eleitores.

Creio que isto se prende com o apoio financeiro que os partidos recebem em função do número de eleitores, quanto mais eleitores inscritos mais fundos. Se fosse em função do número de votantes já teriam alterado a lei e revisto os cadernos eleitorais ou dado direito de voto ausente, mas como são beneficiados não há interesse nenhum em retirar os votos dos mortos....

Um bom cidadão mesmo depois de morto continua a servir os interesses dos partidos. Exemplo de cidadania.

Termino, concluindo que o sistema falhou ao não educar os cidadãos, falhou na educação, na saúde, na justiça, falhou toda uma sociedade, cada vez mais inculta...e são eles que votam em fanáticos populistas...a ignorância é uma arma usada pelos políticos para se reelegerem.

A escolha não é de esquerda nem de direita, nem entre mais ou menos corruptos, nem entre quem mais fez ou menos fez pelo Brasil, nem quem tem um passado mais obscuro e mais indiciados para a cadeia, ou já presos, a escolha não é entre ricos e pobres, entre brancos e negros, entre afro-americanos ou índios, garimpeiros ou coronéis, favelados ou gente da Tijuca, Leblon, Botafogo.

A escolha não é entre cultos ou incultos, ignorantes ou sábios, letrados ou iletrados. A escolha não é entre um militar expulso desonrosamente do Exército e um ex-Prefeito paulistano. A luta não é entre o boi que vai feliz para o matadouro, o carneiro que segue o lobo para fora do redil, a luta é apenas entre aqueles que ainda acreditam que a democracia e a liberdade de expressão, a igualdade entre seres humanos, a igual oportunidade, a justiça, valem mais do que o desprezo total pelos valores que serviram de base a civilizações ocidentais na última centúria. Só isso e essa escolha vai ter um preço bem alto, qualquer que seja, para qualquer um dos lados que vença ou perca.

Não só no Brasil, como no mundo ocidental em geral, sim esse mundo ocidental que já esqueceu a história, o passado, ou se não o esqueceu, não o entende nem compreende e teima em repeti-lo, cegamente como os *lemmings*, a saltarem para o precipício ou os ratos a seguirem o *Pied Piper (O Flautista de Hamelin)*. *Lemings* são *animaizinhos de cabeça verde que fazem tudo o que você mandar. Só que como eles são burros pra caramba, ..*

Só isso, um retrocesso de 50 anos ou mais e pior.

Mudar sim, para pior nunca.

E daqui a anos perguntarei onde estavas e o que fizeste no 28 de outubro 2018?

1.11.2018. Há sempre um Trump ou Bolsonaro que espera por si

AGORA que já passou a data e os brasileiros (ou seja 34% dos votantes) escolheram o seu novo Presidente, é chegado o momento de fazer uma pausa e refletir.

Para todos os que discordam da nova liderança no Brasil aqui fica o meu aviso, válido para qualquer país, qualquer que seja a língua nele falada, o tipo de governo atual, seus antecedentes históricos:

- 1) país onde a corrupção seja rampante prepare-se, é só uma questão de tempo até a tampa saltar
- 2) país onde a justiça parece não funcionar, favorecendo os ricos e prejudicando os mais fracos, prepare-se
- 3) país onde os pequenos delitos sofrem penas descomunais e os grandes roubos, assaltos, desmandos da banca, corrupção, saem com pena suspensa ou prisão domiciliar, prepare-se
- 4) País onde o nepotismo, corrupção e sobanceria das elites reinantes parece não ter fim, em que ninguém consegue já indignar-se, com a sucessão (quase diária) de escândalos é um vulcão prestes a explodir, prepare-se
- 5) país onde o nível de impostos, taxas e outros impostos não cessa de aumentar, haja crise ou não, sem que essa subida desenfreada corresponda visíveis mais-valias para a população em geral, prepare-se
- 6) país onde não deixa de aumentar o número de hooligans (normalmente associado a atos desportivos e claques de clubes) e seus desmandos, sem que a estes seja posto cobro numa forma eficaz e decisiva, parecendo favorecer a impunidade, prepare-se
- 7) país onde os residentes são, aparentemente, preteridos aos novos imigrantes nos campos do emprego, habitação, educação, saúde, prepare-se, a tampa irá saltar
- 8) país onde os níveis educacionais subiram, com aumento de diplomados, mas sem que isso corresponda a um aumento da capacidade de interpretação ou capacidade de pensar por si mesmo, de questionar, pensar e decidir para agir, prepare-se para ser atacado por doses maciças de notícias falsas, todas conducentes á criação dum estado perpétuo de medo, de insegurança, de abuso, e prepare-se para o que virá a seguir
- 9) país onde as pessoas deixaram de acreditar em projetos políticos ou partidos, estão sempre muito mais recetivos a salvadores sebastiânicos da pátria, capazes de prometer a lei, a ordem, a paz social, o fim da corrupção (mesmo que sejam eles mesmos os mais corruptos e corruptores)
- 10) dito isto, se ainda não atinou com o quadro que lhe acabamos de pintar é sinal de que ainda não vislumbra no horizonte o Trump, o Bolsonaro ou qualquer outro que o vai salvar desse inferno em que vive, mas não desespere que ele surgirá quando menos se espera e de onde menos se espera e irá prometer-lhe tudo aquilo que o console e anime, agora que tem a vida minada pelo desespero, medo, insegurança, descrédito nas instituições que o deviam proteger, dos professores aos juizes, aos eleitos no parlamento, aos padres, , aos próprios familiares e amigos.

Agora, relaxe, descontraia e espere que o venham salvar, mas não diga mais tarde que eu não o avisei para os tempos que viriam a seguir.

CRÓNICA 220. OS TRANSPORTES QUE INFELIZMENTE AINDA TEMOS 14.11.2018

Dizem-me que os transportes na ilha de São Miguel estão ainda configurados à moda dos anos 1970-1980 e às necessidades de então. Não estou a falar das cidades onde existem algumas alternativas, mas sim das pequenas freguesias que polvilham a ilha, onde as pessoas que não disponham de viatura própria têm imensa dificuldade para se deslocar devido aos horários infrequentes e pouco convenientes da transportadora pública, como é o caso, na costa norte, da CRP.

A este problema acresce a vetusta idade dos autocarros, a falta de cumprimento de horários, o excesso de velocidade e de lotação das viaturas, a que muito ocasionalmente a GNR (quando recebe uma queixa) se dedica a multar fazendo parar a carreira.

Nestes últimos meses um diferendo entre as escolas (Direção Regional da Educação) e a CRP para o transporte escolar causou graves transtornos aos alunos ao não se verificar um entendimento entre a DRE e a CRP, sendo dada alguma margem de negociação às escolas (não sei bem os detalhes, mas parece mais uma medida de corte de custos da DRE).

O que aconteceu na zona onde habito foi que os autocarros são menos, andam a desoras, vão apinhados de gente em pé (convivo-vos a fazer a viagem Lomba da Maia - Ribeira Grande de pé), os alunos chegam atrasados para além da tolerância de dez minutos na entrada e entre a Lomba da Maia e a Ribeira Grande é um reboiço.

Não sabemos quando é que a Direção de Transportes pensa adotar modelos do século XXI para transportar os habitantes da ilha que se deslocam às cidades, nem sabemos quando e como fiscaliza o cumprimento (ou incumprimento) das obrigações contratuais firmadas para o transporte de passageiros. Não sei sequer se é permitido o transporte perigoso de pessoas em pé nos autocarros nestas estradas regionais, mas creio que é tempo de se fazer uma revolução nos meios de transporte existentes que insatisfazem a população. Nem sonho já com um metro de superfície já que a hipótese de comboio, infelizmente, foi abandonada no início do século passado.

Quando o meu filho estava a estagiar no Nonagon na Lagoa, levantava-se pelas sete horas para apanhar uma camioneta para a Ribeira Grande, depois outra para Ponta Delgada e antes das dez da manhã chegava à Lagoa... e essa era a única forma de se transportar em coletivos para percorrer uma distância de 30,1 km... felizmente libertou-se

desse calvário quando adquiriu uma velha viatura para se deslocar demorando em média 29 minutos via EN4-2A and EN1-1A.

E os idosos que têm consulta no hospital ou médico, ou outros afazeres na cidade, e não têm carta de condução nem meios para adquirir viatura própria?

Decerto que com as pensões miseráveis que auferem não disporão de 60 euros para irem e virem de táxi...

Mas é preciso agir para mudar este estado de coisas com autocarros velhos (em muitos já deve ter expirado o prazo de validade...), sempre a avariarem (alguns já arderam nos últimos anos durante o percurso), autocarros lotados, horários que não se cumprem (ora chegam mais cedo, ora chegam mais tarde e quem não está na paragem na hora de passagem, estivesse...), lotados nas horas de ponta (em especial nas carreiras das 07.30 e 08.00), passageiros em pé aos solavancos e sem segurança em caso de travagem súbita.

Senhores dos Transportes, responsáveis pela inexistente política de transportes coletivos capazes para as freguesias fora das cidades acordem para o século XXI e façam algo como aumentar a frequência das carreiras, fiscalizem os horários e as condições de transporte....

Modifiquem contratos para se substituírem os velhinhos autocarros por outros mais modernos e mais pequenos para serem rentáveis ... só peço que saiam dos vossos gabinetes confortáveis e inspecionem anonimamente os percursos entre Ponta Delgada, e Furnas ou para o Nordeste...levantem-se cedo e vejam o que é viajar na carreira das 07.30 ou das 08.00 da Lomba da Maia para a Ribeira Grande...afinal é para isso que vos pagam, para o povo que paga os seus impostos e não tem um serviço de transportes coletivos digno e capaz.

CRÓNICA 221 TITANIC GLOBAL 15 NOV 2018

Esta noite acordei a meio da noite sem luz alguma nem na casa nem na aldeia (aqui chamamos freguesias, senhor, vá lá use a terminologia insular).

Nem o breu era mais escuro que a rua e a casa.

Por instantes pensei se teria morrido.

Deve ser isto a morte, murmurei, sem luz nenhuma ao fim do tunel, deve ser sinal de que se houver céu eu vou para o inferno.

Peguei na lanterna da mesa da cabeceira e voltei a deitar-me pensando como é, afinal, uma dádiva estarmos vivos apesar de o mundo lá fora estar, cada vez mais, desagradável.

Depois, a meio da manhã o ladrar incessantes dos cães (aliás, cadelas, ambas) levou-me a descer ao quintal para apanhar em flagrante delito o vizinho do quintal ao lado a roubar arcações.

Já o ano passado lhe dissemos que bastava pedir e a gente dava, mas roubar era algo intolerável...enfim dei dois berros e ameacei-o com a polícia e ele afastou-se enquanto apanhávamos para dentro de casa os arcações já maduros que restavam. Tentei ligar a TV, mas continuavam todos os canais generalistas com a propaganda a um alegado criminoso e ex-dirigente de futebol. Futebol e crime, começam a ser gémeos inseparáveis.

Mudei para um canal qualquer numa língua que não entendo, tirei o som ao aparelho e consegui almoçar calmamente. O voyeurismo televisivo há anos que me enoja, mas, pelos vistos, "é disso que o meu povo gosta", como diria o saudoso Pedro Homem de Mello e agora alastrou aos restantes canais. Tragédias, mortes, acidentes, facadas, e lá estão os desgraçados fabricantes de desgraças em ação até à exaustão ou, no meu caso, até os meus dedos chegarem ao comando da TV.

De facto, se olharmos em volta, do Brexit ao Brasil, ao Trump, passando por Portugal, Açores e tantos outros países (Polónia, Hungria, Áustria, Filipinas, Myanmar ou Birmânia, etc.), o que vemos e ouvimos só serve para revoltar a minoria pensante que ainda sobrevive num mar de carneiros amestrados (sem ofensa para os carneiros).

O populismo barato e balofo, as voltas e reviravoltas e jogatinas das geringonças todas que controlam os países, o recrudescer de extremismos, fascismo, nazismo e xenofobia, tudo me faz duvidar da possibilidade de sobrevivência da sociedade em que nasci e fui criado.

O que mais me preocupa como habitante residente nos Açores há quase três lustros (se não sabem o que é vão ver) é o divórcio entre os políticos e a população, há muitos anos traduzido numa elevada abstenção (composta pela não-atualização das listas eleitorais, pois quanto mais eleitores estiverem registados mais fundos há para os partidos, mesmo que tenham morrido, estejam emigrados ou estejam expatriados a estudar ou trabalhar).

Já todos sabem que não há diferenças entre o partido azul, castanho ou amarelo, são todos iguais e só contemplam as suas benesses e dos seus apaniguados. Quanto ao povo para quem deviam governar contentam-se em dizer o que pensam que o povo quer ouvir, prometendo o que já haviam prometido e aquilo que ainda não tinham prometido, mas mesmo isso só é feito de forma mais intensa de 4 em 4 anos quando vão a votos.

Quando surge alguma voz discordante nos jornais, saem todos à rua a mostrar obra, inaugurações, primeira pedra disto ou daquilo (faz-me lembrar o Almirante Américo Tomaz a cortar fitas), já construímos isto e aquilo, já tratamos de tantos kms de estradas, de saneamento, de resíduos, etc..

De repente começam a surgir diretores regionais que nem sabíamos que existiam e que nunca tínhamos visto a contar as proezas dos seus departamentos..

De resto a nau pode afundar-se que as notícias do homem forte das finanças são sempre de dias soalheiros, de equilíbrio das contas públicas por mais que o Tribunal de Contas e outros digam o oposto, por mais que a saúde se deteriore de ano para ano, a justiça seja o que é (e mais não digo), por mais que a educação seja calamitosa e o abandono escolar galopante.

Convém é ciclicamente atirar ao ar uns números muito grandes do que já se gastou, mesmo que esses gastos sejam em empresas falidas ou ineficientes, ou em elefantes brancos, grandes projetos de fachada que a poucos beneficiam, ou projetos miraculosos que não de chegar para revolucionar e propulsionar este local (ou qualquer outro) a picos nunca imaginados.

E é certo e sabido, que mais cedo ou mais, tarde surge um icebergue oculto e o Titanic vai ao fundo. Por mais que eu e outros os tenhamos alertado, nunca prestaram atenção, assentes no eco da solidez das suas palavras ocas e com um rombo no casco se afundam, tal como no jogo da minha infância em que se dizia "porta-aviões ao fundo". Aqui deixo o último aviso e se eu que sempre os apoiei penso assim, o que pensarão os outros?...

Antes de mais devo congratular a Câmara de Ponta Delgada por ter decidido investir neste evento, bem como no nosso 34º colóquio que ali terá lugar em outubro 2020. É preciso investir na cultura que não são só as touradas da Terceira, os bailinhos, as filarmónicas e os artistas pimba das festas populares. Esperamos que Ponta Delgada possa ter mais eventos destes e como aquele que ali iremos organizar em 2020, pois já é altura de os açorianos valorizarem a enorme riqueza da sua literatura.

Dito isto e apesar dos dois eventos terem fins e públicos-alvo distintos se bem que aparentados, podemos e devemos coexistir e complementar-nos, mas cumpre comentar algumas notas que vieram a lume por esta observação no ciberespaço, da autoria do nosso conhecido e amigo professor **Telmo Nunes** (<https://www.facebook.com/telmo.nunes.3>)

Agora que se apagam as luzes e as cadeiras vagam, há que fazer um justo reconhecimento à realização do encontro literário, "Açores Arquipélago de Escritores". São Miguel e Ponta Delgada, em particular, já mereciam um acontecimento cultural desta natureza, desta qualidade e envergadura. As sessões foram de uma riqueza literária imensa: houve conversas interessantíssimas com pessoas igualmente interessantes e com as quais habitualmente só nos cruzamos nas páginas dos livros. Houve lançamentos de obras, cursos, apresentação de filmes, sessões direcionadas às escolas e às crianças, debates, mesas redondas onde fervilharam ideias estimulantes e, como não podia deixar de ser, as devidas homenagens àqueles que serão os maiores entre pares. A nossa cidade, mas também a nossa ilha e os Açores foram, de facto, um "porto de cruzamento de diferentes culturas e literaturas (...)". Como se afirmou amiúde ao longo destes dias, inaugurar um encontro literário com esta pujança e sucesso, acarreta uma pressão imensa para os envolvidos na sua organização, já que a fasquia se encontra agora num patamar de excelência que, certamente, será mantida nos encontros que se hão de suceder. Registei, com especial agrado, o empenho em descentralizar as várias sessões por diversos locais da cidade e da ilha, fazendo chegar o livro a um público mais vasto e, sobretudo, mais diversificado. Da perspetiva da assistência, na qual me situo, este encontro literário foi um êxito estrondoso, que em muito engrandece, primeiramente a Literatura, e depois Ponta Delgada, São Miguel e os Açores, em geral. Por tudo isto e mais, a todos os envolvidos, mas com especial destaque ao curador do encontro, o multifacetado Nuno Costa Santos, assim como aos parceiros que se uniram a este projeto, um reconhecido, Obrigado! Para o ano, cá vos esperamos! a 19 de novembro de 2018¹¹

E escolhi este comentário por o seu autor ter feito parte da comitiva de 19 pessoas que se deslocou a Brasília, São Paulo, Rio e Floripa ao 13º colóquio em 2010, e, assim, ter conhecido os dois eventos, que jamais se poderão comparar. Os colóquios começaram em 2001 e dedicam-se à açorianidade após 2005 nos dois eventos anuais que realizamos (um nas ilhas e outro fora).

Se agora em PDL houve lançamentos de obras, cursos, apresentação de filmes, sessões direcionadas às escolas e às crianças, debates, mesas redondas onde fervilharam ideias estimulantes e, como não podia deixar de ser, as devidas homenagens àqueles que serão os maiores entre pares.

Nós desde 2001, temos tido tudo isto e desde sempre divulgamos todos os tipos de música, do cancionero Açoriano, a ópera, folclore, desgarradas, viola da terra (desde 2008), música da Galiza e do Brasil, de Macau a Timor-Leste, de Bragança a Belmonte, academias de música popular e eruditas, danças de Timor, poesia declamada em quase todos os eventos desde 2009, documentários e filmes, representações teatrais, editamos livros e antologias, traduzimos excertos de vários autores açorianos, sessões em vários locais, e várias ilhas. Quanto às homenagens aos vivos começamos essa prática em 2009. Dos autores da açorianidade presentes em Ponta Delgada, a vasta maioria já esteve nos nossos eventos ou para eles foi convidada, muitos até são nossos associados e constam dessas antologias e das traduções já feitas para 15 línguas (nalguns casos).

Uma grande diferença são os milagres que a AICL (que organiza os colóquios) faz com orçamentos de cada evento que rondam entre os 3 e os dez mil euros (exceção no Brasil 2010 e Macau 2011), em que os participantes nos nossos colóquios pagam as suas quotas, as suas inscrições, as suas viagens de avião, a estadia e alimentação e continuam a manter vivos os colóquios, um após outro, já vamos no 31º. Só no último em outubro 2018, na Madalena do Pico tivemos a presença de 25 autores açorianos contemporâneos...

Mas repete-se, que outra coisa é organizar – por convite – vinte personalidades de todo o mundo e da açorianidade. Além da diferença dos fins a alcançar e da subjetividade dos convites há uma diferença de orçamentos indescritível, pelo que os dois eventos não são comparáveis, nem é isso que se pretende.

Esperamos que Ponta Delgada possa ter mais eventos destes e como aquele que ali iremos organizar em 2020, pois já é altura de os açorianos valorizarem a enorme riqueza da sua literatura em todas as suas vertentes da poesia à dramaturgia, ao conto, etc. outra coisa de que nos orgulhamos é a multidisciplinaridade dos nossos temas, que vai muito para lá da literatura e linguística, e abarca temas tão distintos como a tradutologia, vulcanologia, biologia, medicina, desporto, história, arqueologia, filosofia, educação e tantos outros temas que foram apresentados ao longo de 30 colóquios.

Nós que desde 2001 entregamos as Atas aos participantes no ato de registo de presença e as divulgamos gratuitamente no nosso portal, orgulhamo-nos dos inúmeros projetos que temos vindo a desenvolver, com os nossos participantes e associados, ao longo dos anos neste formato, com o beneplácito de 3 das 4 Academias Nacionais de Língua Portuguesa existentes no mundo.

Tal como agora aconteceu neste evento de Ponta Delgada, os nossos colóquios são gratuitos e abertos ao público, só pagam os que pretendem viver o evento por dentro e receber certificado de participação e publicação e assim o ajudam a conseguir realizar. Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento.

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar.

É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

¹¹ Telmo, na tua análise encomiástica, faltou um certo espírito crítico...ora vejamos, por mais subjetivos que os "convites" possam ser não creio admissível deixar de fora VASCO P DA COSTA, NORBERTO ÁVILA, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, ou até um Victor Rui Dorez e o Manoel Tomaz do Pico e faltaram as mulheres....(exceto a filha do homenageado e a Lélia que pertence a outro campeonato...).. se fores ler o CrónicaAçores, isto parece quase um esforço de reavivar a defunta "pandilha, claqué, clique" a que me referia quando cá cheguei e comecei... e é aí que me dirijo nesta crónica sem citar nomes... é preciso conhecer os entremeios da vida literária açoriana para se entender e trazer tantos nomes de fora para um título tão insular e arquipelágico parece dever-se mais a condicionalismos dos donos disto tudo no mercado editorial do que a qualquer outra coisa.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes. A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade.

Parabéns Ponta Delgada e até 2020.

Os colóquios previram e protocolaram já até 2022, além de Belmonte, idas à Graciosa, Pico e Santa Maria. (www.lusofonias.net)

CRÓNICA 223. COISAS QUE NÃO ENTENDO 21.11.2018

Caiu um bocado de estrada condenada há, pelo menos, quatro anos e cujas mortes estavam já anunciadas, faltava a identidade e a data, e ninguém é culpado e o Estado (esse ser omnipresente e invisível) vem decretar que vai haver fiscalização às pedreiras... pelos vistos não havia... sempre disse que este país tinha leis a mais e ninguém para as vigiar.

Como na Ponte de Entre-os-Rios há umas décadas, e noutros acidentes semelhantes a culpa morrerá solteira, pois em Portugal a culpa morre virgem, que é uma senhora de muito respeito e se algo acontece a culpa nunca é de ninguém, azares divinos, ou acidentes da natureza, ou um anormal conjunto de circunstâncias desfavoráveis. Vão dizer isso aos mortos e às famílias...

CITO DE Henrique Pereira dos Santos

([https://corta-fitas.blogs.sapo.pt/das-pedreiras-](https://corta-fitas.blogs.sapo.pt/das-pedreiras-6729365?utm_source=posts&utm_content=1542822084&fbclid=IwAR0xjur45OlfZyYilKspGRuMYAcxbw85oBwKs4ap9bQJ47ojc22aslF0a)

[6729365?utm_source=posts&utm_content=1542822084&fbclid=IwAR0xjur45OlfZyYilKspGRuMYAcxbw85oBwKs4ap9bQJ47ojc22aslF0a](https://corta-fitas.blogs.sapo.pt/das-pedreiras-6729365?utm_source=posts&utm_content=1542822084&fbclid=IwAR0xjur45OlfZyYilKspGRuMYAcxbw85oBwKs4ap9bQJ47ojc22aslF0a))

"...há responsáveis concretos sobre situações concretas, mas a altíssima probabilidade de haver, mais tarde ou mais cedo, catástrofes destas (como nos fogos, como nas cheias, como nos sismos, como na manutenção de infraestruturas) tem a sua raiz na forma como nos organizamos como sociedade, na forma como somos pouco exigentes com o Estado, na forma como preferimos fazer leis maximalistas em vez de investir seriamente em fiscalização inflexível sim, mas sensata, próxima dos destinatários e respeitadora das pessoas, na forma como recusamos o compromisso das situações intermédias e nos entrincheiramos em posições irreduzíveis, etc., etc., etc..."

Nunca entendi como os engenheiros a partir do fim do século XIX, que desbravaram montes e vales e ergueram estradas, algumas das quais ainda hoje em uso, criavam o relevé apropriado (a inclinação lateral das curvas ser inversa) para as viaturas, e hoje os engenheiros com AutoCad e sei lá que mais de técnicas computadorizadas criaram vários relevés ao contrário. Um dos melhores exemplos ocorre naquilo a que chamaram a melhoria da estrada regional Ribeira Grande até aos Barreiros (a seguir à Gorreana) ...será que não estudaram as leis da física, força G, etc.? Há estradas sinuosas que parecem perigosas e difíceis de debelar e, por vezes, passados alguns quilómetros, concluímos que apresentam níveis de segurança muito aceitáveis.

Contraditoriamente, por vezes, grandes IP's e Autoestradas aparentam ser tapetes largos e presumivelmente fáceis de percorrer, inspirando uma confiança "pouco merecida" nos condutores. Basta a inclinação lateral das curvas ser inversa (como se diz na gíria - ter o relevé ao contrário), serem desmesuradamente prolongadas, ou criarem grande aceleração lateral nos veículos - e o perigo pode espreitar. Conheço pessoas muito bem-intencionadas e disciplinadas na sua condução, que já foram surpreendidas por "armadilhas" deste tipo.

A UNESCO descobriu algo que ando a escrever há anos... filosofia é fundamental para sociedades livres e plurais, deve ser por isso que o facilitismo é rampante nas nossas escolas onde se passam todos, saibam ou não ler e escrever e assim vão rumo ao precipício como lémingues naquele filme do Disney em 1958.

Só que o filme é um mito. uma investigação feita em 1983 revelava que a cena era uma fraude e que não passava de uma montagem: **não foi suicídio em massa, os animais foram lançados deliberadamente ao mar**. De acordo com o **El País**, a pesquisa, levada a cabo por um produtor da Canadian Broadcasting Corporation, Brian Vallee, concluiu que era **impossível os roedores terem caído ao mar** por duas razões: primeiro, porque a cena foi filmada no rio Bow, no Canadá, uma área que não é o habitat natural dos lemingues, ou seja, tudo levar a crer que os produtores do documentário capturaram os animais e levaram-nos até lá; segundo, a pesquisa revela que as filmagens foram conseguidas com a ajuda de uma plataforma giratória, com o objetivo de simular a queda dos lemingues do penhasco.

Algumas tribos das regiões árticas acreditavam que os lemingues viviam para além das estrelas e que só de vez em quando vinham até à Terra.

Já no livro *The Children's Encyclopedia* - A Enciclopédia Infantil -, de Arthur Mee, publicada em 1908, o autor refere que os animais roedores provocavam febre tifoide e causavam a destruição no mar. Os lemingues são pequenos roedores originários da Escandinávia e da Rússia e alimentam-se à base de musgo e plantas. Quando essa alimentação é abundante, as fêmeas procriam várias vezes por ano, o que faz com que a população se torne demasiado numerosa para a dimensão do seu habitat natural. Nesses casos, dá-se uma migração em massa em busca de comida e muitos dos roedores chegam até a morrer. Mas não se suicidam, ao contrário dos jovens que saem das escolas com um diploma, mas sem qualificações nem conhecimentos.

Dizia hoje uma alta responsável pelo Ministério da (Des)Educação que um "chumbo" custava seis mil euros ao país e ensinar o aluno apenas 87€ pelo que deviam ser evitados todos os chumbos. Em tempos idos, há vários anos, fiz uma proposta "Simplex" fabulosa, quando a criança nasce além do oficial do Registo Civil a recolher dados para o Cartão de Cidadão devia estar lá um funcionário do Ministério da Educação a dar o diploma do 12º ano e representantes das universidades a tentarem angariar o recém-nascido para as suas instituições.

Mas não há crise, qualquer dia não há professores... **45% dos professores em exercício têm 50 ou mais anos. Há 17 anos esta proporção estava nos 18,3%.**

Quase metade dos educadores de infância que estão no ativo têm 50 anos de idade ou mais, o que faz deles o segundo grupo mais envelhecido da classe docente.

Em todos os ciclos de escolaridade o peso daquele grupo etário teve um crescimento significativo: no 1.º ciclo passou de 20,8% para 35,6%; no 2.º ciclo de 24,5% para 49,6% (é este o grupo mais velho); e no 3.º ciclo e secundário, que é mais numeroso, subiu de 15% para 45,2%.

No conjunto dos docentes do ensino não-superior a proporção dos que têm 50 ou mais anos de idade passou de 18,3% para 45%, enquanto em sentido inverso o peso dos professores com menos de 30 anos desceu de 17% para 1,65%. No 3.º ciclo e secundário só 0,8% estão neste grupo.

Há anos que prevê isto, mas nunca nesta escala, de democracia camuflada por demagogias, populismos, e uma falsa sensação de que é o povo quem decide de 4 em 4 anos quem o vai governar. Nem isso é já verdade, claro que vai a votos e deixa o seu na urna, mas tudo foi já decidido...vejamos a declaração esta semana do ministro da ciência e tecnologia de que ia fazer de Santa Maria um centro espacial, enquanto os seus porta-vozes locais disfarçam, mal, dizendo que nada está decidido, que ainda se estão a analisar as propostas dos 12 consórcios, blá, blá, que a área de exclusão e de proteção é muito pequena, que ninguém precisa de sair das suas casas, que o combustível dos foguetões é ecológico (pf digam-me onde se compra que também quero), que só se prevêem 12 lançamentos ao ano (como se isso pudesse ser rentável para uma empresa de lançamentos), que os projetos da Nova Zelândia e da Escócia têm dimensões diferentes e não se podem comparar, e que o Éden vai continuar a ser o paraíso com as roqueiras espaciais que o senhor ministro já decidiu implantar na pequena e pobre ilha. Claro que o povo, inculto, ignorante, mal-informado aplaude, pois quer mais uns empregos na limpeza, ou na condução dos transportadores de foguetões, mais uns almoços nos restaurantes e cafés, e coisas menores que nunca foi de grandes ambições, habituado como está a ser espezinhado e maltratado ao longo dos séculos. Não sei porquê, mas as ambições dos que ouvi a defenderem o projeto como se fosse a segunda vinda do Messias ou a entrada dos Açores na reescrita da História da Humanidade, fez-me evocar a cena dos senhores feudais do alto das ameias a atirarem umas moedas ou migalhas aos servos da gleba que tiravam o chapéu e aplaudiam a generosidade dos seus senhores...

Quando num programa televisivo um secretário regional diz que o governo foi eleito para tomar decisões e não vê a necessidade de referendar a opinião dos cerca de 5 mil marienses já se compreende melhor o que é a democracia teleguiada, e isto fez-me evocar, vá-se lá saber por que razão

"A "democracia vigiada" do falecido Presidente Suharto, da Indonésia, permite um progresso económico notável e o general de sorriso constante, voz clara e forte, e de fala pausada, passa a ser entre seu povo, o Bapak Pembangunan (Pai do desenvolvimento). Curiosamente, quando se ressentiu o desenvolvimento, com a crise financeira asiática de 1997, o seu regime autocrata, considerado um dos mais corruptos do mundo, vem abaixo".

De facto, a atual arrogância, prepotência, sobrançeria dos governantes nestas últimas décadas parece uma "democracia vigiada" e cujo fim pode estar anunciado. O compadrio, nepotismo, manobras dilatórias, e esquemas não deixam margens para grandes dúvidas, seja qual for a cor política dos que estão no poleiro. Quando se baixa o IVA das touradas a 6% e se mantêm os veterinários a 23%, as taxas, taxinhas e sobretaxas nos combustíveis, na energia, no pão, na sopa e noutros bens fundamentais, sabemos bem do que a casa gasta e não adiantará atirar areia para os olhos, pois não é suficiente para ocultar o estado de exploração em que se vive, com milhões atirados aos bancos falidos, sem se ressarcirem os desgraçados dos que ali depositaram as suas poupanças de uma vida, com milhões roubados ou emprestados a corruptos e donos disto tudo sem nunca se ir atrás desses milhões, que o povo, calado e sereno, continua a pagar com o suor do seu trabalho, em vão.

Como escrevia Tomás Quental nesta data, "esta não é a "minha" democracia". Nem a dele, nem a minha, nem a de muitos que pugnaram e insistem nalguns ideais de 25 abril que foram definitivamente escondidos numa gaveta sem fundo, por todos aqueles que fazem do poder o seu chicote impiedoso sobre os mais frágeis e indefesos da sociedade. Parece que a ida de Carlos César para a governação em Lisboa, envolvia a "venda" dos Açores ao preço de saldo e assim, o governo da República manda agora aqui como se não houvesse autonomia, viu-se agora com o congelamento do tempo de serviço dos professores e veremos muito mais, quando se tratar de vender o Mar dos Açores. Fica aqui escrito como se previu o que irá acontecer.

Da trapalhada da SATA e das inúmeras companhias que o governo regional prometeu extinguir, o melhor é nem falar tão grandes são as suas dívidas e as dúvidas do que lhes pode acontecer. Mas a única conclusão que me vem à cabeça é que, nestes anos todos, nem uma só dessas companhias (exceto a EDA que é como um casino, uma máquina de fazer dinheiro) funcionou decentemente e apenas serviu para colocar filhos, enteados e demais familiares da classe a que se chama e bem de muitos boys e poucas girls).

É muito desânimo para uma pessoa da minha idade, muita desilusão, muito sonho roubado, muita esperança estiolada, muito futuro hipotecado por aqueles em quem votei, em quem acreditei e que sempre defendi.

CRÓNICA 225 A CULPA É DAS VACAS....FARTO DO POLITICAMENTE CORRETO 7.12.18

Desde a década de 1990 quando na Austrália, por motivos profissionais, era por obrigação e força da lei, incumbido de seguir as normas terminológicas do politicamente correto, fazia-o, apesar de contrafeito.

De regresso a Portugal vi uma atitude diferente nos "contristas" que se opunham ao AO 1990, e as razões que me apresentavam eram diferentes das que eu tivera...mas adiante... sabemos todos que o politicamente correto vem dos tempos originais do marxismo como se lia magistralmente na obra de George Orwell "1984" e "O triunfo dos porcos", mas nunca imaginei que nos parlamentos do mundo ocidental passasse quase a ser obrigatório e contorço-me de raiva e dor ao ouvir "Portugueses e Portuguesas" ou "Açorianos e Açorianas"... está errado, estamos a esquecer nessa pseudodistinção de género, os de género neutro, os de género misto, e todas as suas variantes, como há meses foi ridiculamente exemplificado por um parlamentar de direita na Alemanha citando quase 20 géneros distintos....

Passemos adiante, a última do politicamente correto que me incomoda e a que muitos, amigos e conhecidos meus, gente de causas, aderiram a todo o gás, é o de cortar no consumo e produção de carne de bovino por causa da poluição....

Não desmerecendo a produção de metano, e outras consequências cruzadas, umas positivas e outras negativas, estamos a atribuir um quociente de importância demasiado a este fator, e não, não acredito que todos os seus proponentes sejam vegetarianos ou vegan....

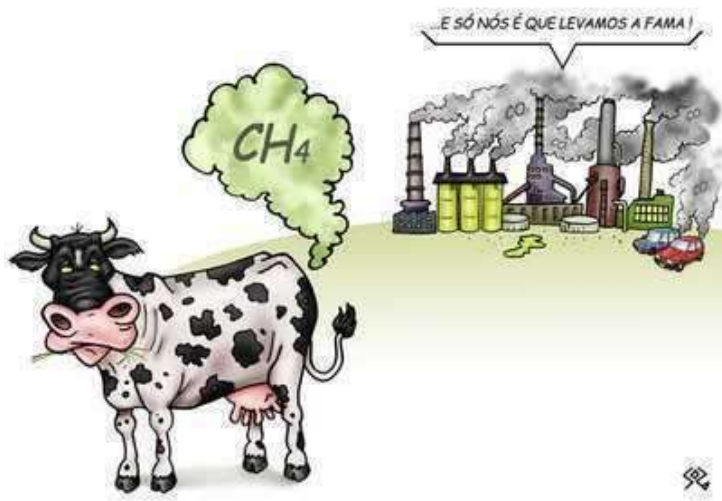
Mas sei que foram eles (e não cientistas) quem começou esta moda e a introduziu nalguns parlamentos

Entretanto, vários países estão a participar na Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (COP24), na Polónia onde o naturalista britânico Sir David Attenborough lançou o alerta: estamos a caminho da extinção "da maior parte do mundo natural" e do colapso das civilizações...e a BBC fez uma lista que mostra como a Terra está a reagir às alterações no clima.

1) O planeta está a ficar cada vez mais quente

2) 2018 foi um ano de recordes (esta semana, a Madeira bateu um recorde de 154 anos ao atingir 26,9 °C)

- 3) Quem são os principais responsáveis: China e EUA são os países com maior taxa de emissão de gases poluentes.
- 4) Áreas urbanas sob ameaça... (sobretudo na Ásia e África)
- 5) E o Ártico também...



Resta saber se isto ainda se aplica "Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma". A-L de Lavoisier [n. 1743].

Desde que o Acordo de Paris foi assinado, em dezembro de 2015, começando a vigorar em novembro de 2016 o mundo assistindo a recordes de temperatura e desastres naturais extremos.

Muitos causados pelo clima (como todos nos querem fazer crer) e outros pela deliberada manipulação deste.

Houve alguns pequenos avanços com 57 países a baixar as emissões de gases de efeito estufa para os níveis necessários para conter o aquecimento global e existem 51 iniciativas de "preços de carbono" em prática; cobrando aqueles que lançam dióxido de carbono por tonelada emitida.

Das doações anuais de US\$ 100 mil milhões por ano para combater a ação climática em países em desenvolvimento 70 foram conseguidos.

A presidência polaca do COP24 pretende adotar regras e ferramentas para todo o mundo em termos de emissões de gases com efeito de estufa, como os transportes, a energia, a construção ou a agricultura, equilibrando emissões e criando medidas para adaptar as economias às mudanças decorrentes das alterações climáticas.

Mas foram discutidas centenas de outros temas, da indústria aos transportes, da água aos oceanos e zonas costeiras, da energia ao uso da terra, das finanças ao consumo responsável, da inovação ao desporto ou ao turismo.

A COP24 acontece poucos meses depois de um grupo de peritos da ONU ter avisado que é urgente tomar medidas para impedir que o aquecimento global ultrapasse os 1,5 graus celsius em relação à época pré-industrial... mas estes cientistas não são os mesmos que nas décadas de 70 e 80 nos avisavam para a míni-era glacial que aí vinha?

Bem, voltando ao início desta crônica, já em 2009 se liam notícias de que apesar do seu ar inofensivo, vacas, búfalos ou camelos são das maiores ameaças para o ambiente.

A produção de carne e as emissões de gases destes animais contribuíam 18% para o aumento do aquecimento global, ou seja, mais do que o setor dos transportes (13,5% (in <https://www.dn.pt/ciencia/biosfera/interior/vacas-e-ovelhas-poluem-mais-do-que-os-carros-1262025.html>) mas havia soluções experimentadas já nas vacas em Vermont, Estados Unidos, com a introdução de uma nova dieta. Em vez das habituais refeições de milho e soja, comiam alfafa, sementes de linhaça e trevos.

Os dados recolhidos mostram que os níveis de metano enviados para a atmosfera desceram 18%, enquanto a produção de leite se mantinha. A nova dieta era responsável pela descida das emissões poluentes: os alimentos são mais fáceis de mastigar e digerir o que faz com que os animais engulam menos ar ao comer.

Estudos de 2018 afirmam que bois e vacas produzem muito metano, um gás que contribui com 23% do efeito estufa e é 21 vezes mais ativo que o gás carbónico na retenção dos raios solares que aquecem o globo! Mas depois fui ver melhor e li que se tratava de um sítio vegan:

"A exploração animal atualmente é a maior causa de desflorestação, consumo de água, poluição, além de ser a responsável pela maior emissão de gases de estufa, levando à destruição da floresta tropical, extinção de espécies, perda de habitat, erosão do solo, zonas mortas nos oceanos, entre outros desastres ambientais, sem que se oponham à sua propagação".

Segundo se divulgou no Fórum Económico Mundial realizado em São Paulo, Brasil, está disponível um suplemento alimentar inibidor da biogénese do metano produzido pelos bovinos, que uma vez ingerido na alimentação desses animais é capaz de reduzir em 1/3 a emissão desse gás.

Deixar de comer carne para reduzir a emissão de GEE não é a solução. Isto até pode aumentar a concentração desses gases na atmosfera, visto que a ausência de bovinos reduz a produção do pasto, cujo desenvolvimento pode sequestrar mais carbono do que o emitido pelos ruminantes. Deixemos o boi comer o capim.

A nossa responsabilidade deve concentrar-se na prática de uma agropecuária sustentável, para o que, além de recuperar pastagens degradadas, precisamos aumentar o plantio de florestas, integrar a produção agrícola com a pecuária, incrementar o plantio direto na palha, promover maior inoculação das sementes de soja para reduzir a necessidade da adubação nitrogenada via maior fixação biológica de nitrogénio e aumentar o tratamento dos dejetos dos animais.

Uma pesquisa divulgada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) indicou que, no período chuvoso, quando os bovinos são alimentados por rações de boa qualidade, a emissão de gás metano no meio ambiente é cerca de nove vezes menor do que no período seco, quando as pastagens são escassas. O resultado contrapõe pesquisas estrangeiras que apontavam a pecuária brasileira como poluidora ambiental.

Sem querer ofender cientistas, a maioria investiga o que os seus patrocinadores querem que investiguem, sem querer ofender os vegetarianos e outros, não li em muitas horas de pesquisas para alinhar estes parágrafos uma só nota sobre o efeito que teria na vida do Homem o corte da carne de bovino.

Sabe-se que todas as sociedades ao longo de milhares de anos foram carnívoras e a mudança dessa dieta traria problemas de saúde, de crescimento, de desenvolvimento humano que ninguém ousou elencar.

Por isso, deixem de acreditar em tudo o que leem e Al Gore tem andado tem andado a dizer e reduzam as emissões sem extinguir a produção de carne...Simple, my dear Watson



Surgiram nos últimos dias na comunicação social portuguesa, relatórios (entretanto desmentidos) que o pequeno partido PAN queria extirpar da língua portuguesa e dos provérbios (e dos adjetivos não?) as menções menos abonatórias em relação a animais. Pondo de parte as motivações de NOVILÍNGUA que logo me vieram à mente (onde o George Orwell com o "1984" e "O triunfo dos porcos" me acompanham há décadas), achei de uma abissal ignorância a ideia proposta. Pior ainda daquela dos Portugueses e Portuguesas, Açorianos e Açorianas, mais as suas 20 variedades de género que muitos confundem com sexo.

Um dos textos mais brilhantes que li e aqui transcrevo (origem anónima) dizia "Tenho aqui "uma pulga atrás da orelha": ou há "gato escondido com o rabo de fora" ou então temos mesmo que "agarrar o touro pelos cornos" e preservar os provérbios portugueses carregados de significado semântico.

Sempre ouvi dizer que "mais vale um pássaro na mão que dois a voar" e, sinceramente, deixar voar tanta simbologia vai deixar-nos como "peixes fora de água" em algumas conversações. Vale que "cão que ladra não morde" e às vezes há mesmo que "engolir um sapo".

Desculpem se estou para aqui a desbobinar "cobras e lagartos" mas eles deviam era estar "caladinhos que nem um rato" e tirar "o cavalinho da chuva", porque, "macacos me mordam", acabar os provérbios com animais é o mesmo que deixar de "falar como um papagaio", que é uma coisa que eu adoro.

Os políticos às vezes são "chatos como uma carraça" e só dá vontade de lhes gritar "vai-te embora ó melga! , vai-te encher de moscas!". Não tarda proibem todas as histórias com bichos e até quem se apaixona fica proibido de sentir "borboletas na barriga" ou de "ir ver a foca" (esta é só para quem é de Coimbra!).

Enfim, "os cães ladram e a caravana passa".E agora, se quiserem, partilhem, que "a cavalo dado não se olha ao dente" e embora "ovelha que berra é bocado que perde" eu não tenho medo pois "quem tem medo compra um cão". Definitivamente, neste país, temos é que aprender a ser "espertos que nem uma raposa" para não "andarmos para trás como o caranguejo".

Apesar do desmentido que se transcreve (do [PAN ::: Pessoas-Animais-Natureza](#)) não resisto a terminar a crónica, com sugestões para o PAN considerar da próxima vez que vier, com mais força, abordar o tema. No seguimento de notícias falaciosas que afirmam que o PAN pretende alterar provérbios que contenham referências a animais, o partido informa o seguinte:

1. O PAN foi contactado por órgãos de comunicação social para dar o seu parecer sobre uma campanha da PETA sobre frases e provérbios com referências violentas a animais nos Estados Unidos da América, um país com um contexto legislativo e sociocultural bastante diferente do português.

2. Em momento algum o PAN defendeu ou disse que acompanhava a campanha americana da PETA, nem sequer referiu que iria ou queria alterar provérbios com referências a animais.

3. A resposta do PAN a esta questão foi e é simples: o PAN não vai apresentar nenhuma iniciativa sobre este assunto e considera que este não é um tema prioritário na sociedade portuguesa, apesar de perceber que atualmente existe vontade de reflexão social sobre este tipo de questões associadas a discursos que veiculam a violência, de forma mais ou menos consciente, reflexão que pode ser relevante para as/os ativistas que trabalham nesta área.

...

Ora, a propósito da alegada proposta do PAN e da PETA de extirpar os provérbios supra desmentida, concordo plenamente que língua deve ser neutra para poder ser usada por robôs e outros membros da comunidade de Inteligência Artificial, pelo que devemos começar a revolução já, quase todas as frases em todas as línguas, vejamos por ex.º em PT as piadas contra os alentejanos, nortenhos, louras e outros...vamos retirar tudo da linguagem até ficar neutra de sexismos, animalismos e alentejanismos....

AQUI PROPONHO UMA NOVA VERSÃO EM NOVILÍNGUA PAN

A cavalo dado não se olha ao dente	A PAN dado não se olha ao dente
A galinha da vizinha é sempre melhor que a minha.	A PAN da vizinha é sempre melhor que a minha.
À noite todos os gatos são pardos	À noite todos os gatos são PAN
Agarrar o touro pelos cornos	Agarrar o PAN pelos cornos
Andarmos para trás como o caranguejo	Andarmos para trás como o caranguejo
Cada macaco no seu galho,	Cada PAN no seu galho,
Caladinhos que nem um rato	Caladinhos que nem um PAN
Cão que ladra não morde	Pan que ladra não morde
Chatos como uma carraça	Chatos como um PAN
Cuidados e caldos de galinha, nunca fizeram mal a ninguém	Cuidados e caldos de PAN, nunca fizeram mal a ninguém
Engolir um sapo	Engolir um PAN
Espertos que nem uma raposa	Espertos que nem um PAN
Falar como um papagaio	Falar como um PAN
Filho de peixe sabe nadar.	Filho de PAN sabe nadar.
Gaivotas em terra temporal no mar.	Pan em terra temporal no mar.
Gato escondido com o rabo de fora	Pan escondido com o rabo de fora
Grão a grão, enche a galinha o papo	Grão a grão, enche o PAN o papo
Loura burra	Loura PAN
Macacos me mordam	Pan me mordam
Mais vale um pássaro na mão que dois a voar	Mais vale um PAN na mão que dois a voar
Não adianta lamentar a morte da bezerra	Não adianta lamentar a morte do PAN
O primeiro milho é para os pardais.	O primeiro milho é para o PAN.
Os cães ladram, mas a caravana passa.	O PAN ladra, mas a caravana passa.
Ovelha que berra é bocado que perde	Pan que berra é bocado que perde
Peixes fora de água	Pan fora de água
Pela boca morre o peixe.	Pela boca morre o PAN
Quem não quer ser lobo não lhe vista a pele	Quem não quer ser PAN não lhe vista a pele
Se a ferradura trouxesse sorte, burro não puxava carroça	Se a ferradura trouxesse sorte, PAN não puxava carroça
Tenho aqui "uma pulga atrás da orelha	Tenho aqui "um PAN atrás da orelha
Tirar "o cavalinho da chuva"	Tirar "o PAN da chuva"
Um burro carregado de livros é um doutor.	Um PAN carregado de livros é um doutor.
Um olho no peixe outro no gato	Um olho no PAN outro na língua
Vai-te embora ó melga! , Vai-te encher de moscas!	Vai-te embora ó PAN! Vai-te encher de PAN!
Vozes de burro não chegam aos céus.	Vozes de PAN não chegam aos céus

Desde tempos imemoriais que natal não é sinónimo de momentos agradáveis na memória deste autor. Lembro-me bem do natal antigo... das prendas que eram trazidas pelo menino Jesus e ora vêm de rena com o pai natal. Isto passou-se até aos sete anos, data em que descobri as ditas escondidas, por cima do guarda-fatos dos pais, e aí perdi a virgindade do natal. Por mais que me tente recordar poucos terão sido os brinquedos que tive no "sapatinho" ou na "meia" da árvore de natal. Hoje com a sofreguidão típica desta geração de "baby-boomers" dá-se tudo aos filhos e eles vão pedindo mais e melhor, insatisfeitos com o muito que têm nesta sociedade consumista que a todos assola e assolapa de dívidas. Ninguém se contenta com umas camisolas, camisas, meias ou algo assim, querem todos o último modelo de smartphone ou PlayStation.

Lá fora brilham as luzes, mas eu gostava era que fosse natal sempre e não apenas quando os calendários mandam. Este ano será um natal com a família reduzida e amigos, nem no país, nem na região que se sonhava em Sydney (Austrália) há umas décadas, mas hossanas e bênçãos deveriam ser dados por poder desfrutar dele.

Uma recordação indelevelmente associada à infância passada, é a dos saltimbancos que apareciam, na época do natal, para fazerem as suas acrobacias na rua em troco duns tostões. Eram em geral famélicos e escanzelados e divertiam-nos com as suas habilidades. Jam desde os palhaços a um outro a vomitar fogo, a outros marchando em cima dumas "andas" e outros números que a memória deixou escapar. Nunca excediam uma meia dúzia de artistas que assim ganhavam a vida e o que me espantava é que houvesse já mulheres naquele meio, numa era em que elas estavam quase totalmente apagadas da sociedade caseira que lhes era imposta.

Claro que vos podia falar do natal, da paz e daquelas coisas que as pessoas falam nesta época, porque no resto do ano andam muito deprimidos ou muito atarefados a tentar sobreviver para se lembrarem delas. Afinal o natal de que eu me lembro não é de Santa Klaus, mas do Menino Jesus e das prendinhas no sapatinho. Agora é demasiado consumista.



Li num jornal que em cada intervalo nos canais infantis há dez minutos de publicidade a condicionarem ou lavarem o cérebro aos jovens e levá-los a desejar mais esta e aquela prenda, obviamente eletrónica e moderna = cara. Para quê todo este desperdício de dinheiro em coisas maioritariamente inúteis, quando seria bem mais salutar promover valores imateriais.

Estou a ficar cota, aquilo que na minha juventude se chamava de bota-de-elástico, mas ainda creio nos valores da família e estes não se devem revelar apenas uma vez por ano na consoada. Devem ser alimentados e nutridos ao longo do ano, sem prendas nem comida especial apenas pela mera fruição da companhia, com a televisão (esse invasor alienígena) desligada. Então, no fim das refeições as pessoas ainda tinham tempo para falar, para sonhar, para trocar impressões e fazer correções ao seu percurso de vida. Devo estar a ficar senil e saudosista, mas é disso que eu tenho saudades. As pessoas hoje andam demasiado ocupadas e não falam, quando o fazem é para comentar uma telenovela da TV, um escândalo público, ou qualquer outra trivialidade. Ou então deprimidas com a sua situação pessoal, profissional ou a do próprio país.

Nem sequer têm tempo para pararem, e pensarem, onde estão, donde vieram e NÃO PARA ONDE VÃO, mas PARA ONDE QUEREM IR. Claro que há as mensalidades por pagar, os estudos dos filhos, e outras preocupações que quando o cansaço se instala e já deitadas mal lhes sobram energia para conversarem. É isto o ideal de vida que nos reservam os tempos atuais e – cada vez mais será pior daqui por diante – e não gosto dele, nem foi para isto que lutei na juventude em inúmeras discussões filosóficas em tertúlias de amigos que se prolongavam pela noite dentro.

Ainda mantenho sonhos e quero realizá-los partilhados, sem ser com uma série televisiva que nos anestesia e deixa num torpor onde não resta lugar para a inteligência ou para o pensamento crítico. Hoje devo dar graças por ainda estar aqui e ter sido um privilegiado por ter vivido nos quatro cantos do mundo, ter aprendido o que aprendi com familiares, amigos e desconhecidos, de línguas e culturas diferentes desde a minha juventude recatada aos meus anos "hippies" a uma falta de maturidade notória na idade do meio e uma certa tranquilidade nesta opção de assentar aos 45 e concentrar-me apenas em coisas que são de valor para os outros e me dão prazer imaterial.

Sinto-me feliz e orgulhoso dos "meus" Colóquios Anuais da Lusofonia, a que o ano todo, que são a minha forma de dar de volta algo a essa comunidade abstrata em que estou integrado e que nada me deu de palpável. Essa intangibilidade da minha dádiva permite-me por outro lado uma satisfação pessoal que não tem eco em mordomias ou benfeitorias materiais. Esta era afinal a minha mensagem de natal, para que todos, novos ou menos novos, disponham dumas horas do seu tempo neste percurso terreno para dar de volta à sociedade algo que tenham aprendido e se possa transmitir aos outros, sem ser por dinheiro, fama ou qualquer outro atributo egoísta ou materialista.

Espero haver quem me ouça neste natal e faça suas as minhas palavras pois este era o presente que eu queria no meu sapatinho, mas esqueci-me de escrever a tempo ao Menino Jesus, pois nos CTT só sabiam o endereço do Pai Natal e esse eu não queria. Eu sigo esta longa caminhada dando graças pela felicidade de estar vivo, lúcido e atuante, após muitas vidas que já vivi, dedicando-me a partilhar saberes e culturas múltiplas sem epifanias, tentando manter viva essa aberração dos nossos dias que é a família nuclear e deixando um legado que nenhum fariseu aceitaria, em epístolas como esta, para que o natal seja vivido em cada dia do ano e não apenas quando os comerciantes nos tentam seduzir, mesmo a nós pobres saduceus da atualidade com promessas de felicidade material que só aumentam o nosso servilismo perante os nossos verdadeiros donos, os bancos.

Só podemos dar aquilo que temos. E desenvolver uma atitude positiva é o primeiro passo para tornar este mundo um lugar muito mais habitável. A vida é bela? É, se assim o quisermos. Mas a verdade é que se pensa nos otimistas como um

dos extremos da balança que tem no outro prato os pessimistas e no centro a virtude, ou seja, os 'realistas'. Cada vez mais, no entanto, o otimismo é visto como o verdadeiro realismo: uma espécie de realismo emocional, que através de uma percepção positiva nos ajuda a ver a vida com outros olhos, e, graças a isso, a construir uma vida melhor.

"As pessoas otimistas são aquelas que acham que a vida vale a pena ser vivida". Mesmo que a nossa cultura permaneça mais adepta do noivado do sepulcro do que de um amor feliz, está nas nossas mãos lutar contra isso. Ser otimista não depende das circunstâncias, mas da atitude. Está cientificamente provado que as pessoas pessimistas têm probabilidades mais fortes de viver deprimentes, com uma saúde mais debilitada visto serem um tipo de pessoas que se desleixam na sua própria saúde. E com isto influenciar para uma morte precoce. Em contrapartida as pessoas que tem atitudes otimistas levam uma vida mais feliz, mesmo perante as desgraças são pessoas que conseguem rir e encontrar algo positivo e engraçado.

PS: continuo ateu, apesar de tudo. Graças a deus... um bom natal a todos qualquer que seja a religião ou crença que partilham.

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA,
LER UMA BOA POESIA,
VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL,
DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS.
GOETHE

Inédito não publicado, não citar

Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moínhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua mátria desconhecida, partiu à conquista do "lulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um "Anno Horribilis" no Verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um milhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígine a falar crioulo português há mais de 450 anos, na propecta Bragança descortinou a sua mátria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta "Atlântida" onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.

Badana direita



chrys@lusofonias.net -

J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Galego-Português, Brasileiro (carioca), Alemão, do lado paterno, Português e marrano transmontano do materno.

Publicou em 1972 o seu primeiro livro "**Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1**" (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria.

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até hoje dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Electricidade de Macau. Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/ Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Divulgou desde 1985 a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul).

Foi Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Leccionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sidney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sidney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese "**Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975**" (ensaio político), esgotado ao fim de três dias.

Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia "**Crónicas Austrais 1976-1996**".

Em 2005 publicou o "**Cancioneiro Transmontano 2005**"

Nesse ano publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia "**Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter**".

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Dorez (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a **Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos** para inglês

Em 2012 traduziu de Caetano Valadão Serpa "**Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino.**"

Desde 2005 traduziu vários excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia (Antologias).

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia "**Chrónica Açores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores**, (esgotado)" cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia "**Chrónica Açores: uma Circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores**" (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia "**Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)**", a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de "**Crónicas Austrais 1978-1998**".

Também em 2015 editou a obra completa dos 3 volumes da "**Trilogia da História de Timor**"

Em 2015 fez a revisão e compilação da obra de Dom Carlos Ximenes Belo, "**Padre Carlos da Rocha Pereira. Missionário açoriano em Timor**", vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor, ed. AICL e Moinho Terrace Café

Em 2017 lançou o seu opus magister "**Bibliografia Geral da Açorianidade**" em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Em 2017, reviu, adaptou e traduziu para inglês o livro "**O Mundo Perdido de Timor-Leste**" de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich

Lançou em 2018 "**Fotoemas**", foto e-book, com fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores, de Chrys Chrystello edição e-livro <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>

Em 2018, fez a revisão e compilação de "**Missionários açorianos em Timor**" vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

Em 2018 finalizou o volume 3 de "**Chrónica Açores uma circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores**" cronicando as suas viagens pelo mundo

Completo a **Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (Obras completas de poesia)**

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online,

2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - Oceania - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

<https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> www.lusofonias.com

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2018 - SEM CORTES (CRÓNICAS 188 A 227 -2018)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER
ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE